HISTORIA
DA
FELIZ ACCLAMAÇÃO
DO
SENHOR REI
D. JOÃO O QUARTO,

COM HUMA SERIE CHRONOLOGICA
DOS
SENHORES REIS DE PORTUGAL;

Épocas do seu Nascimento; Pátria; Idade em que começárão a Reinar; Casamentos; Filhos; Lugar onde falecêrão; onde jazem; e as suas acções mais gloriosas,

QUE
AOS ILL.mos, E EX.mos
NETOS DAQUELLES HEROES,
Que tanto se distinguírão na memoravel Empreza da Acclamação,

OFFERECE
ROQUE FERREIRA LOBO,
Administrador do Correio do Reino,

LISBOA. M. DCCCIII.

NA OFFICINA DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

Com Licença da Meza do Desembargo do Paço.

Historia testis temporum, memoriæ,
Vitæ magistra, nuntia veritatis.

Cicero. Lib. 2. de orat. ad Quintil.

ILL.^{mos}, E EX.^{mos} SENHORES.

A Presente Historia da Feliz Acclamação do Senhor Rei D. João IV., que tenho a honra de offerecer a VV. EXCELLENCIAS póde arriscar-se á detracção de algum ignorante, que a julgue superflua. He verdade que ella consta de varios Historiadores; com tudo nós a não temos em hum só Volume separada, senão a mal escrita Restauração de Portugal prodigiosa, *pelo Doutor Gregorio de Almeida, sábiamente prohibida pelo Senhor Rei D. José, de saudosa memoria, por conter huma indiscreta superstição de Profecias, e de sinaes nos Planetas.*

A ii Es-

Este o motivo que me obrigou, em utilidade pública, a escrevella n'huma linguagem pura, extrahindo-a dos mais correctos Escritores, e reduzindo-a a hum só Volume, para mais cómmodamente chegar ás mãos de todos, ainda nas Escólas das primeiras Letras, para que a mocidade se instrúa, e saiba os sentimentos de honra, amor, e fidelidade, com que a Nação Portugueza venerou sempre os seus legitimos e Augustos Soberanos.

A VV. EXCELLENCIAS *compete o defendella, por exemplares, e justissimos Titulos, como primeiros defensores do Throno, e da Monarchia.*

De VV. EXCELLENCIAS

Muito affectuoso Venerador, e obrigado

Roque Ferreira Lobo.

FUNDAÇÃO
DA
MONARCHIA PORTUGUEZA,
E
SERIE CHRONOLOGICA
DOS
SEUS AUGUSTOS SOBERANOS.

ANtes de chegar ao principal objecto desta recopilada Historia, que são os motivos que concorrêrão para a feliz Acclamação do Senhor Rei D. João IV., e as circumstancias, em que se achava este Reino, desde o tempo das maiores perturbações, em que o puzera a falta de Suc-

Successão, não me pareceo improprio dar primeiramente huma idéa da Fundação desta Monarchia, e dos Augustos Soberanos, que a tem governado, desde as suas primeiras gloriosas Conquistas. Esta noticia servirá summariamente para mais clara instrucção da mesma Historia, servindo-lhe igualmente de fundamento, e de introducção.

Segundo as melhores opiniões, teve Portugal primeiramente o nome de Lusitania, Dizem, que Tubal, Neto de Noé, cento e cincoenta annos depois do Diluvio, viera da Italia á parte mais occidental da Europa, onde se agradáia do sitio, a que chamamos hoje Setubal, e alli fôra o primeiro Fundador da Hespanha.

Fo-

Forão-se dilatando as Povoações de idade em idade, até se dividirem em Reinos. Na carreira dos Seculos teve o da Lusitania, ou Portugal, humas vezes Reis, outras fôra formado em differentes Governos, elegendo Capitães, que vencêrão varias Nações.

Consta que os Carthaginezes, e os Romanos disputárão entre si o Imperio destes Reinos, e o possuírão successivamente. Os Alanos, os Suévos, os Vandalos, e todas as Nações barbaras, que chamadas geralmente Godos, innundárão a Europa, no principio do quinto Seculo, se fizerão Senhores das Hespanhas todas. Portugal teve algumas vèzes Reis particulares, e outras foi reunido ao Dominio dos

Prin-

Principes, que reinavão em Castella.

No principio do oitavo Seculo, e no Reinado de Roderick, ultimo Rei dos Godos, passárão os Mouros vassallos do Caliphe Almanzor, da Africa á Hespanha conquistando-a, e estendendo o seu Dominio por ella toda, á excepção das montanhas das Astúrias, aonde os Christãos se refugiárão, commandados pelo Principe D. Pelayo, que lançou alli os fundamentos do Reino de Leão, ou Oviedo.

Portugal seguio o destino das outras Provincias de Hespanha, passando semelhantemente para o Dominio dos Mouros. Estes barbaros estabelecêrão aqui differentes Governos, que depois da morte do famoso

so Almanzor se fizerão independentes huns dos outros, inaugurando-se em pequenos Soberanos. A emulação, e a cubiça de interesses os desunio; e o luxo, e a molleza os acabou de perder.

Na sequencia dos Tempos, e no principio do duodecimo Seculo, sendo Rei de Leão, em Castella, D. Affonso VI., passou de França a servillo na guerra contra os Mouros (1) o Conde D. Henrique, Filho legitimo do primeiro Duque de Borgonha, e Bisneto de Roberto, Rei de França. Este Principe animado daquelle zelo, que formava as Cruzadas daquelle tempo, tinha passado á Hespanha, para abalizar o

(1) Origem da Casa Reinante de Portugal.

o seu grande valor, contra os Infiéis. Fez as primeiras campanhas debaixo das ordens de Rodrigo de Bivar, esse Capitão célebre, a quem chamárão o grande Cid.

Distinguio-se tanto o Conde D. Henrique, naquellas guerras de Religião, que depois de conseguir gloriosas conquistas sobre os Mouros, sendo já Commandante em Chefe dos seus Exercitos, o Rei D. Affonso VI. o casou com a Infanta D. Thereza, sua Filha, dando-lhe em dote a Cidade do Porto, as terras já ganhadas, e o mais que conquistasse. Em breve tempo conquistou Coimbra, Viseu, e as mais Povoações todas, nas Provincias d'entre Douro e Minho, Beira, e Trás-os-Montes. Sitiou Lisboa, que tambem

bem ganhou ; e sem ter o Titulo de Rei lançou os fundamentos da Soberania de Portugal.

D. Affonso Henriques, primeiro Rei de Portugal.

O Principe D. Affonso Henriques, Filho do Conde D. Henrique, e primeiro Rei de Portugal, succedeo-lhe ao seu valor, e aos seus Estados, augmentando-os por novas Conquistas. Nasceo em Guimarães aos vinte e cinco de Julho de 1109. Começou a Reinar aos vinte e quatro de Junho de 1128, tendo de idade dezoito annos, onze mezes, e quatorze dias. Faleceo em Coimbra em os seis de Dezembro de 1185, com setenta e cinco an-

annos de idade, seis mezes e vinte e sete dias. Jaz no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Acções gloriosas.

Debalde foi sitiado na Cidade de Coimbra pelos Mouros, que destroçou, livrando a Cidade, e marchando logo a escalar Leiria, Praça fortissima naquelle tempo. Depois destas victorias, passou com treze mil homens á Provincia do Além-Téjo, sujeita então a Ismar, Poderoso Rei, a quem obedecião quatro Régulos Mouriscos. Felizmente, a pezar de hum partido muito desigual, ganhou sobre elles a memoravel batalha de Campo de Ourique, vencendo-os a todos. Foi então que a huma

ma voz todo o seu Exercito o acclamou Rei de Portugal, Titulo Augusto, que depois foi reconhecido, e confirmado pela Nação, nas Cortes de Lamego, e que deixou com gloriosa justiça aos seus Successores. Destruio depois a Miramolim, Rei de Marrocos, que sitiava Santarém, com hum formidavel Exercito, e fez voto de erigir a S. Bernardo o admiravel Mosteiro de Alcobaça, que fundou. Instituio as Ordens Militares de S. Bento de Avís, e a da Aza, que durou pouco tempo. Tomou Leiria, Santarém, Elvas, e outras terras. Acabou de tomar Lisboa, e venceo ao Rei de Sevilha.

Rai-

Rainha.

D. Mafalda, Filha de Amadeo, terceiro Conde de Saboia, casou em 1146, morreo em quatro de Novembro de 1157. Jaz no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Fundou o Hospital, e Igrejas de Carnavezes, o Mosteiro da Costa em Guimarães, e outras muitas Igrejas.

Principes.

D. Henrique, que morreo menino. D. Sancho I., *Successor.* D. João. D. Mafalda, despofada com D. Affonso II. Rei de Aragão. D. Urraca, que casou com D. Fernando, segundo Rei de Leão. D. Thereza, que casou com Filippe,

pe, primeiro Conde de Flandes, e depois com Eudo, terceiro Duque de Borgonha, e jaz no Convento de Claraval em Flandes. D. Sancha.

Filhos illegitimos.

Fernando Affonso Alferes-Mór do Reino. D. Affonso Mestre da Ordem de S. João de Rhodes. D. Thereza Affonso, mulher do Conde D. Sancho Nunes, e depois de Fernão Martins Bravo. D. Urraca Affonso, mulher de Pedro Viegas, Rico Homem.

D. Sancho I.

Nasceo em Coimbra aos onze de Novembro de 1154, começou a rei-

reinar em seis de Dezembro de 1185, tendo de idade trinta e hum annos, e vinte e sete dias. Faleceo em Coimbra aos vinte e sete de Março de 1211 com cincoenta e seis annos de idade, quatro mezes e dezeseis dias. Jaz no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Acções gloriosas.

Venceo ElRei de Sevilha, em Axarafe, e aos Capitães d'ElRei de Leão em Arganhal. Tomou Tuy aos Leonezes, e varias terras aos Mouros.

Rainha.

D. Dulce, Filha de D. Ramon Berenguer, décimo quinto Conde de Bar-

Barcelona. Caſou em 1175, morreo em Coimbra em o primeiro de Setembro de 1198. Jaz no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Principes.

D. Affonso II., *Successor*, D. Pedro, Conde de Urgel, e Senhor de Malhorca, por casar com Arembiaux, Senhora do Condado de Urgel. D. Fernando, Conde de Flandes, por casar com Joanna, Filha de Baldoïno, Conde de Flandes, e Imperador de Conſtantinopla, jaz na Abbadia de Market, junto a Lila, D. Henrique, D. Raimundo, Beata Thereza, mulher de D. Affonso IX., Rei de Leão, Beatificada por Clemente XI. Jaz no

B Con-

Convento de Lorvão. D. Mafalda, que casou com D. Henrique I. de Castella. Jaz no Convento de Arouca. Beata Sancha, Senhora de Alomquer, Beatificada por Clemente XI. Jaz no Convento de Lorvão, onde foi Religiosa. D. Branca. D. Berenguela, mulher de Valdemaro II., Rei de Dinamarca. D. Constança.

Illegitimos.

Martim Sanches, Conde de Trastamara, que casou com D. Olaya Pires de Castro. D. Urraca, que casou com Lourenço Soares. Gil Sanches. Ruy Sanches. Nuno Sanches. D. Thereza Sanches, segunda mulher de D. Affonso Tello de Menezes, e D. Maior Sanches.

D.

D. Affonso II.

Nasceo em Coimbra aos vinte e tres de Abril de 1185. Começou a reinar em os vinte e sete de Março de 1211, tendo de idade vinte e cinco annos, onze mezes e quatro dias. Faleceo em Coimbra aos vinte e cinco de Março de 1223, com trinta e sete annos de idade, onze mezes, e tres dias. Jaz no Mosteiro de Alcobaça.

Acções gloriosas.

Tomou Alcacer do Sal aos Mouros. Venceo aos Reis de Sevilha, Córdova, e Badajós. Fez levantar o sitio de Elvas. Desbaratou os Mouros junto de Serpa, e a ElRei de Badajós em Alcacer.

Rainha.

D. Urraca, Filha de D. Affonso IX. Rei de Castella casou em 1201, morreo em Coimbra em tres de Novembro de 1220. Jaz no Mosteiro de Alcobaça. Deo o sitio para se fundar em Coimbra o primeiro Convento de S. Francisco.

Principes.

D. Sancho II., *Successor.* D. Affonso, Conde de Bolonha, depois Rei de Portugal. D. Fernando, Senhor de Serpa, o qual casou com D. Sancha Fernandes de Lara. D. Leonor, que casou com Valdemaro III., Rei de Dinamarca. Jaz em Ringstad.

Illegitimos.

João Affonso.

D. Sancho II.

Nasceo em Coimbra aos oito de Setembro de 1202. Começou a reinar em os vinte e cinco de Março de 1223, tendo de idade vinte annos, seis mezes, e dezeseis dias. Faleceo em Toledo aos quatro de Janeiro de 1248, tendo de idade quarenta e cinco annos, tres mezes, e vinte e seis dias. Jaz na Sé de Toledo.

Acções gloriosas.

Obrigou aos Mouros a levantar o sitio de Alcacer do Sal, e tomou-

lhe

lhe varias terras na Provincia do Alem-Téjo. Não casou, supposto haja opinião contraria.

D. Affonso III.

Nasceo em Coimbra aos cinco de Maio de 1210. Começou a reinar aos quatro de Janeiro de 1248, tendo de idade trinta e sete annos, sete mezes, e vinte e nove dias. Faleceo em Lisboa aos dezeseis de Fevereiro de 1270, com sessenta e oito annos de idade, nove mezes e onze dias. Jaz no Mosteiro de Alcobaça.

Acções gloriosas.

Logo que tomou posse do Reino, tornou a desenrolar os victorio-

sos

sos Estandartes de seus esclarecidos Predecessores; accrescentando ao seu Dominio o Reino do Algarve, ganhando aos Mouros Faro, Loulé, Albufeira, e outras terras mais.

Rainha.

Primeira, D. Mathilde, Condeça de Bolonha, Filha de Reinaldo, Conde de Dammartin, e de Bolonha, casou em 1235, e morreo em 1258. Segunda, D. Brites, Filha de D. Affonso X., Rei de Castella, e de D. Maior Guilhem de Gusmão. Casou em 1253, morreo em vinte e sete de Outubro de 1304. Jaz no Mosteiro de Alcobaça. Fundou o Hospital dos Meninos Orfãos em Lisboa. A Igreja de S. Francisco em Alom-

Alomquer, e o Convento do mesmo Santo em Estremoz.

Principes.

D. Branca, Abbadeça de Lorvão, que jaz no Convento de Huelgas de Burgos. D. Fernando. D. Diniz, *Successor.* D. Affonso, Senhor de Portalegre, que casou com D. Violante, Filha do Infante D. Manoel de Castella, e jaz no Convento de S. Domingos de Lisboa. D. Sancha. D. Maria. D. Vicente.

Illegitimos.

Fernando Affonso, Cavalleiro da Ordem do Templo. Affonso Diniz, Progenitor da Casa de Arronches.

Mar-

Martim Affonso, Progenitor da Casa das Minas. Gil Affonso. D. Leonor Affonso, mulher de Estevão Annes, e depois do Conde D. Gonçalo Garcia de Sousa. D. Urraca Affonso, que casou com Pedro Annes. D. Leonor, Freira. Rodrigo Affonso. D. Urraca Affonso.

D. Diniz.

Nasceo em Lisboa aos nove de Outubro de 1261. Começou a reinar em dezeseis de Fevereiro de 1279, tendo de idade dezesete annos, quatro mezes, e sete dias. Morreo em Santarém aos sete de Janeiro de 1325, tendo de idade sessenta e tres annos, dois mezes, e dezoito dias. Jaz na Igreja do Convento de Odivellas.

Acções gloriosas.

Incorporou ao Reino as terras da Comarca de Riba-Côa, que estavão em poder dos Reis de Castella: depois, pela sua sábia prudencia, e mais virtudes que tinha reconciliou o Rei de Castella com o de Aragão. Fortificou em paz todas as Praças do Reino. Instituio a Ordem Militar de Christo. Fundou a Universidade de Coimbra, e o Mosteiro de Odivellas. Protegeo a Agricultura, e honrou os Lavradores.

Rainha.

Santa Isabel, Filha de D. Pedro Rei de Aragão. Casou em vinte e quatro de Junho de 1282, morreo

em

em Estremoz a quatro de Julho de 1336. Canonizada em vinte e cinco de Maio de 1625 por Urbano VIII. Fundou o Convento de Santa Clara de Coimbra, onde jaz; e hum Hospital na mesma Cidade, e a Capella de Nossa Senhora da Conceição no Convento da Trindade de Lisboa. Instituio com seu marido a Festa do Espirito Sãnto em Alomquer.

Principes.

D. Constança, que casou com Fernando IV., Rei de Castella. D. Affonso IV., *Successor.*

Illegitimos.

D. Pedro, Conde de Barcellos, que

que casou a primeira vez com D. Branca Peres de Sousa. Segunda, com D. Maria Ximenes. Terceira, com D. Thereza Annes de Toledo. Fernão Sanches, que casou com D. Froila Annes de Briteiros. João Affonso, que casou com Joanna Ponce. D. Maria Affonso, que casou com D. João de Lacerda. D. Maria, Freira. Affonso Sanches, Senhor de Albuquerque, e que casou com D. Thereza de Menezes. D. Pedro Affonso, que casou com D. Maria Mendes.

D. Affonso IV.

Nasceo em Coimbra aos oito de Fevereiro de 1291. Começou a reinar aos sete de Janeiro de 1325,

ten-

tendo de idade trinta e tres annos ; dez mezes , e vinte e nove dias. Morreo em Lisboa aos vinte e oito de Maio de 1357 , tendo de idade sessenta e seis annos , tres mezes , e vinte dias. Jaz em a Igreja da Sé de Lisboa.

Acções gloriosas.

Venceo em varias occasiões aos Capitães de ElRei D. Affonso XI. de Castella. Fez diversas entradas em Galliza , e Andaluzia , e desbaratou a ElRei de Granada na batalha do Salado.

Rainha.

D. Brites , Filha de D. Sancho IV. ,

IV., Rei de Castella. Casou em doze de Setembro de 1309, morreo em Lisboa a 25 de Outubro de 1359. Jaz na Igreja da Sé de Lisboa. Instituio na mesma Sé as Capellas, e Mercearias que chamão de Affonso IV.

Principes.

D. Maria, que casou com D. Affonso XI., Rei de Castella. Jaz em Sevilha na Capella dos Reis. D. Affonso. D. Diniz. D. Pedro I., *Successor*. D. Isabel. D. João. D. Leonor, que casou com D. Pedro IV., Rei de Aragão, e jaz na Villa de Exerica.

D. Pedro I.

Nasceo em Coimbra aos oito de Abril

Abril de 1320. Começou a reinar aos vinte e oito de Maio de 1357, tendo de idade trinta e sete annos, hum mez, e vinte dias. Morreo em Estremoz aos dezoito de Janeiro de 1367, com quarenta e seis annos de idade, nove mezes, e dez dias. Jaz no Mosteiro de Alcobaça.

Acções gloriosas.

Não tendo occasião de assinalar-se pelas armas, applicou-se a governar o Reino, com inflexivel justiça, fazendo innumeraveis mercês aos seus vassallos benemeritos.

Rainha.

Primeira, D. Constança Manoel,

Fi-

Filha de D. João Manoel de Vilhena. Casou em 1340. Morreo em Santarem a 13 de Novembro de 1345, e jaz na Igreja do Convento de São Francisco da mesma Villa. Segunda, D. Ignez de Castro, Filha de D. Pedro Fernandes de Castro, o da Guerra : casou em hum de Janeiro de 1354. Morreo em Coimbra a sete de Janeiro de 1355, e jaz no Mosteiro de Alcobaça. Fundou a Capella de S. Gervaz na Parochial da Villa de Basto.

Principes.

Do primeiro Matrimonio. D. Luiz. D. Fernando, *Successor*. D. Maria, que casou com D. Fernando, Infante de Aragão, e jaz na Igre-

Igreja de Santa Clara de Coimbra. Do segundo Matrimonio D. Affonso. D. João, Duque de Valença, que casou a primeira vez com D. Maria Telles de Menezes, e a segunda com D. Constança, Filha illegitima d'ElRei D. Henrique II. de Caſtella. D. Diniz, que casou com D. Joanna, Filha d'ElRei D. Henrique II. de Castella. D. Brites, que casou com D. Sancho, Irmão do mesmo Rei D. Henrique II. de Castella.

Illegitimos.

D. João, que sendo legitimado foi Rei de Portugal.

D. Fernando.

Nasceo em Coimbra aos trinta e hum de Outubro de 1345. Começou a reinar aos dezoito de Janeiro de 1367, tendo de idade vinte e hum annos, dois mezes, e dezoito dias. Morreo em Lisboa aos vinte e dois de Outubro de 1383, com trinta e sete annos de idade, onze mezes, e vinte e dois dias. Jaz na Igreja do Convento de S. Francisco de Santarem.

Acções gloriosas.

Teve sempre em vista o socego, e a paz dos seus vassallos, acautelando, e reprimindo os roubos, e aſſaſſinos. No Archivo do Senado da

Ca-

Camera de Lisboa está huma carta célebre, que este Monarca fez escrever á Camera desta Capital, em que manda se passem Ordens para que todos os seus moradores pônhão de noite candeias nas suas janellas, e que hajão patrulhas de homens bons por todas as Freguezias, para rondarem a Cidade, a fim de evitar o damno dos malfeitores. He esta huma prova de que talvez foi Lisboa a primeira Corte na Europa, que teve illuminação. Emprehendeo tirar o Reino a ElRei D. Henrique de Castella, persuadido do Direito que lhe representavão alguns Senhores Castelhanos, os quaes lhe entregárão com effeito Çamora, Ciudad-Rodrigo, Tuy, Alcantara, &c.

Rainha.

D. Leonor Telles, Filha de Martim Affonso Tello de Menezes. Casou em 1371. Morreo em Tordecilhas, e jaz no Convento de Valhadolid.

Principes.

D. Pedro. D. Affonso, que morrêrão meninos. D. Brites, que casou com ElRei D. João I. de Castella.

Illegitimos.

D. Isabel, que casou com D. Affonso, Conde de Gijon, Progenitor dos Noronhas.

D. João I.

Nasceo em Lisboa em os onze de Abril de 1357. Começou a reinar aos 6 de Abril de 1385, tendo de idade vinte e sete annos, onze mezes, e vinte e cinco dias. Morreo em Lisboa aos quatorze de Agosto de 1433, tendo de idade setenta e seis annos, quatro mezes e tres dias. Jaz na Igreja do Convento da Batalha.

Acções gloriosas.

Ganhou a memoravel batalha de Aljubarrota, que lhe acabou de segurar a Coroa. Paſſou a Africa, onde tomou a Cidade de Ceuta aos Mouros, que unio aos seus Estados. Foi de valor intrépido, e de madura prudencia.

Rai-

Rainha.

D. Filippa, Filha de João de Gante, Duque de Lencastre. Casou em dois de Fevereiro de 1387. Morreo em Odivelas a dezenove de Julho de 1415, e jaz no Convento da Batalha. Edificou a Igreja de São Francisco de Leiria. +

Principes.

D. Branca. D. Affonso, que morreo menino. D. Duarte, *Successor.* D. Pedro, Duque de Coimbra, que casou com D. Isabel de Aragão, e morreo na batalha de Aljubarrota. Jaz no Covento da Batalha. D. Henrique, Duque de Viseu. D. Isabel, que casou com Filippe III., o bom,

Du-

Duque de Borgonha, e jaz na Igreja do Convento da Cartuxa de Dijon. D. João, Mestre da Ordem de S. Tiago, que casou com D. Isabel, Filha de D. Affonso, primeiro Duque de Bragança. D. Fernando, que foi cativo em Africa, e jaz na Igreja do Convento da Batalha.

Illegitimos.

D. Affonso, primeiro Duque de Bragança, o qual casou a primeira vez com a Condeça D. Brites Pereira. Segunda com D. Constança de Noronha. D. Brites, que casou a primeira vez com Thomaz Fitz, Conde de Arondel. Segunda, com Gilberto Talbot, Barão de Irchenfield.

D.

D. Duarte.

Nasceo em Viseu a trinta e hum de Outubro de 1391. Começou a reinar em os quatorze de Agosto de 1433, tendo de idade quarenta e hum annos, nove mezes, e quatorze dias. Morreo em Thomar aos nove de Setembro de 1438, tendo de idade quarenta e seis annos, dez mezes, e nove dias. Jaz no Convento da Batalha.

Acções gloriosas.

Achou-se com ElRei seu Pai na tomada de Ceuta, onde deo provas do seu grande valor. Pôz os olhos com toda a efficacia nas Leis do Reino, fazendo com que se ob-

ser-

servassem sem interpretação alguma.

Rainha.

D. Leonor, Filha de D. Fernando I., Rei de Aragão. Casou em vinte e dois de Setembro de 1428. Morreo em Toledo aos dezoito de Fevereiro de 1445, e jaz na Igreja do Convento da Batalha.

Principes.

D. João, que morreo menino. D. Filippa. D. Affonso V. *Successor.* D. Maria. D. Fernando, Duque de Viseu, que casou com a Infanta D. Brites, e jaz na Igreja do Convento da Conceição de Béja. D. Leonor, que casou com o Imperador Fe-

Federico III., e jaz no Mosteiro de Cister de Neustad. D. Duarte. D. Catharina, que jaz no Convento de Santo Eloy de Lisboa. D. Joanna, que casou com Henrique IV., Rei de Castella, que jaz na Igreja do Convento de S. Francisco de Madrid.

Illegitimos.

D. João Manoel, Bispo da Guarda.

D. Affonso V.

Nasceo em Cintra aos quinze de Janeiro de 1432. Começou a reinar em os nove de Setembro de 1438, tendo de idade seis annos, sete mezes, e vinte e quatro dias. Morreo em Cintra aos vinte e oito de Agos-

to

to de 1481, tendo de idade quarenta e nove annos, sete mezes, e treze dias. Jaz no Convento da Batalha.

Acções gloriosas.

Tomou Alcacer Seguer, Tangere, e Arzila aos Mouros, o que lhe mereceo o nome de Africano. Foi acclamado Rei de Castella, desposando-se com a Infante D. Joanna, Filha d'ElRei D. Henrique IV. de Castella; mas desistindo da empreza, não se effeituou o matrimonio.

Rainha.

D. Isabel, Filha do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra. Casou em seis de Maio de 1448. Morreo em

em Evora a dois de Dezembro de 1455, e jaz no Convento da Batalha. Reedificou Xabregas.

Principes.

D. João, que morreo menino. Beata Joanna, que nasceo em seis de Fevereiro de 1452, e morreo em doze de Maio de 1490. Foi Beatificada por Innocencio XII., em quatro de Abril de 1693. Jaz no Convento de Jesus de Aveiro, onde foi Religiosa. D. João II., *Successor.*

D. João II.

Nasceo em Lisboa aos tres de Maio de 1455. Começou a reinar em os vinte e oito de Agosto de

1481,

1481, tendo de idade vinte e seis annos, tres mezes, e vinte e cinco dias. Morreo em Alvôr aos vinte e cinco de Outubro de 1495, tendo de idade quarenta annos, cinco mezes, e vinte e dois dias. Jaz no Convento da Batalha.

Acções gloriosas.

Ficou vencedor na batalha de Touro, com a fugida d'ElRei de Castella: em seu tempo se costeou grande parte de Africa. Descubrio-se o Reino de Congo, e dobrou-se a primeira vez o Cabo de Boa Esperança.

Rainha.

D. Leonor, Filha do Infante D. Fer-

Fernando, Duque de Viseu. Casou em vinte e dois de Janeiro de 1470. Morreo em Lisboa a dezesete de Novembro de 1525, e jaz na Igreja do Convento da Madre de Deos, que ella fundou. Instituio a Irmandade da Misericordia. Fundou o Convento da Annunciada, o Hospital das Caldas, a Igreja Parochial da Villa da Merceana, e a Capella imperfeita da Batalha.

Principes.

D. Affonso, que casou em vinte e tres de Novembro de 1490 com a Princeza D. Isabel, e morreo em treze de Junho de 1491. Jaz no Convento da Batalha.

Illegitimos.

D. Jorge, Duque de Coimbra, que casou com D. Brites de Vilhena.

D. Manoel.

Nasceo em Alcobaça aos trinta e hum de Maio de 1469. Começou a reinar em os vinte e cinco de Outubro de 1495, tendo de idade vinte e seis annos, quatro mezes, e vinte e cinco dias. Morreo em Lisboa aos treze de Dezembro de 1521, tendo de idade cincoenta e dois annos, seis mezes, e treze dias. Jaz no Convento de Belém, que fundou.

Acções gloriosas.

No Reinado deste Principe se descubrio propriamente a India Oriental em 1497, como tambem o Brazil em 1500. As grandes Conquistas da Asia lhe derão justamente o Titulo de Imperador do Oriente.

Rainha.

Primeira, D. Isabel, Filha de D. Fernando, o Catholico, Rei de Aragão. Casou em Outubro de 1497. Morreo em Çaragoça a vinte e quatro de Agosto de 1498, e jaz na Igreja de Santa Isabel de Toledo. Segunda, D. Maria, Filha do mesmo Rei Catholico. Casou em trinta de Outubro de 1500. Morreo em Lisboa

a sete de Março de 1517. Jaz no Convento de Belém. Terceira, D. Leonor, Filha de Filippe I., Rei de Castella. Casou em vinte e cinco de Novembro de 1518. Morreo em Talaveruela aos vinte e cinco de Fevereiro de 1558. Jaz no Escurial.

Principes.

Do primeiro Matrimonio, D. Miguel da Paz, que morreo menino. Do segundo Matrimonio, D. João Terceiro, *Successor*. D. Isabel, que casou com o Imperador Carlos V. D. Brites, que casou com Carlos III., Duque de Saboia. D. Luiz, Duque de Béja. D. Fernando, Duque da Guarda, que casou com D. Guiomar Coutinho. D. Affonso, Car-

deal. D. Henrique, Cardeal, e *Successor*. D. Duarte, Duque de Guimarães, que casou com a Infanta D. Isabel. D. Maria. D. Antonio. Do terceiro Matrimonio, D. Carlos. D. Maria, que jaz no Convento da Luz, junto a Lisboa.

D. João III.

Nasceo em Lisboa em seis de Junho de 1502. Começou a reinar em treze de Dezembro de 1521, tendo de idade dezenove annos, seis mezes, e sete dias. Morreo em Lisboa aos onze de Junho de 1557, tendo de idade cincoenta e cinco annos, e cinco dias. Jaz no Convento de Belém.

Acções gloriosas.

Os seus Capitães o fizerão respeitar dos Principes da Asia, espepecialmente em Bethel, Dio, Adem, Pate, e Braçalor. Ajudou ao Imperador Carlos V., com huma grande Esquadra, para a Empreza de Tunes.

Rainha.

D. Catharina, Filha de Filippe I., Rei de Castella. Casou em cinco de Fevereiro de 1525. Morreo aos doze de Fevereiro de 1578. Jaz no Convento de Belém. Edificou a Igreja de Santa Catharina de Lisboa, e o Mosteiro de S. Jeronymo de Valbemfeito. Dotou o Collegio dos Meninos Orfãos, e instituio vinte mercearias em Belém.

Principes.

D. Affonso, que morreo menino. D. Maria, que casou com Filippe II., Rei de Castella. D. Isabel. D. Manoel. D. Filippe. D. Diniz. D. João, que casou com D. Joanna, Filha do Imperador Carlos V. D. Antonio.

Illegitimos.

D. Duarte, Arcebispo de Braga. D. Manoel.

D. Sebastião.

Nasceo em Lisboa aos vinte de Janeiro de 1554. Começou a reinar em onze de Junho de 1557, tendo de

de idade tres annos, quatro mezes e vinte e hum dias. Morreo em Africa no combate de Alcacer aos quatro de Agosto de 1578, tendo de idade vinte e quatro annos, seis mezes, e quatorze dias. Jaz no Convento de Belém.

Acções gloriosas.

Em seu tempo se conquistou Damão, e se destruio grande parte do Malabar, e todo o Mangalor. Levantárão-se os sitios de Goa, Chaul, Onor, e Chalé, no Oriente, e o de Mazagão em Africa.

O Cardeal Henrique.

Nasceo em Lisboa aos trinta e

hum

hum de Janeiro de 1512. Começou a reinar aos quatro de Agosto de 1578, tendo de idade sessenta e seis annos, seis mezes, e quatro dias. Morreo em Almeirim aos trinta e hum de Janeiro de 1580, com sessenta e oito annos de idade. Jaz no Convento de Belém.

O Reinado deste Principe foi de tão pouca duração, que nem lhe deo tempo para prevenir as desgraças que ameaçavão a Portugal, sôbre a Successão do Reino; e por tanto entrou a governallo por Direito de força no anno de 1580. El-Rei Filippe II. de Castella, conservando-se o Dominio desta Monarchia em seu Filho Filippe III., e em seu Neto Filippe IV., até ao anno de 1640, em que os Portugue-

zes

zes sacudírão o jugo do Governo estranho, sendo acclamado por seu Rei legitimo, e natural.

D. João IV.

Nasceo em Villa-Viçosa aos dezenove de Março de 1604. Começou a reinar em o primeiro de Dezembro de 1640, tendo de idade trinta e seis annos, oito mezes, e doze dias. Morreo em Lisboa aos seis de Novembro de 1656, tendo de idade cincoenta e dois annos, sete mezes, e dezesete dias. Jaz no Convento de S. Vicente de Lisboa.

Acções gloriosas.

Foi restabelecido no Throno de seus

seus Progenitores. Venceo a batalha do Montijo aos Castelhanos, e ganhou muitas victorias, não só no Reino, como na America, e no Oriente.

Rainha.

D. Luiza, Filha de D. João Manoel Peres de Gusmão, Duque de Medina-Sidonia. Casou em doze de Janeiro de 1633. Morreo no Convento das Freiras do Grilo, junto a Lisboa, que fundou, e nelle jaz sepultada. Introduzio a refórma dos Agostinhos Descalços neste Reino, e mandou erigir o Convento de *Corpus Christi* no sitio dos Torneiros.

Prin-

Principes.

D. Theodosio, que morreo em quinze de Maio de 1653, e jaz no Convento de Belém. D. Anna. D. Joanna. D. Catharina, que casou com Carlos II. Rei de Inglaterra, e jaz no Convento de Belém. D. Manoel, que morreo menino. D. Affonso VI. *Successor*. D. Pedro II., tambem *Successor*.

Illegitimos.

D. Maria, recolhida no Convento das Carmelitas de Carnide.

D. Affonso VI.

Nasceo em Lisboa aos vinte e hum de Agosto de 1643. Começou

a

a reinar em seis de Novembro de 1656, tendo de idade treze annos, dois mezes, e quinze dias. Morreo em Cintra aos doze de Setembro de 1683, tendo de idade quarenta annos, e vinte e hum dias. Jaz no Convento de Belém.

Acções gloriosas.

O Reinado deste Soberano foi acompanhado de grande número de victorias. Os seus Generaes ganhárão aos Castelhanos as batalhas de S. Miguel, Linhas de Elvas, do Ameixial, de Castello Rodrigo, e a dos Montes Claros.

Rainha.

D. Maria Francisca , Filha de Carlos Amadêo de Saboia, Duque de Nemours. Casou em dois de Agosto de 1666. Morreo em Palhavã, junto a Lisboa, em vinte e sete de Dezembro de 1683. Jaz no Convento do Santo Christo de Lisboa, de Religiosas Francezas, que ella fundou.

D. Pedro II.

Nasceo em Lisboa aos vinte e seis de Abril de 1648. Começou a reinar em vinte e tres de Novembro de 1667, tendo de idade dezenove annos, seis mezes, e vinte e sete dias. Morreo em Alcantara aos nove de Dezembro de 1706, com cin-

coen-

coenta e oito annos de idade, sete mezes, e treze dias. Jaz no Convento de S. Vicente de Lisboa.

Acções gloriosas.

Entrando na grande Alliança de 1703 a favor da Casa de Austria, ganhou aos Castelhanos Valença, Albuquerque, Alcantara, Coria, Placencia, Ciudad-Rodrigo, e Salamanca. O Marquez das Minas seu General, fez acclamar em Madrid a ElRei Carlos III. em 1706.

Rainha.

Primeira, D. Maria Francisca Isabel de Saboia, sua Cunhada. Casou em dois de Abril de 1668. Segunda,

da, D. Maria Sofia, Filha de Filippe Vilhelmo, Conde Palatino. Casou em onze de Agosto de 1687. Morreo em Lisboa aos quatro de Agosto de 1699. Jaz no Convento de S. Vicente de Lisboa. Fundou o Collegio de Jesuitas na Cidade de Béja.

Principes.

Do primeiro Matrimonio, D. Isabel. Do segundo, D. João, que morreo menino. O Senhor D. João V. *Successor.* O Senhor D. Francisco. O Senhor D. Antonio. A Senhora D. Thereza. O Senhor D. Manoel. A Senhora D. Francisca.

Illegitimos.

A Senhora D. Luiza, Duqueza de Cadaval. O Senhor D. Miguel. O Senhor D. José, Arcebispo de Braga.

O Senhor D. João V.

Nasceo em Lisboa aos vinte e dois de Outubro de 1689. Começou a reinar em nove de Dezembro de 1706, tendo de idade dezesete annos, hum mez, e dezesete dias. Morreo em Lisboa aos trinta e hum de Julho de 1750, tendo de idade sessenta annos, nove mezes, e oito dias. Jaz no Convento de S. Vicente de Lisboa.

Acções gloriosas.

Restaurou as Artes, e as Sciencias. Continuou a guerra com Castella. Promulgou utilissimas Leis. Na India conseguio importantes victorias. Fundou o Real Convento de Mafra. Erigio a Santa Igreja Patriarcal, e instituio a Academia Real, &c.

Rainha.

A Senhora D. Marianna de Austria, Filha do Imperador Leopoldo I. Casou em vinte e sete de Outubro de 1708. Morreo em Belém aos quatorze de Agosto de 1754. Jaz no Hospicio de S. João Nepumuceno de Lisboa.

Principes.

A Senhora D. Maria Barbara, que casou com ElRei D. Fernando VI. de Castella, e jaz no Convento das Salezias de Madrid, que fundou. O Senhor D. Pedro, que morreo menino. O Senhor D. José I. *Successor.* O Senhor D. Carlos. O Senhor D. Pedro, que foi Rei de Portugal. O Senhor D. Alexandre.

Illegitimos.

O Senhor D. Gaspar, Arcebispo de Braga. O Senhor D. José. O Senhor D. Antonio.

O Senhor D. José I.

Nasceo em Lisboa aos seis de Junho de 1714. Começou a reinar aos trinta e hum de Julho de 1750, tendo de idade trinta e seis annos, hum mez, e vinte e quatro dias. Morreo no Palacio da Ajuda aos vinte e quatro de Fevereiro de 1777 com sessenta e dois annos de idade, oito mezes e dezesete dias. Jaz no Convento de S. Vicente de Lisboa.

Acções gloriosas.

Fez reedificar a Cidade de Lisboa sobre as ruinas do terremoto de 1755. Promulgou sapientissimas Leis. Reformou os Estudos da Universidade de Coimbra. Instituio o Tribunai

Litterario da Meza Censoria. Estabeleceo o Erario Régio, varias Fabricas no Reino, e honrou o corpo do Commercio.

Rainha.

A Senhora D. Maria Anna Victoria, Filha d'ElRei Filippe V. de Castella. Casou em dezenove de Janeiro de 1729. Morreo no Palacio da Ajuda em quinze de Janeiro de 1781. Jaz no Convento de S. Francisco de Paula de Lisboa.

Principes.

A Senhora D. Maria I., *Successora.* A Senhora Infanta D. Maria Anna. A Senhora Infanta D. Maria Francis-

cis-

cisca Dorothea. A Senhora Princeza D. Maria Francisca Benedicta.

A Rainha Fidelissima D. Maria I. Nossa Senhora.

Nasceo em Lisboa aos dezesete de Dezembro de 1734. Começou a reinar em vinte e quatro de Fevereiro de 1777, tendo de idade quarenta e tres annos, dois mezes, e sete dias. Casou em seis de Junho de 1760 com o Senhor Rei

D. Pedro III.

Que nasceo em Lisboa a cinco de Julho de 1717. Morreo no Palacio da Ajuda em os vinte e cinco de Maio de 1786, com sessenta e

oito annos de idade, dez mezes, e vinte dias. Jaz no Convento de São Vicente de Lisboa.

Principes.

O Senhor D. José, Principe do Brazil, que foi casado com a Senhora Princeza D. Maria Francisca Benedicta sua Tia, e morreo em Lisboa aos onze de Setembro de 1788, e jaz no Convento de S. Vicente de Lisboa. O Senhor D. João que morreo menino. O Serenissimo Senhor D. João Principe Regente, e *Successor*. A Senhora Infanta D. Marianna Victoria, que casou com o Senhor Infante de Hespanha D. Gabriel. A Senhora Infanta D. Maria Clementina, e a Senhora Infanta D. Maria Izabel, que morrêrão meninas.

O

O Principe Regente do Reino, D. João Nosso Senhor.

Nasceo em Lisboa aos treze de Maio de 1767. Começou a Regencia desta Monarchia por molestia de sua Augusta Mãi, a Rainha Nossa Senhora, em quinze de Julho de 1799.

A Princeza Nossa Senhora.

A Serenissima Senhora D. Carlota Joaquina, Filha d'ElRei Catholico de Hespanha, o Senhor D. Carlos IV., nasceo em Aranjues aos vinte e cinco de Abril de 1775.

Principes.

O Senhor D. Antonio, que fale-

leceo no Palacio de Queluz aos onze de Junho de 1801, tendo de idade seis annos, dois mezes, e vinte e hum dias. Jaz na Capella dos túmulos dos Reis, no Convento de S. Vicente de Lisboa. O Senhor D. Pedro de Alcantara, Principe da Beira, *Successor*. A Senhora Princeza D. Maria Thereza. A Senhora Infanta D. Maria Isabel. A Senhora Infanta D. Maria Francisca. A Senhora Infanta D. Isabel Maria. O Senhor Infante D. Miguel.

HIS-

HISTORIA
DA
FELIZ ACCLAMAÇÃO
DO
SENHOR REI
D. JOÃO IV.

PAra melhor intelligencia desta Historia he necessario deduzilla por principios dos funestos motivos, que concorrêrão gradualmente nos acontecimentos que lhe precedêrão. A perda d'ElRei D. Sebastião, sem deixar Successor ao Reino, a esterilidade do Cardeal Rei, os intru-

sos

sos Reis de Hespanha nesta Monarchia, e a oppressão em que ultimamente se vírão os Portuguezes em dominio estranho, fizerão com que certos Fidalgos, e alguns Nobres tomassem hum dia o partido heróico de sacudirem aquelle jugo com tanta gloria da Nação, recorrendo á Descendencia Augusta dos seus legitimos Soberanos.

Principiárão os sustos, e as perturbações de Portugal no anno de 1578, logo que ElRei D. Sebastião intentou ir decididamente á expedição da Africa, commandando elle mesmo o seu exercito. Este Monarca naturalmente intrépido, e cheio de fogo, deixou-se possuir de hum espirito guerreiro, logo na sua primeira idade, ouvindo o que os

Mi-

Missionarios Jesuitas lhe contavão das conquistas que os Reis seus Predecessores tinhão feito nas Indias, e nas Costas da Africa, fazendolhe estas religiosas, e marciaes idéas tal impressão, que por si só tomou a resolução de fazer aprомptar hum exercito, para marchar sobre os Africanos.

A guerra civil que se tinha accendido então no Reino de Marrocos, lhe pareceo huma favoravel occasião, para ir abalizar o seu zelo, e o seu valor. O Xarife Muley Hamet tinha succedido no Throno a Abdalá seu Pai, ultimo Rei de Marrocos; porém Moley Moluc, seu Tio Paterno, pertendia subir ao Throno pela disposição de huma certa Lei, que chamava successivamen-

mente á Coroa os irmãos do Rei, com preferencia a seus proprios Filhos. Este fôra o motivo de huma teimosa sanguinolenta guerra entre o Tio, e o Sobrinho. Muley Moluc, politico, e grande Capitão formou hum poderoso partido a seu favor em todo o Reino, e ganhou tres batalhas ao Xarife, a quem expulsou dos seus Estados, e da Africa.

Este Principe expulso, quiz valer-se do amparo do Rei de Portugal, para cujo fim se refugiou a hum presidio de Hespanha na Asia, para dalli passar a Ceuta, donde mandou por Embaixador a D. Antonio da Cunha, que tinha sido seu cativo, o qual representou a ElRei D. Sebastião da parte do Xarife, que este Principe, a pezar da sua

des-

desgraçada situação, conservava ainda no seu Reino hum grande, mas occulto partido em seu favor; e que apenas elle tornasse a apparecer com algum reforço, se declararia immediatamente. Além disto sabia elle Xarife, que Muley Moluc ficava atacado de huma enfermidade mortal, de que não escapava: Que o Principe Hamet, irmão de Moluc, era aborrecido de toda a sua Nação; e que em tal conjunctura apparecendo elle com algumas Tropas de soccorro sobre as fronteiras, sem dúvida os seus antigos vassallos se declaravão ao seu partido; e que finalmente, se com o seu auxilio elle recobrava a sua perdida Coroa injustamente usurpada, a ficaria contemplando de boa fé como huma

ho-

homenagem á de Portugal, a cujo dominio, antes elle queria ver unidos, e feudatarios os seus Estados, do que nas mãos de hum usurpador.

ElRei D. Sebastião, que não pensava mais que sobre vastos projectos de conquista se encheo de mais ardor, que de prudencia, para marchar a esta expedição. Fez muitas honras, e mercês a hum Mouro nobre, que tambem tinha vindo a Lisboa, e escreveo ao Xarife, dizendo-lhe, que elle contava passar com muita brevidade a Africa, para o que fosse esperallo em Tangere, onde se verião, para tratarem pessoalmente da empreza, protestando-lhe de o restituir ao seu perdido, e usurpado Throno, á testa de todas as forças de Portugal. Mandou logo

El-

ElRei a D. Duarte de Menezes para Tangere a esperar o Xarife, com recommendação de o receber, e hospedar, como á sua propria pessoa.

Debalde tentárão os mais sábios do seu Conselho de o distrahir de huma empreza tão precipitada. O seu zelo mal meditado figurava-lhe huma victoria facil, e segura. Este Monarca enthusiasmado das suas proprias determinações, e da sua inflexivel intrepidez, fechando os ouvidos a tudo quanto os seus Ministros lhe representavão, sahio pela barra do Téjo, (1) a pezar da desconsolação dos do seu Conselho, e de toda a Nação em lagrimas, emprehendendo ir com hum exercito de de-

(1) ElRei D. Sebastião parte para Africa.

dezoito mil homens desthronar hum Rei já muito poderoso, e o maior Capitão da Africa.

Apenas Muley Moluc soube dos designios, e do desembarque do Rei de Portugal, esperou-o á frente de quarenta mil homens de Cavallaria, experimentados na guerra; e muito mais temiveis pelo Principe que os commandava, do que pelo seu proprio valor. A Infanteria apenas chegava a dez mil homens. Dividírão-se os Mouros pelo campo em diversos corpos, com ordens para se não juntarem, fazendo varias escaramuças, e retirando-se a fim de que os Portuguezes se adiantassem pela terra dentro, desalojando-se das praias, onde se tinhão abarracado. Com estas negaças entretiverão os Mouros

o temerario projecto do Rei D. Sebastião. Este Monarca mais bravo, que moderado, persuadindo-se que os Mouros se não atrevião a combater as suas Trópas, sahio com ellas em rápida marcha contra Moluc, na esperança de huma victoria certa, e dicidida.

Retirou-se o astuto Rei barbaro, deixando apparecer sómente hum pequeno pé de exercito, e usou da dissimulação de mandar commetter differentes proposições de paz a El-Rei D. Sebastião, que todas rejeitou, capacitado cada vez mais, de que as suas forças erão superiores ás do Mouro, e desacordadamente se foi avançando a seguillo.

Apenas Muley Moluc o vio distante das praias, e da sua Frota,

e

e que se postou já muito entranhado pela terra dentro, fez aproximar o seu grande Corpo de Cavallaria, fazendo cerco a todo o exercito Christão. Este Rei barbaro, não obstante o sentir-se atacado de huma enfermidade mortal, elle mesmo arranjou em batalha o seu exer ito, dando todas as ordens com tanta expedição, como que estivesse no melhor estado de saude. Prevenío com todo o sangue frio qualquer acontecimento, que pudesse sobrevir com a sua morte, e ordenou aos seus Officiaes, que se elle espirasse durante o combate, o occultassem com toda a cautéla; e que para entreter a animosidade dos seus soldados, chegassem os Ajudantes de Ordens á sua liteira, para fingirem que as recebião

bião delle, como se estivesse vivo.

Tal era o valor, e a magnanimidade do Rei Muley Moluc, que compassando as suas Ordens, e os seus designios, de tal modo, com os ultimos momentos da sua vida, soube impedir que a mesma morte lhe roubasse a gloria do seu triunfo. Fez-se conduzir pelo meio das fileiras do seu exercito, e com a sua presença, humas vezes por gestos, outras pelos seus discursos, exhortou os seus Mouros a combater generosamente pela defensa da falsa Religião do seu Profeta, e pela da sua Pátria.

Começou a batalha de huma, e outra parte, por descargas de artilheria, atacando-se depois os dois

exercitos furiosamente braço a braço. Tudo se pôz em desordem, com tudo a Infanteria Portugueza, com a presença do seu Rei, teve huma ligeira vantagem sobre a dos Mouros, composta de vagabundos auxiliares. O Duque de Aveiro fez pôr em retirada hum corpo de Cavalleria, que lhe ficava opposto, até ao centro onde estava o proprio Rei de Marrocos. Este apenas vio os seus soldados fugindo vergonhosamente em debandada, lançou-se fóra da sua liteira, e cheio de cólera, e furor, ainda que quasi moribundo, com o sábre na mão fez restituir os Officiaes a seus postos; porém estes excessos acabárão de consumir as suas forças, e os seus dias, cahindo desfalecido nos braços dos

seus

seus Escudeiros. Mettêrão-no logo dentro da liteira, e pondo o dedo na boca, (1) como que recommendava novamente o segredo da sua morte, deo instantaneamente o ultimo suspiro, ainda antes que o podessem conduzir á sua Tenda.

Ficou a sua morte desconhecida aos dois partidos. Os Christãos parecião ter até este tempo muita vantagem, mas a Cavalleria dos Mouros, que tinha formado hum grande cerco, unindo-se das extremidades, carregou sobre o pequeno exercito dos Portuguezes, que opprimido pelo grande número dos Mouros, precipitava-se em debandada na desordem, e na confusão.

 Ven-

---

(1) Morte de Muley Molue.

Vencidos já os desgraçados Portuguezes de hum terror universal, por todos os lados encontravão o inimigo, e a morte. Poucos pudérão salvar-se fugindo, ficando bastantes prisioneiros, que voltárão muito tempo depois por convenção de resgate.

ElRei D. Sebastião morreo na acção do mais vivo combate, com perda da maior parte da Nobreza que o acompanhava, assassinados pela cruel fereza daquelles barbaros. O Xarife Muley Hamet, author desta imprudentissima guerra, salvou-se della fugindo, mas morreo affogado ao passar a ribeira de Mucazen. Desta sorte morrêrão naquelle infausto dia de quatro de Agosto de 1578 tres grandes Principes de

hum

hum differente modo. Muley Moluc de raivosa enfermidade, o Xarife affogado, e o infeliz Rei D. Sebastião a golpes da tyranna ferocidade daquelles barbaros.

Succedeo no Throno (1) o Cardeal D. Henrique, Irmão d'ElRei D. João III., e Filho do Grande Rei D. Manoel; porém como este Principe, além de ser Sacerdote, tinha com pouca saude sessenta e seis annos de idade, aquelles que pertendião ter Direito á Coroa, olhavão-na sobre a Cabeça do Cardeal Rei como hum deposito, procurando cada hum no seu particular occasião de a fazer declarar em seu favor.

Erão os pertendentes D. Filippe II. Rei de Hespanha, por ser Filho da

(1) Succede no Throno o Cardeal D. Henrique.

da Imperatriz D. Isabel, Filha mais velha d'ElRei D. Manoel. A Duqueza de Bragança D. Catharina, Filha do Infante D. Duarte, Irmão da Imperatriz. O Duque de Saboia, Filho da Infanta D. Beatriz, Filha segunda d'ElRei D. Manoel. O Duque de Parma Alexandre Farnezio, Filho da Infanta D. Maria, Irmã mais velha da Duqueza D. Catharina. D. Antonio Prior do Crato, Filho illegitimo do Infante D. Luiz, terceiro Filho d'ElRei D. Manoel. Catharina de Medicis, Rainha de França, intentou entrar tambem na ordem dos pertendentes, dizendo-se descendente d'ElRei D. Affonso III. de Portugal, e de Mathilde, Condessa de Bolonha sua mulher, mas sem o poder justificar.

Pu-

Publicárão-se varios manifestos a favor destes Principes, em que os Jurisconsultos regulavão a ordem da Successão, segundo os interesses dos que os fazião trabalhar sobre tão importante objecto.

Nenhuma destas pertenções Estrangeiras fazia commoção alguma no espirito da Nação. Quasi todas erão destituidas de Titulos, que as authorisassem, e de forças que as podessem fazer válidas. Os que erão bons Portuguezes estavão constantemente persuadidos, que ninguem tinha os incontestaveis Direitos da Duqueza de Bragança; e os que andavão mais perto do Throno conhecião claramente esta verdade por ingenua confissão do mesmo Cardeal Rei, muitas vezes determinado a

de-

declarar solemnemente por Successora do Reino a Duqueza de Bragança sua sobrinha. Esta Duqueza tinha os votos da Nação, pelas suas virtudes, assim bem como seu marido, que por outra linha descendia dos Reis de Portugal. Pertendia a Coroa porque lhe pertencia, e porque era Portugueza, allegando as Cortes de Lamego, Leis fundamentaes deste Reino, que excluem della Principes Estrangeiros.

A pertenção do Rei de Hespanha era a mais temivel, pela sustentar o Direito das armas contra o da razão, Direito que a não ser a fraqueza, em que Portugal então se achava, com a perda na Africa, não prevaleceria certamente ao enthusiasmo da Nação a favor da Serenis-

nissima Casa de Bragança. Além disto, a intriga de D. Christovão de Moura, Fidalgo Portuguez, ao serviço de Hespanha, e mandado por ElRei D. Filippe á Corte de Portugal, teve a desairosa astucia de influir toda a pusilanimidade no sincero coração do Cardeal Rei, para suspender a resolução em que estava de declarar a Duqueza por sua Successora no Throno.

Vendo-se finalmente este Santo Monarca perseguido com tantas sollicitações, ouvindo frequentemente fallar de quem lhe havia succeder, não quiz que mais se lhe tocasse nesta complicada causa. Ordenou que fossem citados os pertendentes todos para mostrarem sua justiça por si, ou por seus Procuradores; e que-

rendo, no caso de faltar durante o litigio, nomear Juizes para a decisão, e Governadores interinos do Reino, propuzerão-lhe os tres Estados delle quinze Fidalgos, e vinte e dois homens de Letras: elegeo destes onze para Juizes da Causa, e daquelles cinco para Governadores do Reino depois da sua morte, os quaes forão D. Jorge de Almeida, Arcebispo de Lisboa. D. João Tello de Menezes. Diogo Lopes de Sousa. D. João Mascarenhas. Francisco de Sá. Mas ficou esta nomeação em segredo até á morte do Cardeal Rei.

Este Soberano sómente reinou dezesete mezes. (1) A sua morte encheo Portugal de novas perturbações, e de partidos. Cada hum forma-

(1) Morte do Cardeal Rei.

mava o seu entre os pertendentes, segundo a sua inclinação. Os mais indifferentes esperavão a decisão dos Juizes; porém o Rei D. Filippe II. conhecendo o quanto grandes interesses se arriscão a ser combatidos, e dilatados pelo parecer dos Jurisconsultos, fez entrar em Portugal hum formidavel exercito, commandado pelo Duque d'Alva, não obstante a indiscreta decisão dos Governadores a seu favor, que passando a Aya-Monte o fizerão publicar em Castro-Marim, ultimo Lugar do Algarve. O Arcebispo de Lisboa, e D. João Tello de Menezes, ficárão em Lisboa, irreprehensiveis de não concorrerem com os outros Governadores para a publicação de tão desacordada sentença.

O

O Duque de Bragança não se achava em situação de poder disputar por meio das armas os seus Direitos. Sómente D. Antonio, Prior do Crato, fez com a maior imprudencia todos os esforços para se oppôr em campo contra os Hespanhoes. Em Santarem foi acclamado Rei, e vagando com este Titulo sem validade, alguns amigos seus levantárão pequenas Trópas para o auxiliarem, que forão destroçadas immediatamente pelo Duque d'Alva, famoso General naquelle tempo. Vendo-se ultimamente sem soccorro algum, retirou-se para França, e veio a morrer em París, chamando-se sempre Rei de Portugal, mas só no nome.

Os Portuguezes desunidos entre

si,

si, sem Generaes, e sem Trópa regulada, sentindo ainda a sensivel perda que havião tido em Africa, cedêrão por mais não poderem ao intruso Direito da força de Hespanha. A maior parte das Villas, e Cidades fizerão seu Tratado particular, e Filippe II. (1) fez-se reconhecer por legitimo Soberano de Portugal.

Tomou posse deste Reino em o anno de 1581 como herdeiro do Rei defunto, ainda que lhe pareceo mais seguro o Direito de Conquista. Foi este o que regulou as suas acções, e as de seus Successores. Filippe III., e Filippe IV. seu Filho, e Neto, contemplárão sempre os Portuguezes,

---

(1) D. Filippe II. he reconhecido Rei de Portugal.

zes, não como vassallos naturaes, mas como povos sujeitados pelas armas, e pelo Direito da guerra, considerando este Reino insensivelmente como huma Provincia de Hespanha, sem se persuadirem que os Portuguezes podessem jámais tentar o sacudir o jugo do Dominio Hespanhol, como tentárão com effeito, e conseguírão no Reinado de Filippe IV.

Não ousavão os Grandes do Reino apparecer com aquelle fausto competente á sua dignidade, menos exigião as distincções devidas ao seu nascimento, receosos de excitar suspeitas entre os Ministros Hespanhoes, em hum tempo tão critico, que baſtava ser rico, ou considerado pelo seu merecimento, ou pela

sua

sua qualidade, para ser suspeito, e perseguido. A Nobreza vivia quasi sempre nas suas casas de campo, e o povo estava opprimidissimo com impostos.

O Conde Duque de Olivares, primeiro Ministro de Filippe IV. Rei de Hespanha, e de Portugal, nunca perdia de vista alguma rebellião, porque conhecia perfeitamente que a natural antipathia entre estas duas Nações havia fazer sempre odioso aos Portuguezes o Dominio Hespanhol. Que elles verião sempre com indignação occupados os maiores Empregos, e Governos por Estrangeiros, ou por individuos ordinariamente de huma baixa extracção, sem outro merecimento mais que a servil sugeição de seguirem o partido

da-

daquelle Ministro. Por esta razão julgava elle ter segura a authoridade do seu Rei, conservando os Grandes sem emprego público, tendo a Nobreza affastada de todas as repartições, e empobrecendo o povo com impostos, para que nunca tivessem forças para tentar alguma mudança.

Pagavão os Portuguezes distinctos, que se achavão em Hespanha, para ter regresso á sua Pátria, hum tributo que os Hespanhoes chamavão ajuda de custo, e depois meia annata desta mercê. A hum Fidalgo residente em Hespanha, nacional deste Reino, pedírão dez mil cruzados pela licença de voltar a elle, ao que respondeo, que por cinco fôra seu Pai resgatado em Africa dos Mouros.

Além

Além disto fazia o Conde Duque de Olivares recrutar deste Reino toda a mocidade brilhante, e mais capaz de manejar as armas, para a fazer ir servir nas guerras estrangeiras, temendo que estes espiritos inquietos perturbassem hum dia a tranquillidade do seu Governo. Esta politica, que lhe poderia ser util, conduzida a hum certo ponto, pelo contrario foi-lhe sendo pouco a pouco funesta, pelo excesso a que a levou, tanto pela necessidade, e urgencia dos negocios em que então se achava a Corte de Madrid, como pelo seu caracter inflexivel, e duro por condição.

Os Governadores, ou Vice-Reis que região este Reino, sendo sempre da facção, e partido do Conde

Duque de Olivares, erão outros tantos tyrannos na execução das repetidas ordens que vinhão de Hespanha. Além dos novos impostos que havião já, chegou hum Decreto d'ElRei aos Governadores, (1) que então erão dois com igual poder, em cujo Decreto mandava que se juntassem os tres Estados da Cidade de Lisboa para negocio de grande ponderação. Juntárão-se todos na Igreja de Santo Antonio, onde propôz o que presidia, a ordem do Rei, que continha em pedir quinhentos mil cruzados ao Reino em cada hum anno, fazendo-lhe mercê de o deixar eleger em que generos, e a fórma

(1) Novo tributo de quinhentos mil cruzados.

ma porque se estabeleceria esta contribuição.

Alterárão-se todos os que ouvírão esta proposta, por verem a tyrannia com que o Governo, sem convocação de Cortes, queria lançar tão formidavel tributo. D. Francisco de Castel-Branco, (1) Conde de Sabugal, e Meirinho-Mór do Reino, respondeo que elle, os que estavão presentes, e os Vogaes que faltavão, tinhão jurado guardar os costumes de Portugal, que não permittião votar fóra de Cortes em tão importante materia; e cheio de furor levantou-se, e sahio da Igreja, acompanhando-o a Nobreza toda.

Derão os Governadores conta a

(1) Notavel resolução do Conde de Sabugal.

Madrid do máo successo desta proposta, cuja noticia irritou o Conde Duque de Olivares de tal modo, que depôz os Governadores, fazendo tomar a ElRei a resolução de mandar para o Governo de Portugal a Duqueza de Mantua, D. Margarida de Austria, viuva do terceiro Duque daquelle Estado, e Neta de Filippe II. por ser Filha da Infanta D. Catharina, e de Carlos Manoel, Duque de Saboia, vindo a ser Prima com Irmã d'ElRei Filippe IV.

Entrou esta Princeza em Lisboa acompanhada do Marquez de la Puébla, (1) para lhe assistir em Conselho,

---

(1) Vem a Duqueza de Mantua como Vice-Rainha governar Portugal.

lho, no mez de Janeiro de 1634, tomando logo posse formal do Governo do Reino; mas este brilhante Titulo tinha mais de apparencia do que de realidade. O seu poder era muito limitado. O segredo dos negocios, o do gabinete, e quasi toda a authoridade estava nas mãos de Miguel de Vasconcellos, Portuguez, então Secretario de Estado, Ministro independente quanto absoluto, e cruel. Recebia este directamente as ordens do Conde Duque de Olivares, de quem era creatura, e a quem agradava por necessario, tanto pela subtileza das extorsões que fazia, remettendo para Madrid sommas de dinheiro consideraveis de Portugal, como pelo espirito de intriga com que mane-

ja-

java as suas pérfidas intenções, fomentando odios, e discordias entre os Grandes deste Reino, com algumas mercês, e distincções affectadas, que contentando aos que as recebião, excitavão dos outros hum desgostoso ciume.

Estas desuniões, em que se entretinhão algumas das primeiras Casas, fazião a segurança, e a liberdade daquelle Ministro, persuadido que em tanto que os Chéfes destas mesmas Casas se occupassem a satisfazer os seus odios, e as suas particulares vinganças, não tratarião jámais de emprehender algum projecto contra o seu actual Governo.

Nenhumas medidas se guardavão em Portugal, para se praticarem os mais extraordinarios pretextos, e

meios

meios de extorquir dinheiro do miseravel povo , parecendo mais serem contribuições obrigadas de hum Paiz inimigo, do que hum ligitimo tributo , que se lançava sobre vassallos.

Não tardou muito tempo que se não renovasse a pertenção do tributo dos quinhentos mil cruzados, além dos antigos impostos extorquidos de todo o Reino á satisfação dos povos, nestes, ou naquelles effeitos. Vierão de Madrid as mais restrictas ordens sobre este ponto a todos os Corregedores das Comarcas, que as começárão logo a executar com a maior oppressão, e severidade.

Aconteceo que na Cidade de Evora tentou o Corregedor daquel-

la

la Comarca, André de Moraes Sarmento, lançar o tributo com tão mal entendido zelo, e aspereza, que sem admittir escusa, castigava com insolencia aquelles que arguião a mais pequena dúvida. Constando-lhe que o povo se alvoroçava, mandou chamar a sua casa o Juiz do Povo Cizinando Rodrigues, com o seu Escrivão João Barradas, para os persuadir a que se fizesse o lançamento daquelle tributo; e vendo que elles repugnavão, dizendo que o povo não havia consentir, no que elles por violencia fizessem, mandou fechar as portas, e declamando em altas vozes contra o povo, ameaçou com tanta imprudencia aos dois, que embravecido lhes chegou a dizer, que irião dalli para huma forca, se-

não

não consentissem no lançamento do tributo, para cujo fim já tinha em sua casa prevenidas as suas justiças.

Tinha-se a este tempo ajuntado já infinita gente á porta do Corregedor em tumulto. (1) O Juiz do povo, que era desembaraçado, chegou a huma janella, gritando por soccorro, e que morrião por livrar o povo das vexações dos Ministros d'ElRei de Hespanha. A estas vozes cresce o tumulto, clamão que morra o Corregedor, arrombão-lhe as portas, e lanção-lhe fogo ás casas. O Ministro salvou-se com muito custo, fugindo para o Convento de S. Francisco.

Forão-se augmentando as desordens

(1) Levantamento de Evora.

dens em Evora, e nos Lugares vizinhos, de sorte que chegando esta noticia a Madrid, vierão Trópas ás Fronteiras, e forão castigados com a ultima severidade os mais delinquentes do levantamento, onde muitos dos principaes da Cidade no calor da sedição, entre as queixas contra o Governo dos Hespanhoes, acclamárão Rei de Portugal ao Duque de Bragança D. João, que apenas em Villa Viçosa o soube, fez todos os esforços com o Arcebispo de Evora, e com o Marquez de Ferreira, que então assistia naquella Cidade, para calmarem as desordens daquelle povo, sem que respirasse a approvação que elle dava ás suas justissimas queixas.

Os Portuguezes todos, á imitação

ção dos moradores de Evora, vendo perdidas as esperanças de se adoçar a miseria a que estavão reduzidos, pensavão no seu particular, que só com a mudança do Estado poderião respirar, libertando-se de hum dominio, que sempre lhes parecêra injusto, illegitimo, e que tinha passado a ser insupportavel, e tyranno.

Era geral o seu desgosto, porque vião que depois de terem perdido os seus Reis naturaes, ninguem tinha a sua vida, e os seus bens em segurança. Vião a Nobreza abatida, e affastada dos maiores empregos, sem a sua competente consideração: os povos atormentados com impostos; os campos sem lavradores, e as povoações desertas,

pe-

pelas recrutas que violentamente se remettião para a expedição da Catalunha.

Não havia em todo o Reino de Portugal (1) quem tanto pudesse causar alguma inquietação aos Hespanhoes, como o Duque de Bragança D. João. Este Principe tinha o dom de agradar a todos: huma affabilidade natural com hum coração generoso, tinha já prevenida a Nação toda em seu favor. O seu espirito era vivo, e de facil comprehensão naquellas cousas a que se applicava, partindo sempre nos negocios ao ponto principal delles.

O Duque D. Theodosio seu Pai, de genio mais impetuoso, e ardente,

---

(1) Caracter do Duque de Bragança.

te, cuidou sempre desde a sua primeira idade em lhe influir huma certa aversão contra os Hespanhoes, representando-lhos sempre como usurpadores de huma Coroa que lhe pertencia: usou frequentemente de todos os meios possiveis para lhe inspirar a justa, mas moderada ambição, que devia como Principe ter, na esperança de pôr hum dia esta Coroa na sua cabeça; e toda a intrepidez, e valor necessario para tentar tão alta, e tão arriscada empreza.

O Duque D. João tinha com effeito os mesmos sentimentos do Duque seu Pai; mas erão naquelle gráo que lhe permittia a sua tranquillidade natural. Aborrecia os Hespanhoes, mas sem aquelles activos desejos de

que-

querer vingar-se da sua injustiça. Não desesperava de subir ainda ao Throno de seus Avós, com tudo não tinha a grande impaciencia, que sobre este ponto seu Pai lhe mostrava ter. Contentava-se em não perder de vista este designio, sem arriscar intempestivamente por huma Coroa muito incerta os serenos dias de huma agradavel vida, qual a que elle passava em Villa Viçosa (1) no centro dos seus Estados.

Era constante que se elle tivesse o caracter que o Duque D. Theodosio lhe desejou sempre, não lhe seria muito difficultoso o chegar com toda a propriedade, aonde elle o desti-

(1) Habitação ordinaria dos Duques de Bragança.

tinava. Já o Conde Duque de Olivares, principalmente desde o acontecimento de Evora, o fazia observar tanto de perto, que se a vida ociosa em que elle por estudo se tinha posto, fosse presumida como effeito de hum industrioso systema, não gozaria em paz do seu socego, muito menos da sua fortuna, por quanto a Corte de Hespanha o não consentiria tão poderoso, nem lhe permittiria jámais o viver no meio do seu Paiz.

A mais fina politica unida ao seu temperamento natural, o fizerão ter sempre huma sábia conducta para com os Hespanhoes. O seu nascimento, a sua riqueza, e os direitos que este Principe tinha á Coroa, erão poderosos motivos para se

fa-

fazer temivel: conhecia perfeitamente que não tinha outro partido a tomar, senão o de viver retirado da Corte, sendo-lhe necessario para diminuir aquelles motivos, e fazer-se menos suspeito aos Hespanhoes não se interessar em negocio algum, que não fosse o mostrar-se unicamente occupado nos licitos prazeres do seu divertimento. Desempenhava tão bem este caracter, que se não vião em Villa Viçosa mais que partidas de caça, e festas proprias de huma deliciosa, e agradavel vida de campo. Parece que a natureza, e a fortuna se tinhão unido, dando-lhe huma, qualidades proporcionadas á conjunctura daquelle tempo, e a outra dispondo-lhe a sua situação de modo que pudesse fa-

zer

zer dar todo o valor ás suas naturaes virtudes: com tudo não erão tão pomposas apparentemente, que fizessem recear aos Hespanhoes, que elle quizesse hum dia emprehender o fazer-se Rei; mas assáz erão sólidas para dar aos Portuguezes a esperança de hum Governo suave, sábio, e cheio de moderação, se elles quizessem por si mesmos entrar na heróica empreza de o fazerem declarar seu legitimo Soberano.

O seu modo de viver não podia causar suspeita alguma ao Ministerio de Hespanha, mas com effeito o acontecimento de Evora tinha originado muitas desconfianças a ElRei Filippe IV., e ao seu primeiro Ministro por serem constantes os votos do público pela Casa

de Bragança. Reconhecêrão então, mas muito tarde, quanto errára Filippe II. em ter deixado n'hum Reino conquistado novamente, huma Casa tão opulenta, e com tão evidentes direitos á usurpada Coroa.

Estas considerações determinárão o Conselho de Hespanha a procurar todo o pretexto para tirar de Portugal o Duque de Bragança. (1) Mandou-lhe ElRei offerecer o Governo de Milão, que elle rejeitou, desculpando-se por molestia, e pelo pouco conhecimento que tinha dos negocios de Italia, para bem desempenhar as obrigações de hum emprego tão importante. O primeiro Ministro fez semblante de accei-

tar

(1) Pertende-se tirar o Duque de Portugal.

tar a escusa , buscando logo outro meio de o fazer sahir deste Reino.

A marcha que ElRei devia fazer ás Fronteiras de Aragão , para punir a revolução de Catalunha , lhe servio de pretexto para obrigar o Duque a acompanhallo. Escreveo-lhe da parte do Soberano , exhortando-o com a sua venenosa politica para ir á testa da nobreza de Portugal, incorporar-se ás Trópas de Hespanha , n'huma expedição , que para ser gloriosa , bastava o ir El-Rei commandando mesmo em pessoa.

O Ministro de Hespanha , para enfraquecer a Nobreza de Portugal tinha feito publicar hum Decreto do Rei , no qual mandava , que todos os Fidalgos Portuguezes mar-

chassem logo a unir-se ao exercito, que se destinava contra a Catalunha, sob pena de perderem os bens da Coroa que possuissem, persuadido que o Duque de Bragança, como Condestavel nato de Portugal, se não escusaria de marchar em semelhante occasião; mas como o Duque estava já prevenido contra todas as ordens que viessem de Hespanha, desarmou facilmente o artificio, escrevendo ao primeiro Ministro, sem se poupar a pretexto algum para novas escusas, e até lembrando-se de lhe rogar, que representasse a ElRei que elle se não achava em situação de suprir ás grandes despezas, que devia fazer nesta marcha, conformes ao seu nascimento, e á sua representação.

Os

Os Fidalgos da primeira ordem vendo-se no ultimo aperto, desenganárão-se logo a traçar as primeiras linhas do projecto da Acclamação, (1) como adiante se verá; e as dobradas escusas do Duque de Bragança começárão a inquietar decididamente o primeiro Ministro, fazendo ver ao Rei quanto lhe era conveniente o segurar-se deste Principe fóra de Portugal; mas como já era muito perigoso o empregar força maior, por causa da extraordinaria paixão que os Portuguezes mostravão ter pela Casa de Bragança, determinou seduzir o Duque, e attrahillo com todas as demonstra-

ções

(1) Primeiro projecto da Acclamação do Duque de Bragança.

ções de huma sincera amizade, e da mais particular confiança.

A Hespanha estava nesse tempo em guerra com a França; e como desta Nação tinha apparecido huma esquadra pelas Costas de Portugal, pareceo ao Ministro ter hum pretexto favoravel aos seus designios: era necessario que em Portugal houvesse hum General em Chéfe para commandar as Trópas que se destinassem para defender os Portos, onde os Francezes podessem fazer alguma invasão; e nestas circumstancias enviou ElRei de Hespanha ao Duque de Bragança a nomeação deste emprego com muitas distincções, e com huma authoridade absoluta de fazer fortificar as Praças maritimas que devia vi-

visitar, augmentando, ou diminuindo as suas guarnições, como bem lhe parecesse, o que fez murmurar altamente a Corte de Hespanha, vendo a céga confiança com que parecia entregar-se o Reino todo á discrição do Duque de Bragança.

O segredo desta Commissão tão franca estava só entre o Rei de Hespanha, e o seu primeiro Ministro: tinha este mandado huma ordem muito secreta aos Governadores das Praças maritimas, que erão quasi todos Hespanhoes, para se assegurarem da pessoa do Duque achando favoravel occasião, e para o fazerem passar logo á Hespanha, para cujo fim andavão costeando Portugal algumas náos Hespanholas.

O Duque de Bragança que via mui-

muito bem quão pouco sinceras erão tantas, e tão extraordinarias distincções da parte de Hespanha, fêlla cahir nos mesmos laços que lhe armava. Escreveo ao primeiro Ministro para que representasse a ElRei o prazer com que elle acceitava o Posto que lhe conferíra, no qual esperava justificar a sua escolha. Foi então que o Duque vio quasi chegado o momento da sua exaltação ao Throno de seus Avós.

A authoridade do emprego de Governador das Armas lhe facilitou o poder nomear moderadamente os seus amigos, nos Postos em que hum dia lhe viessem a ser mais uteis. Fez-se acompanhar de alguns Officiaes escolhidos, e de huma equipagem magnifica, propria da sua Grande-

za,

za, de sorte que nas Praças que visitou fez perder todas as esperanças de se attentar contra a sua Real Pessoa. Ninguem se lhe atreveo. Em toda a parte por onde passava atrahia o coração dos povos, que admiravão a sua liberalidade, ouvindo a todos benignamente, e familiarizando-se côm a Nobreza de tal modo que todos absolutamente no interior o desejavão ter por seu Soberano.

Desta sorte chegou o Duque á Villa de Almada, (1) onde apenas se soube da sua chegada foi a Nobreza toda visitallo. D. Miguel de Almeida, D. Antão de Almada, e Pe-

(1) Chega o Duque a Almada. Proposta dos Fidalgos.

Pedro de Mendonça Furtado, estando sós com elle lhe communicárão a resolução em que elles, e muitos da sua qualidade estavão de o acclamarem Rei de Portugal, representando-lhe vivamente a desgraçada situação em que se achava este Reino, e que só se podião remediar tão lamentaveis ruinas, querendo elle acceitar a Coroa. Que elles, e hum grande número de Fidalgos lhe offerecião todas as suas faculdades para o ajudarem a subir ao Throno, sacrificando com efficacia os seus bens, e as suas vidas, para vingarem a Nação da tyrannia dos Hespanhoes.

O Duque respondeo com muita modestia, e com mais cautéla, dizendo que convinha com elles no que

que lhe representavão a respeito da situação de Portugal, reduzido á ultima calamidade. Que louvava muito o zelo que mostravão ter pelo bem da Pátria, e que em particular agradecia muito a toda a Nobreza o quanto se interessava por elle; porém que duvidava do bom successo da empreza, por lhe parecer que não era ainda tempo opportuno de a pôr em execução, sem se tomarem todas as necessarias medidas com madura prudencia.

Com esta resposta que o Duque não quiz fazer mais positiva partírão os tres Fidalgos, não desanimados do bom exito da sua resposta, e determinárão logo fazer a primeira Junta dos Confederados com muito segredo, e cautéla. Passou

sou o Duque a visitar a Vice-Rainha Duqueza de Mantua, (1) desembarcando no Terreiro do Paço, onde se achava innumeravel povo para o verem passar. Taes forão as demonstrações de prazer, e de contentamento, que motivárão novo, e decisivo ciume aos Hespanhoes que as observavão.

Entrando no Paço a visitar a Vice-Rainha, estavão na grande sala duas cadeiras, huma debaixo do docel para a Duqueza de Mantua, outra da parte de fóra para o Duque de Bragança. Thomé de Sousa Fidalgo de grande valor, e tronco dos Condes de Redondo, inflammado em zelo da honra do Duque,

---

(1) Visita o Duque a Vice-Rainha.

que, em presença de toda a Nobreza levantou a cadeira, e a collocou debaixo do Solio, porque o Duque não tivesse a Audiencia com menos decoro. Este arrojo capitulado pelos Hespanhoes como hum crime, o trouxe em tribulação com a Corte de Hespanha dalli por diante.

Passados alguns dias recolheo-se o Duque a Villa Viçosa, livre dos laços que a malicia do primeiro Ministro lhe quizera urdir. Tinha ficado em Lisboa o Doutor João Pinto Ribeiro criado particular do Duque, e seu Confidente. Este homem era activo, e com muita instrucção de negocios politicos, a quem D. Miguel de Almeida chamou para a Conferencia da primeira Junta da Nobreza por conhecer a sua capaci-

cidade, e saber o quanto elle sériamente se interessava pela exaltação do Duque.

Juntárão-se em casa do Monteiro-Mór Francisco de Mello, (1) seu Irmão Jorge de Mello, D. Miguel de Almeida, D. Antão de Almada, Pedro de Mendonça Furtado, Antonio de Saldanha, e João Pinto Ribeiro, onde depois de bem ponderadas reflexões, assentárão em escrever ao Marquez de Ferreira, D. Francisco de Mello, e a D. Affonso de Portugal, Conde de Vimioso, que assistião em Evora, para representarem ao Duque de Bragança os irreparaveis damnos, que se seguirião aos Portuguezes, se elle não acei-

(1) Primeira Junta dos Fidalgos.

ceitasse a Coroa que lhe offerecião, e que injustamente fôra pelos Hespanhoes roubada a seus Avós. Que a occasião na conjunctura presente era a mais favoravel, e opportuna, pois que as forças de Hespanha se achavão divididas por muitas partes.

Recebia o Duque estas persuasões, sem se determinar ainda a huma declaração aberta. Pensava nas difficuldades que havião a vencer, e queria informar-se bem das medidas que se tomavão para emprehender huma acção que decidia da tranquillidade da Nação inteira, ou a precipitava na sua total ruina. Tal era a sua prudencia, esperando que João Pinto Ribeiro fosse de Lisboa, para lhe dar conta do que a este respeito se passava.

As

As demonstrações de alegria que o povo de Lisboa fizera, quando o Duque passou de Almada a visitar a Vice-Rainha, inquietárão muito a Corte de Madrid, fazendo grande impressão ao primeiro Ministro. Começárão a haver suspeitas, de que a Nobreza de Portugal fazia particulares, e acauteladas Assembléas; e certas vozes que se espalhavão, como presagas de grandes acontecimentos, tinhão augmentado mais aquella inquietação.

ElRei de Hespanha convocou o seu Conselho, e para tirar aos Portuguezes a esperança de ganharem partido em alguma revolução que podessem meditar, (1) resolveo que

(1) He chamado a Madrid o Duque de Bragança.

que immediatamente fosse chamado á Madrid o Duque de Bragança, unico Chéfe que em Portugal se podia temer. Despachou-se logo hum Correio a Villa Viçosa com carta do proprio punho d'ElRei para o Duque, cheia de artificiosas promessas, na qual lhe ordenava que partisse a Madrid sem perda de tempo, para o acompanhar á expedição da Catalunha. O mesmo Correio marchou immediatamente para Lisboa com ordem a todos os Fidalgos, para tambem partirem para Madrid.

Foi errado este ultimo plano do Duque de Olivares, porque sendo o seu fim tirar o Duque de Bragança deste Reino, e a Nobreza principal, aquelle tomou finalmente a resolução de acceitar a Coroa que

lhe pertencia por Direito, e esta irritou-se novamente com as ordens que recebia, para ir acompanhar o Rei de Hespanha á expedição de Catalunha.

O Monteiro-Mór Francisco de Mello, hum dos que com mais efficacia trabalhava no projecto da Acclamação, determinou com D. Miguel de Almeida convocar os Confederados a segunda Junta. Estes Fidalgos que vião a irresolução do Duque, não a considerando como effeito de huma bem meditada prudencia, culpavão-no de tímido em se não fiar das propostas que elles lhe fazião, receando talvez o pequeno número que se expunha a tão grande risco, ou que a constancia do segredo faltasse a muitos.

Ins-

Instárão com João Pinto Ribeiro pára que fosse a Villa Viçosa persuadir o Duque das novas protestações que elles lhe fazião, pintando-lhe com vivas côres a valorosa resolução, em que estavão de o acclamarem Rei de Portugal, mesmo ainda a pezar de não terem o seu ultimo consentimento. Que lhe expuzesse as justissimas razões que o devião obrigar, acceitando a Coroa, a libertar a Pátria. Que os principaes do Povo estavão já de acordo a seguir a Nobreza. Em fim que nada havia que recear.

Escusou-se João Pinto Ribeiro, dizendo que poderia o Duque pensar que elle tomava algum interesse particular na sua elevação, e que por consequencia as suas persuasões

 não

não terião tanto pezo, como as de qualquer delles, e que era de parecer que Pedro de Mendonça como Alcaide-Mór de Mourão, onde costumava ir frequentemente, se não fazia suspeitoso, para ser o Emissario desta tão importante proposta.

Convierão todos, e Pedro de Mendonça partio logo para Além-Téjo com muito gosto na Commissão que levava, e chegando a Evora, communicou-a ao Marquez de Ferreira, e ao Conde de Vimioso, pedindo a estes que escrevessem tambem ao Duque. Passou depois a Villa Viçosa, onde achou este Principe caçando na sua Tapada. Forão-se pouco a pouco separando no mato dos criados, e apenas ficárão sós, disse-lhe Pedro de Mendonça que

hia

hia da parte de quasi toda a Nobreza do Reino pedir-lhe, que fosse servido acceitar a Coroa de Portugal, que fôra evidentemente usurpada a seus Avós por Filippe II.; e pois que as violencias do Governo Hespanhol tinhão chegado a hum excesso intoleravel, já o povo de Lisboa estava tambem de commum acordo com a Nobreza para o acclamarem, ainda duvidando elle de acceitar a Coroa.

Que todos de mãos dadas lhe offerecião sacrificar em seu serviço as suas vidas, e os seus bens, e que não deferisse hum só momento a sua resolução, porque interessava a liberdade da Pátria, a conservação da sua Real Pessoa, a da Nobreza, e a dos leaes Portuguezes, pro-

ximos á sua total, e ultima ruina; advertindo-lhe tambem que não confiasse o segredo desta Commissão ao seu Secretario Antonio Paes Viegas, porque receavão que este o podesse persuadir ao contrario. Disse-lhe finalmente que os Fidalgos Confederados tinhão tanta esperança do seu consentimento, e confiavão tanto da sua generosa acceitação, ponderando bem os damnos que hia reparar, que da parte delles fôra igualmente recommendado a beijar-lhe a mão, já como ao seu legitimo Rei, a que o Duque recusou, (1) dizendo-lhe, que a seu tempo se faria esta ceremonia; e

em

---

(1) Resposta do Duque a Pedro de Mendonça.

em quanto á proposta da sua Commissão, devia dizer-lhe que a empreza era de tanta importancia, e de tão arriscadas consequencias, que elle queria sériamente pensar nella, e que com muita brevidade lhe daria a resposta; e no que respeitava a Antonio Paes, que tinha bastantes provas do seu juizo, e que sem o menor escrupulo lhe podia ser permittido o tratar com elle esta materia. Retirou-se Pedro de Mendonça, dando-lhe as cartas que levava do Marquez de Ferreira, e do Conde de Vimioso.

Logo que o Duque se recolheo da Tapada, chamou Antonio Paes, homem de grande talento, (1) e de se-

(1) Conferencia do Duque com Antonio Paes.

seguro conselho, e com elle confe-
rio quanto Pedro de Mendonça lhe
tinha communicado, ao que Anto-
nio Paes lhe respondeo que por to-
dos os principios devia acceitar hu-
ma Coroa usurpada, que por Direi-
to Divino e humano lhe perten-
cia, dando logo huma resposta fa-
voravel á Nobreza. Que esta se com-
punha de Heróes, expostos assim
como elle Duque a perderem as suas
Maçasas, se com effeito passassem a Ma-
drid, para a expedição da Catalu-
nha; e que elles certamente não
havião ter traçado o plano de o ac-
clamarem, sem ter certissima a união
de muitos, e o povo da Capital já
do seu partido: além de que, se-
ria considerado na Europa de pu-
silanime, se se negasse a tão glo-
rio-

riosa empreza , devendo ser o primeiro , pois que a occasião era a mais propria , e a mais conveniente , que com a espada na mão libertasse a Pátria de hum dominio tyranno , á frente dos fidelissimos Portuguezes , de cujo valor tantas , e tão repetidas provas tiverão os seus Augustos Avós. Finalmente que era de parecer de que nem hum só instante retardasse a sua acceitação.

O Duque louvou muito a Antonio Paes esta opinião , respondendo-lhe que de todo estava já resolvido a conformar-se com o seu parecer ; e depois de reflectirem sobre alguns artigos necessarios á execução de muitas diligencias , (1) pas-

---

(1) Conferencia do Duque com a Duqueza.

passou o Duque ao quarto da Duqueza D. Luiza de Gusmão sua mulher, Filha dos Duques de Medina Sidonia, huma das mais esclarecidas, e antigas familias de toda a Hespanha: communicou-lhe tudo quanto se passava, quanto Pedro de Mendonça lhe propuzera, e a Conferencia que acabava de ter com Antonio Paes.

A Duqueza tinha muito juizo, e tinha huma nobreza d'alma, que adornava a magestosa candura das suas acções todas. A natureza a tinha formado para Rainha, (1) com huma disposição propria para tudo quanto era Grandeza. Tinha todo o valor para emprehender difficul-

da-

(1) Caracter da Duqueza de Bragança.

dades, com tanto que lhe parecessem gloriosas, e bastantes luzes para descobrir os competentes meios de as vencer. Tinha-se de tal sorte moldado aos costumes de Portugal, que parecia ter nascido em Lisboa, ao mesmo passo que desprezava aquelles prazeres, que fazem o divertimento das Pessoas da sua qualidade. Com huma austera, e sólida virtude regía as suas acções, e nas horas livres se occupava na lição que mais illustrasse o seu espirito, e que mais concorresse para ajustar as suas idéas.

Esta Princeza, respondeo egregiamente ao Duque seu marido. (1) Disse-lhe, que ninguem melhor do que elle

(1) Resposta da Duqueza.

elle sabia os incontrastaveis Direitos, que tinha á Coroa de Portugal. Que no infeliz estado a que os Hespanhoes tinhão reduzido este Reino, não era permittido a hum homem do seu nascimento, e da sua representação o ficar na indifferença. Que seus Filhos, e toda a sua Posteridade criminarião a sua memoria, como huma fraqueza indigna do seu sangue, por se não aproveitar de huma occasião tão favoravel, como a conjunctura presente da revolta da Catalunha; e finalmente que melhor era o morrer reinando, que viver sujeito á indignação, e ao odio do Conde Duque de Olivares, e que toda a demora da sua ultima declaração, não só lhe era prejudicial a elle, e á sua casa, como aos

Por-

Portuguezes, que tão generosamente se arriscavão.

Havia muito tempo que o Duque de Bragança no seu coração se tinha deliberado, porém quiz ouvir o parecer da Duqueza, e de Antonio Paes. (1) Mandou logo chamar Pedro de Mendonça, e gratificando-lhe o risco a que por elle se expuzera, lhe disse que tinha maduramente pensado sobre todos os objectos da sua Commissão, e que podia dizer aos Confederados, que elle não só tomava a resolução de acceitar a Coroa para socego do Reino, mas de se pôr á testa da Nobreza para a defender dos seus ini-

(1) Ultima resolução do Duque a acceitar a Coroa.

inimigos, e felicitar quanto podesse os seus povos. Tornou a querer beijar-lhe a mão Pedro de Mendonça, a que o Duque repugnou ainda.

Partio este Fidalgo, contentissimo para Mourão, donde mandou logo hum expresso a D. Miguel de Almeida, dizendo-lhe na carta, que se tinha achado n'huma partida de caça, em que tinha dado muitos tiros em vão, mas que finalmente fôra muito feliz, e proveitosa a sua caçada, e poucos dias depois, quantos bastassem para não pôr em suspeita a sua jornada, (1) marchou para Lisboa, e deo immediatamente conta do que passára em Villa Viço-

sa

(1) Chega Pedro de Mendonça a Lisboa, juntão-se os Fidalgos.

sa a D. Miguel de Almeida , que fez logo convocar os outros Fidalgos em casa de João Pinto Ribeiro , que era no Paço dos Duques de Bragança , deixando todos as suas carruagens longe , e indo disfarçados cada hum por sua vez , para nenhuma idéa darem de que alli se ajuntavão.

Tinha-se augmentado já o número dos Confederados, e já o Juiz do Povo , e Casa dos vinte e quatro estavão ganhados pelo famoso Padre Nicoláo da Maia para a empreza , logo que soubessem o dia , e a hora em que se lhe havia dar principio. Assentárão os Fidalgos depois de largas conferencias , que sem perda de tempo partisse João Pinto Ribeiro a Villa Viçosa para

dar

dar parte ao Duque de todas as determinações em detalhe, que se tinhão resolvido , e que suspeitavão que a Duqueza de Mantua presumia já dos seus ajuntamentos , fazendo examinar quantos passos elles davão.

Partio João Pinto com todas as instrucções necessarias , para informar o Duque do plano da Acclamação , e dos meios para se executar. Achou este Principe nas informações de João Pinto , que todas erão conformes com o que Pedro de Mendonça lhe tinha representado , e depois de conferir com a Duqueza , com elle , e com Antonio Paes sobre algumas materias concernentes a esta gravissima empreza , e nos meios da sua execução , determinou

o

o Duque, que começassem a acclamallo em Lisboa, e não em Evora, como se tinha assentado, porque sendo Lisboa a Capital, dava movimento ao Reino todo, e que no mesmo dia em que fizessem declarar esta grande Cidade em seu favor, elle se faria proclamar Rei de Portugal em todas as Villas, e Cidades da sua dependencia, e que alguns Governadores de Praças nas Fronteiras, que erão do seu partido, farião o mesmo onde commandassem, mandando advertir tambem que naquellas Villas, e Aldêas, de que os Confederados erão Donatarios, tivessem o povo avisado, a fim de que esta admiravel noticia, como hum incendio geral, espalhando-se pelo Reino todo, inflammas-

se o coração dos povos, sem que os Hespanhoes que tinhão ficado no Reino, podessem fazer uso das suas armas; e que tudo isto ficava dependendo do dia perfixo, que elles resolvessem, avisando-o logo sem perda de tempo, sendo nimiamente perigosa toda a demora que houvesse. Finalmente que era de parecer que os seus primeiros esforços devião principiar pelo Paço, segurando a Duqueza Mantua, e as Guardas Hespanholas do mesmo Paço, dividindo-se outros a fazerem render o Castello de Lisboa.

Desta sorte instruido, expedio o Duque a João Pinto Ribeiro, dando-lhe duas cartas, huma para D. Miguel de Almeida, e outra para Pedro de Mendonça, dizendo nel-

las

las que dessem inteiro credito a tudo quanto João Pinto da sua parte expuzesse. Na mesma noite em que este benemerito Confidente do Duque chegou a Lisboa , se ajuntárão logo em sua casa alguns Fidalgos Confederados, os quaes depois que João Pinto relatou, quantas determinações o Duque tinha resolvido que se fizessem , forão instantaneamente consultar o Juiz do Povo, e a Casa dos vinte e quatro, que achárão não só promptissimos, mas cubiçosos de saberem o dia que a Nobreza marcava para a Acclamação, por quanto já tinhão a maior parte dos Artistas de differentes officios, mancomunados para a acção, á primeira voz , e á hora que dissessem.

No dia vinte e seis de Novembro tornárão-se a ajuntar os Fidalgos, e resolvêrão que no sabbado seguinte, que era o primeiro de Dezembro fosse impreterivelmente o famoso dia da Acclamação, mandando logo logo aviso ao Duque, para que na Provincia de Alem-Tééjo se fizesse proclamar nesse mesmo dia. Derão immediatamente parte desta decisiva Conferencia, e ultima resolução ao Arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha, que se achava retirado em Cintra, donde voltou na vespera do dia assinalado, tendo já mandado ordem para se fazerem Preces a invocar o favor do Altissimo.

Houve neste mesmo dia da ultima Conferencia huma perturbação en-

entre os Fidalgos Confederados, que os deixou perplexos por algumas horas, se bem que logo fôra destruida. D. João da Costa, Fidalgo de muito entendimento, e a quem os outros respeitavão, em huma eloquente exposição que fez, disse: que elle duvidava muito do bom successo da empreza, por quanto via prudentemente que sim era facilissimo o acclamarem o Duque de Bragança Rei de Portugal; porém que a difficuldade maior consistia em lhe poderem conservar a Coroa no meio da trabalhosa guerra, a que inevitavelmente se hião expôr, sem armas, sem gente, e sem dinheiro.

Que hum tão perigoso segredo se tinha já espalhado por muita gente de pouca consideração, e bem

fa-

facil de o romper , como era essa parte do povo , sempre voluvel , e inconstante por condição. Que as forças de Hespanha , mais constantes sem dúvida , se havião expôr ás nossas incertas , e muito inferiores. Além disto que não havendo hum exercito regular , nem huma armada prompta , como se poderia evitar huma formidavel invasão dos Hespanhoes ? e que se deveria ter muito anticipadamente convocado algum soccorro de Alliança , que assegurasse mais tão ardua empreza. Com tudo , (continuou D. João da Costa) como só restavão tres dias , para a sua effectiva execução , elle se não separava de unir aos mais todos os seus esforços , a fim de que não perigasse o segredo na dilação de mais tempo.

Es-

Este discurso de D. João da Costa, pôz a todos em tal confusão, que João Pinto Ribeiro escreveo logo ao Duque, dizendo-lhe que suspendesse todas as suas disposições até segundo aviso: a pezar disto, passadas bem poucas horas, partio logo hum expresso a Villa Viçosa com outra carta em que João Pinto lhe dizia, que o não soçobrasse o aviso, que no mesmo dia lhe tinha feito, e que continuasse nas suas disposições para o dia assinalado, porque se tinhão dissipado humas pequenas dúvidas, ficando a empreza determinada com toda a infalibilidade para esse dia.

Quando chegou o aviso terminante a Villa Viçosa, nesse dia sahírão logo expressos por diversos

ca-

caminhos, com cartas ao Senhor D. Duarte, Irmão do Duque de Bragança, para que logo logo sahisse das terras do Imperador de Alemanha, e viesse para Portugal, pela precisão que havia da sua Serenissima Pessoa, mas forão inuteis estes avisos, porque o Imperador logo que soube da Acclamação do Senhor Rei D. João IV., reteve nos seus Estados o Senhor D. Duarte, até que vilmente o entregou aos Hespanhoes, sendo prezo com indignidade, e conduzido pelo Marquez de Castello Rodrigo a huma Torre no Castello de Milão, onde acabou seus trabalhosos dias, com trinta e nove annos de idade, e oito de huma barbara prizão.

Expedírão-se novamente algumas

or-

ordens decisivas para a distribuição dos Postos, que cada hum devia occupar, depois de se terem debatido varias opiniões a respeito de apparecer o Duque no mesmo dia da Acclamação em Lisboa; (1) mas de commum acordo julgárão que a Duqueza Vice-Rainha saberia provavelmente logo da sua intempestiva chegada, e assentárão finalmente que no sabbado seguinte, primeiro de Dezembro, como já se tinha determinado, marchassem todos armados pela manhã para os sitios destinados, perto do Terreiro do Paço, com toda a cautéla, e sem motim, indo a maior parte delles em carruagens,

a

(1) Determinão-se os Postos que cada hum deve occupar.

a fim de occultarem melhor o número, e as armas que levavão, divididos huns dos outros; e que apenas o relogio désse as nove horas, corressem ao Paço, atacando huns o Corpo da Guarda em baixo, que se compunha de huma companhia de Infanteria Hespanhola, outros subindo á sala dos Tudescos a surprender a Guarda dos Archeiros Alemães, outros pelas janellas do Paço acclamando o Duque de Bragança Rei de Portugal, e outros que matassem o Secretario de Estado Miguel de Vasconcellos.

Na vespera do memoravel dia da Acclamação andava já o segredo tão público, que huma criada de D. Antão de Almada, mandando hum prêto a casa de certa Senhora, cu-

cujo marido se achava prezo, e opprimido pelo Secretario Miguel de Vasconcellos, chegou a huma janella, estando o prêto ainda no páteo; e em alta voz lhe recommendou que dissesse áquella Senhora que se não consumisse, que á manhã havia ir o Senhor D. Antão com outros Fidalgos matar o Secretario de Estado, e soltar o Senhor seu marido.

Procurárão os Confederados a prevenção dos Sacramentos, e das Preces. D. Antão tinha rogado ao Provincial dos Arrabidos, que estivessem em Oração naquella noite, para impetrar do Ceo auxilios em hum negocio de muita importancia para o público. D. Antonio Luiz de Menezes, recommendou a suas

Ir-

Irmãs Religiosas da Madre de Deos, e da Esperança, que rogassem ao Altissimo com instantes Preces a favor de hum empenho muito arriscado. O Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, tambem de madrugada com alguns Conegos devotos, expozerão na Cathedral o Sacramento, deprecando os auxilios do Ceo.

D. Antonio Mascarenhas, passeando na vespera pelo adro de Xabregas com algumas pessoas, a tempo que passava Miguel de Vasconcellos, todos lhe tirárão o chapéo, excepto D. Antonio, que sendo arguido desta apparente descortezia, respondeo: eu não tiro hoje o chapéo a quem hei de matar á manhã.

D. João da Costa sustentava em sua casa huns destemidos, e valo-

ro-

rosos soldados, com o pretexto de o acompanharem á expedição eminente de Catalunha, e mandandoos confessár na vespera, hum delles chamado Duarte Caldeira, lhe perguntou que novidade era aquella? precisou D. João communicarlhe o segredo da empreza, cuja noticia recebêrão com grande alvoroço, promptos para a acção com intrépido, e brioso valor.

Na ultima Junta, que se fez em casa de João Pinto Ribeiro, logo se resolveo que se começasse a acção pela morte do Secretario de Estado Miguel de Vasconcellos. Fezse este Conselho com tal seriedade que Jorge de Mello disse: toquemos a campainha, e ponhamos as capas por cima da cabeça como se

faz

faz na Relação, quando se sentencêa algum delinquente á morte.

Disposta esta gloriosa empreza na noite da sexta feira, souberão os Confederados que Miguel de Vasconcellos tinha passado a huma quinta da outra banda do Téjo, e alguns Fidalgos forão examinar junto ás paredes da Casa dos Contos se elle voltava nessa noite para Lisboa, consultando se o irião matar na mesma quinta. Nesta impaciencia vírão que chegava hum escaler ao Forte, e D. Antonio Luiz de Menezes com D. Luiz de Almada subírão á sala dos Tudescos onde se certificárão da sua chegada com effeito, por hum Capitão Estrangeiro, que sahia de fallar ao mesmo Secretario, para lhe

expedir as ordens necessarias de se fazer á véla no dia seguinte.

Tinha-se espalhado huma voz, que o Secretario Miguel de Vasconcellos recebêra no dia antecedente huma carta, na qual se declaravão os nomes de todos os Fidalgos Confederados, mas desvaneceo esta presumpção o Conde de Tarouca D. Duarte de Menezes, que na tarde desse dia esteve com elle muitas horas, e não lhe observou suspeita alguma do que estava para acontecer.

Recolhidos a suas casas todos os Fidalgos a apalpar as espadas, e a escorvar as pistolas, D. Antonio Luiz de Menezes, que tinha em casa por hospede a certo Fidalgo, resolveo-se naquella noite a revelar-

lhe

lhe o segredo da Confederação, a fim de o interessar na gloria da empieza; porém o hospede o ouvio assombrado, e tímido. D. Antonio observando a perturbação em que elle ficára, quando lhe communicou o segredo, notou-lhe huma certa inquietação que o accusava de medroso, e receou que o temor do supplicio, ou a esperança de huma segura recompensa o determinassem a romper tão importante segredo. Cheio destas reflexões que agitavão o seu coração, passou em vigilias a noite, e sentio de madrugada que o seu hospede no páteo fazia sellar hum cavallo, para sahir com dissimulação: desceo abaixo, a tempo que já elle estava com o pé no estribo: encheo-se de cólera, e arran-

can-

cando a espada lha poz diante do peito, dizendo-lhe: que ou não havia sahir, ou hum dos dois havia morrer. Obrigou-o a subir, e teve-o seguro até o levar comsigo pela manhã, para se ajuntar aos outros Fidalgos.

Chegou finalmente o sempre memoravel, e glorioso dia de sabbado, primeiro de Dezembro de mil seiscentos e quarenta. Apenas amanheceo, todos os Fidalgos Confederados, e os seus adjuntos se armárão, (1) ajuntando-se huma grande parte delles em casa de D. Miguel de Almeida, d'onde partírão separados huns dos outros para o Paço, e para outros lugares a occupa-

(1) Dia da feliz Acclamação.

parem os Postos, que lhes estavão já destinados. D. Filippa de Vilhena, Condeça da Atouguia, heróica, e varonilmente ajudou a armar com as suas proprias mãos a seus dois Filhos, D. Jeronymo de Ataide, e D. Francisco Coutinho, exhortando-os com todo o valor, para a gloriosa empreza a que hião. Conta-se que o mesmo fizera D. Marianna de Lencastre a seus Filhos, Fernão Telles, e Antonio Telles da Silva.

O primeiro que se achou na sala dos Tudescos, foi Antonio Telles da Silva, como tinha promettido, e logo depois D. Antonio Luiz de Menezes. Forão apparecendo alguns dos Confederados divididos, fingindo esperar occasião opportuna

de

de fallar ao Secretario de Estado Vasconcellos; porém Gaspar de Seixas da obrigação delle, vendo alguns Fidalgos áquella hora, e que não frequentavão o Paço, entrou no gabinete, e disse ao Secretario que via na sala muitos Fidalgos, e segundo o seu parecer armados. Atemorizou-se elle, e já preoccupado com susto, disse aos criados que lhe fechassem as portas.

Apenas soou a primeira das nove horas, (1) no relogio do Paço, disparou D. Miguel de Almeida hum tiro de pistola no corredor, que ficava junto á sala dos Tudescos, sinal ajustado para todos a hum tem-

(1) Principio da Acclamação. Primeiro ataque no Paço.

po repentinamente se acharem nos Postos a que se tinhão destinado para o ataque.

D. Miguel de Almeida, D. Antonio Luiz de Menezes, seu Irmão D. Rodrigo de Menezes, Luiz de Mello, Porteiro-Mór, D. Affonso de Menezes, D. Antonio Tello de Menezes, e João de Saldanha associados de outros, surprendêrão improvisamente por hum lado na sala dos Tudescos a Guarda dos Archeiros, (1) e pelo outro Gaspar de Brito Freire, Marco Antonio de Azevedo, Paulo de Sá, e o Licenciado Gabriel da Costa. arrojárão todos as alabardas por terra: a pezar disto, ainda dois soldados da Guarda empu-

(1) Aaaque na sala dos Tudescos.

punhárão duas; e na resistencia que fizerão, ferio hum a D. Antonio Tello de Menezes levemente no braço, mas foi logo morto pelo mesmo D. Antonio com hum tiro de pistola: o outro soldado tambem pagou com a vida o seu temerario arrojo.

Alguns Archeiros fugitivos quizerão defender a porta de hum corredor, que dava passagem para o quarto do Secretario Miguel de Vasconcellos; porém Pedro de Mendonça, Thomé de Sousa, e João Pinto Ribeiro desembaraçárão valorosamente o corredor. Outros corrião a guardar o quarto da Duqueza Vice-Rainha, mas debalde o tentárão, porque forão accommettidos por Luiz Godinho, criado do Duque de Bragança, e por muitos que o acompa-

pa-

panhavão, ficando mortos dois Archeiros, e hum ferido.

A este mesmo tempo, já em baixo Antonio de Mello de Castro, Jorge de Mello, Estevão da Cunha, (1) com outros Fidalgos, e pessoas particulares que se lhe unírão, se tinhão apoderado do Corpo da Guarda Hespanhola, a qual com bem pouca resistencia se rendeo, privando-se-lhe o uso das armas, derribada logo toda a estacada onde se arrumavão: com tudo ainda hum soldado pôde tomar huma, que disparou com tiro perdido contra o Alferes Marco Leitão de Lima, em vingança do qual, acodio o Padre Ber-

(1) Rende-se o Corpo da Guarda Hespanhola no Terreiro do Paço.

Bernardo da Costa da Azambuja com hum traçado, e rodella, e o Capitão Jordão de Barros de Sousa, que tudo destroçárão com valor mais activo que a resistencia. O Padre Nicoláo da Maia, com Francisco de Lemos, hum dos principaes Cabeças do povo, tambem nesta acção se distinguírão muito, obrigando o Commandante da Guarda a render-se, o qual ainda tentava resistir.

Os Fidalgos que rendêrão o Corpo da Guarda, depois de o entregarem a pessoas da sua confidencia, subírão á sala dos Tudescos, a interessar-se nas mais operações com os seus Confederados. A todos exhortava João Pinto Ribeiro, lembrando a justiça da

cau-

causa, e tão Senhor do seu desembaraço, que perguntando-lhe huns amigos seus, que levava comsigo, aonde hião, respondeo: vamos tirar hum Rei, e pôr outro.

Já D. Miguel de Almeida a este tempo andava pelas janellas do Paço com D. Antonio Luiz de Menezes, gritando em altas vozes.... Liberdade, Portuguezes: Viva ElRei D. João IV., a que respondia innumeravel povo, que se tinha ajuntado no Terreiro do Paço, repetindo os mesmos vivas.

Entre tanto marchárão ao quarto, onde habitava o Secretario de Estado Miguel de Vasconcellos, com intrépida ousadia, D. Antonio Tello de Menezes, D. Gastão Coutinho, D. João da Costa, o Conde

de

de Atouguia, e seu Irmão, D. Alvaro de Abranches, o Camareiro-Mór João de Sá de Menezes, D. Antonio Alvares da Cunha, João de Saldanha de Sousa, Sancho Dias de Saldanha, Tristão da Cunha de Ataide, com seus dois Filhos, e seu Genro Manoel de Childe Rolim. Encontrárão no fim do corredor a Francisco Soares de Albergaria, Corregedor do Civel da Cidade, que sahia da Secretaria de Estado, e dizendo-se-lhe: Viva ElRei D. João IV., replicou elle imprudentemente, puchando pela espada: Viva ElRei D. Filippe, mas este desacordo custou-lhe a vida, (1) porque hum dos

(1) Morte do Corregedor do Civel Francisco Soares de Albergaria.

dos Fidalgos lhe disparou hum tiro de pistola , de que morreo dentro de poucas horas.

Passárão á casa onde assistia Miguel de Vasconcellos, e achando-a fechada por dentro a arrombárão, e buscando tudo sem o encontrarem, julgárão que elle se teria salvado pela Torre da Casa da India, por onde tinha communicação , e por onde Manoel Manços da Fonseca lhe tinha dito , muito antes, que fugisse , conselho que elle desprezára : com tudo ameaçando-se huma escrava, que alli appareceo, soube-rão pelos seus acenos , que elle se tinha escondido em hum armario de papeis, cujas portas abrindo-as Aires de Saldanha , logo D. Antonio Tello de Menezes lhe disparou hum

ti-

tiro de pistola, que o fez sahir immediatamente quasi morto, (1) e depois de lhe darem ainda algumas estocadas, o lançárão por huma janella fóra para o Terreiro do Paço. O povo alvoroçado o cubrio dos mais excessivos improperios, ficando exposto aquelle misero cadaver ao desprezo da plebe, que tanto por elle fôra offendida, todo o resto do dia, e parte da manhã seguinte, até que por instancias de Gaspar de Faria Severim, que servia naquelle anno de Escrivão da Misericordia, foi mandado por D. Gastão Coutinho, enterrar pobremente ao cemeterio.

Tal

---

(1) Morte do Secretario Miguel de Vasconcellos.

Tal foi o desastrado fim do Secretario de Estado Miguel de Vasconcellos, Portuguez de Nação, mas jurado inimigo da sua Pátria, e da Nobreza della, que abateo quanto pôde, aproveitando-se da conjunctura do tempo para se reservar a hum dispotismo absoluto, irreligioso, e por consequencia tyranno. Fecundo na invenção dos meios para extorquir do povo contribuições immensas, e incapaz de ser sensivel jámais aos remorsos da sua consciencia. Ordinariamente acaba o tyranno como vive. A Justiça da Suprema Providencia faz ver aos homens, que não só na Eternidade castiga o perverso, tambem na terra mostra de tempos a tempos hum claro exemplo, em que os mesmos homens

co-

conhecão a inconstancia da fragil condição humana, e em que aprendão a moderação na prosperidade, para não abuzarem della em damno dos seus semelhantes.

Achava-se nesta occasião em hum dos quartos interiores de Miguel de Vasconcellos o Capitão Diogo Garcez Palha, que sahio com huma clavina armada, que felizmente errou fogo ao disparalla. Carregárão sobre elle, obrigando-o a saltar por huma janella fóra cuberto de feridas. O mesmo havia já succedido a Antonio Correia, Official Maior da Secretaria, que tentando tambem defender a Secretaria com insolencia, ficou bastantemente maltratado.

Neste mesmo tempo, continuando a torrente da Acclamação, subí-

bírão ao quarto da Duqueza Vice-Rainha, (1) D. Miguel de Almeida, Pedro de Mendonça, D. Antão d'Almada, D. Antonio Luiz de Menezes, D. Carlos de Noronha com outros muitos Fidalgos, e depois de irem abrindo por força quantas portas achavão fechadas, encontrárão a Duqueza, que sahia a huma sala acompanhada das suas Damas, persuadida talvez que a sua presença applacaria a Nobreza, e faria conter o povo.

Dirigindo-se immediatamente aos primeiros dos Confederados, dizendo: „ Que es esto Nobles Ca„ valleros, donde está vuestra fi-

(1) Surprendem os Fidalgos a Duqueza de Mantua.

„ fidelidad ? basta : yá el culpado
„ Ministro ha pagado sus delictos.
„ No passe adelante vuestra pas-
„ sion : yó me ofresco al perdon de
„ Su Magestad , y a que jusgue
„ por ben merecido el castigo de
„ aquel malo Ministro , con tanto
„ que todo se succiegue , guardan-
„ do la devida fé a vuestro Rei. „

O Arcebispo de Braga D. Sebastião de Matos, que era Presidente do Desembargo do Paço , ouvindo o rumor da sublevação nas Tribunas , subio por huma escada particular da Capella , que hia sahir á galería , e chegando a tempo em que a Vice-Rainha acabava de pronunciar aquelle discurso , quiz proteger-lhe o seu partido , levantando a voz com aspereza , e com

su-

soberba; mas D. Miguel de Almeida o atalhou, dizendo-lhe que se calasse, porque tendo-se feito odiosa a sua infame lisonja, tinha-lhe custado muito na noite antecedente o livrallo da morte. Retirou-se o Arcebispo cheio de confusão, tremendo de medo.

D. Antonio Luiz de Menezes, e seu Irmão D. Rodrigo de Menezes, a quem não devião menos fadigas as Armas do que as Letras, expuzerão prudentemente á Duqueza de Mantua os Direitos, que tinha o Senhor D. João IV. á Coroa de Portugal, arrancando-a do intruso Dominio da Hespanha; e que tantos homens da sua qualidade não tinhão pegado nas armas só para tirarem a vida a hum miseravel,

que

que a deveria ter perdido em hum cadafalso, pelo executor da alta justiça. Que elles se tinhão colligado para virem alli restituir ao Duque de Bragança huma Coroa, que legitimamente lhe pertencia, e que todos finalmente vinhão resolutos a sacrificarem as suas vidas, para o pôrem no Throno desta Monarchia.

Tornou a Vice-Rainha a querer responder, interpondo a authoridade do Rei de Hespanha, mas D. Miguel de Almeida, então receando que as suas instancias azedassem mais o ardor dos Confederados, a interrompeo, dizendo-lhe: que Portugal já não reconhecia outro Rei, senão ao Duque de Bragança, e a este tempo gritárão os Fidalgos to-

dos: Viva ElRei D. João IV., Rei de Portugal.

A Vice-Rainha, vendo que nenhum respeito lhe guardavão, persuadio-se que a sua presença o poderia impôr a alguns Cidadãos, e ao povo, (1) querendo sahir ás varandas, e mesmo abaixo ao Terreiro do Paço, mas D. Carlos de Noronha lhe disse, que se retirasse para o seu quarto, protestando-lhe que ahi seria servida com tanto respeito como se ella commandasse ainda o Reino, e que não era justo que huma Princeza de tanta dignidade se expozesse aos insultos do povo, ainda em movimento, e cheio de en-

(1) Quer sahir a Duqueza, e D. Carlos de Noronha a suspende.

enthusiasmo pelo seu novo, e legitimo Rei; e que finalmente se arriscava a perderem-lhe o respeito. Replicou a Vice-Rainha: Perder el respecto a Mi? y como? Como, Senhora, lhe disse D. Carlos de Noronha, obrigando a Vossa Alteza a que se não quizer entrar por aquella porta, sáia por aquella janella. O vulto que esta importante empreza já tinha tomado, e o seu furor, precipitou este Fidalgo a preverter o decóro com tal resposta, offuscada talvez a sua razão.

Conheceo então a Duqueza que era temeridade o dar mais hum só passo. Retirou-se para o seu Oratorio, aonde a foi acompanhando D. Antão de Almada, seu Filho D. Luiz, e alguns Fidalgos mais, fi-

cando-lhe de sentinellas, com o pretexto de lhe fazerem Corte. D. Antonio Luiz de Menezes, lembrando-se logo de que a guarnição do Castello poderia fazer algum damno á Cidade, passou ao quarto do Marquez de la Puebla, Mordomo-Mór da Duqueza, o qual residia no Paço, e fez-lhe lavrar huma ordem para D. Luiz del Campo, Governador do Castello, o entregar immediatamente á discrição dos Confederados; o que elle promptamente fez, e até disse com galanteria: „ A esta hora, que son las nueve, „ nó es ElRey Felipe Señor de una „ chiminéa en Portugal. „ Levou-se a ordem á Duqueza, a qual a rubricou logo.

Sahírão então os mais Fidalgos

da

da Confederação, e os seus agregados a gyrar pelas ruas da Cidade, acclamando em altas vozes o Senhor Rei D. João IV. (1) Encontrárão a João Correia, Juiz do Crime, acompanhado de outros Ministros, o qual inteirado dos vivas do novo Monarcha, seguio a acclamação, e arrojando de si a vara, abandonou a insignia que o representára Magistrado de outro Soberano. O estrondo, e a confusão tinha soçobrado os moradores de Lisboa, de sorte que pelas ruas não encontravão os Fidalgos tumulto algum que os embaraçasse; mas em breve espaço de tempo se foi publicando a Acclamação

(1) Gyrão pelas ruas da Cidade os Fidalgos acclamando a ElRei.

ção geral pelo povo todo, concorrendo immediatamente; e ás onze horas da manhã tudo estava em tal socego, que as lojas dos mercadores estavão abertas, e os generos se apregoavão pelas ruas, &c.

Forão-se dirigindo ao Senado da Camara, onde era Presidente o Conde de Catanhede D. Pedro de Menezes, seus Filhos D. Antonio Luiz de Menezes, e D. Rodrigo de Menezes, acompanhados de D. Alvaro de Abranches, D. Gastão Coutinho, o Ballío Luiz de Gouveia, e outros Fidalgos. Batêrão com estrépito nas portas do Tribunal, e mandando-as abrir o Conde Presidente, perguntou a seus Filhos o que pertendião com aquella Assembléa de Fidalgos, a que D. Antonio respon-

deo

deo por todos: Queremos que Vossa Senhoria, e todo este Senado acclame o Serenissimo Duque de Bragança D. João, Rei de Portugal. Ha opiniões que o Conde D. Pedro não era sabedor da Confederação dos Fidalgos, porque estranhára muito a seus Filhos não lhe terem revelado aquelle segredo; com tudo sem mais demora se levantou, acclamando o novo Rei com todo o Senado.

Sahio logo este respeitavel Tribunal, como o primeiro que devia figurar naquella acção, com todos os Fidalgos a buscar o Arcebispo de Lisboa na Sé, para celebrarem a Procissão de Graças, levando diante desta comitiva toda o Estandarte do Senado D. Alvaro de Abranches.

Ape-

Apenas hião chegando á Sé, já o Arcebispo vinha sahindo da Cathedral com a Procissão, e alli se encorporárão todos, celebrando-se esta acção de graças com toda a solemnidade, prazer, e devoção.

Outros Fidalgos tinhão ido á Relação, onde substituia o emprego de Regedor o Chanceler-Mór Gonçalo de Sousa de Macedo, e achando tambem fechadas as portas daquelle Tribunal, Aires de Saldanha fez dizer ao Chanceler, e aos Desembargadores que as mandassem abrir, e que nada temessem: o mesmo Chanceler as abrio, perguntando a Aires de Saldanha a causa daquelle não esperado accommettimento: este Fidalgo com a espada na mão lhe expôz em hum bre-

ve

ve discurso a Acclamação do Senhor Rei D. João IV. (1) Logo o Chanceler com todos os Ministros a confirmárão, de que se lavrou immediatamente hum Acordão no Livro dos Assentos rubricado por todos. Sahírão os Desembargadores para suas casas acompanhados de alguns Fidalgos, que os segurárão de algum insulto a que se poderião arriscar. Nas occasiões de tumulto quanto mais amor tem os Magistrados á justiça, tanto maior he o odio que tem dos povos.

Em quanto estes Fidalgos, e os do seu séquito se occupavão nas disposições relativas á utilidade pública,

D.

---

(1) He acclamado o novo Rei no Tribunal da Relação, de que se lavrou hum Acordão.

D. Gastão Coutinho, Antonio de Saldanha, e outros fôrão abrir as cadêas, soltando todos os prezos que estavão nellas, em honra do dia em que se celebrava a liberdade da Pátria; e o Conde D. Pedro de Menezes Presidente do Senado foi mandar immediatamente derribar as armas de Hespanha, que estavão pendentes em hum escudo de pedra no cunhal do Paço.

Tratárão logo de eleger Governadores, em quanto o Duque de Bragança, já Rei de Portugal, não chegava de Villa Viçosa. Nomeárão o Arcebispo de Lisboa, que pedio por socios o Arcebispo de Braga, e o Inquisidor Geral D. Francisco de Cas-

(1) Elegem-se Governadores.

Castro, que não quiz acceitar, e lhe admittírão a escusa. Destinárão-se para adjuntos ao Despacho, o Visconde de Villa nova da Cerveira D. Lourenço de Lima, que se mandou immediatamente chamar por ser Fidalgo de muita erudição, e por ter virtudes que o público respeitava.

De todo o succedido expedio logo João Pinto Ribeiro Postilhão a Villa Viçosa, e a primeira acção dos Governadores foi o lavrarem-se cartas circulares a todas as Cidades, e Villas notaveis do Reino, com aviso ás Camaras, para que reconhecessem por Soberano ao Serenissimo Senhor Duque de Bragança D. João, o qual se tinha solemnemente acclamado em Lisboa Rei de Portu-

tugal, e que se exhortassem os povos á união da obediencia, e da submissão. Ordenárão tambem aos Ministros, que se não prendesse, nem se executasse pessoa alguma por causa civel, ou crime, até que o Senhor Rei D. João IV. viesse dar providencias ao expediente.

Com approvação da Regencia se destinárão sentinellas á vista ao Marquez de la Puebla, a D. Diogo de Cardenes, Mestre de Campo General, a D. Fernando d'Avila, Vedor Geral das Gentes de Guerra, (1) ao Conde de Baynetto, Estribeiro-Mór da Duqueza de Mantua, a Thomaz Hybio Calderon, Conse-

se-

(1) São prezos alguns Fidalgos; e Ministros de Hespanha.

selheiro da Fazenda , a D. Diogo da Rocha, Juiz dos Contrabandos, e a alguns Ministros mais de Hespanha. Apromptárão-se as Companhias das Ordenanças , mandandose postar pelos Bairros, para atalharem alguma desordem que podesse acontecer.

D. João da Costa, e João Rodrigues de Sá com outros Fidalgos, e Pessoas Confidentes, forão a bordo dos dois Galeões de Hespanha, que se achavão surtos no Téjo, (1) armados em guerra, que sem mais resistencia se rendêrão, a pezar de terem toda a guarnição de Infanteria Hespanhola, e estarem promptos

a

(1) Surprendem os Galeões de Hespanha, que estavão no Téjo.

a fazer-se á véla. Forão outros ao Castello, e mandárão a D. Luiz del Campo a Ordem da Duqueza, para que o entregasse; e duvidando este da Ordem, por não ir com a formalidade que elle queria, Mathias de Albuquerque, que alli se achava prezo, e que nada sabia com certeza da Acclamação, aconselhou ao Governador, que ou sahisse com o presidio que guarnecia o Castello, ou se puzesse em defensa, se o rumor que se ouvia pela Cidade passasse a mais. Com effeito fechárão-se as portas, e prevenio-se a artilheria. Requerêrão os Governadores á Duqueza segunda Ordem, para que se não fortificasse o Castello, a que D. Luiz del Campo obedeceo, e já Mathias de Albuquer-

que

que nada lhe disse a este respeito, por ter noticias certas da Acclamação; e como não houve tempo para se entregar com a solemnidade que o Governador queria, ficou naquella noite rodeado o Castello de todas as Companhias das Ordenanças.

No dia seguinte foi D. Alvaro de Abranches, (1) Thomé de Sousa, e D. Francisco de Faro com ordem definitiva para D. Luiz del Campo entregar o Castello. Immediatamente mandou abrir as portas, entrou dentro D. Alvaro de Abranches, e tomou posse finalmente do Castello, em quanto não vinha El-Rei, ou não chegava D. Alvaro Pi-

---

(1) Rende-se o Castello de Lisboa.

ıres de Castro, Conde de Monsanto, e Alcaide-Mór de Lisboa. Soltou Mathias de Albuquerque, e a Rodrigo Botelho, Conselheiro da Fazenda, que tambem se achava prezo. Sahírão os Hespanhoes com a sua Equipagem, e com as honras militares por privilegio da Capitulação que fizerão, e forão conduzidos por D. Antonio Luiz de Menezes até ás Tercenas, onde se alojárão, e onde tiverão depois Passa-portes d'ElRei com ajudas de custo, para que divididos passassem para Hespanha.

Rendido o Castello se entregárão nesse dia as Torres de Belém, (1) Cabeça secca, Torre velha, Santo

(1) Rendem-se as Fortalezas.

to Antonio da Barra, e o Castello de Almada. Tanto pôde o exemplo, e tanto pôde o medo. Mandárão então os Governadores adornar magestosamente o Palacio de Xabregas, para onde foi conduzida com toda a decencia a Duqueza de Mantua, e dahi a poucos dias foi mudada para o Convento de Santos, onde esteve servida com muito decoro, até que a acompanhárão á raia para passar para Hespanha.

Partírão logo pela posta Pedro de Mendonça, e Jorge de Mello para Villa Viçosa, na segunda feira tres de Dezembro, (1) a dar parte a ElRei da fortuna com que se con-

(1) Partem a Villa Viçosa a dar parte a El-Rei da Acclamação.

seguíra tão árdua, quão gloriosa empreza. Chegárão a tempo que El-Rei, e a Rainha estavão na sua Capella assistindo á Missa de S. Francisco Xavier. Beijárão-lhe a mão dando-lhe o tratamento de Magestade. Esta novidade sobresaltou a todos os que assistiaõ á Festa, mas ElRei sem alvoroço mandou que se continuasse o Sermão, e Missa, a qual começou a ouvir Duque, e acabou Rei.

Acabada a Missa se cantou o *Te Deum* em acção de Graças; e como convinha partir sem demora para Lisboa, metteo-se o Senhor D. João IV. em hum coche com o Marquez de Ferreira, e com o Conde de Vimioso, que tinhão chegado, depois de o terem já solemnemente accla-

ma-

mado em Evora : acompanhavão-no Pedro de Mendonça , Jorge de Mello , e alguns Fidalgos mais a cavallo , e os criados da sua casa.

Na Villa de Arraiólos , e Monte-Mór o novo , e lugares por onde passava , o acclamava o povo com as maiores demonstrações de alegria. Na quarta feira cinco de Dezembro chegou ElRei a Aldêa Gallega , onde achou muitos Fidalgos da Corte , que o tinhão ido esperar. D. Antonio Luiz de Menezes , e seu Irmão D. Rodrigo de Menezes , que combatião a Praça de Cascaes , deixando a D. Gastão Coutinho entretendo o cerco , passárão naquella noite em hum escaler a Aldêa Gallega , não querendo retardar a honra de beijarem a mão a ElRei , que

os recebeo com aquella distincção, que tanto merecião estes dois Irmãos.

Na manhã seguinte se embarcou o Senhor Rei D. João IV. no Bergantim Real, (1) chegando pelas nove horas da mesma manhã á praia da Casa da India. Estavão os Governadores no Paço, e como fizessem espalhar a noticia da sua chegada, concorreo tanta gente de todas as classes ao Terreiro do Paço, e erão tantos os vivas do povo, que de quando em quando foi necessario chegar ElRei ás janellas, para contentar o alvoroço dos seus vassallos. Deo naquelle dia beija-mão a todos os Tribunaes, e á noite se illumi-

nou

(1) Chega ElRei a Lisboa.

nou a Cidade toda ; o que deo motivo a dizer hum Fidalgo Hespanhol, que tinha observado tudo:
» Es posible que se quite un Rei-
» no a ElRey D. Felipe, con solas
» luminarias y vivas, sin mas ex-
» ercito ni poder? es esto un efe-
» cto sin duda del brazo omnipo-
» tente de Dios. »

Foi-se augmentando o contentamento universal com as noticias que vinhão chegando de se ter felizmente dilatado a Acclamação pelo Reino todo a exemplo da Capital. Em bem poucos dias dezoito Cidades, oitocentos Lugares, e todas as Villas notaveis jurárão fidelidade, e obediencia ao novo Monarcha. Tal he o amor que os Portuguezes tiverão sempre aos seus legitimos Soberanos.

Em

Em obsequio da honra de muitos Fidalgos, e Cavalheiros que não estavão na Corte, he justo que se diga o que refere hum dos nossos Historiadores, a respeito da Acclamação em algumas Cidades, e Villas. (1) A Nobreza de Portalegre sómente com o aviso dos Governadores a celebrou logo. (2) Elvas rendeo-se ao valor do Maltez Fr. Braz Soares de Castello-Branco, Ascenso de Siqueira e Vasconcellos, e D. Manoel da Cunha. Evora, como já se disse, acclamou ElRei no dia seguinte ao da Acclamação em Lisboa, levando a Bandeira da Cidade o Marquez de Ferreira D. Fran-

---

(1) Portalegre.

(2) Elvas.

Francisco de Mello, acompanhado de seu Irmão D. Rodrigo de Mello: o Conde de Vimioso, e seu Filho Primogenito D. Luiz de Portugál, (1) e Marquez de Aguiar, aos quaes se unio toda a Nobreza, e povo. Em Olivença tomou intrépidamente o partido da Confederação, (2) Diogo Botelho de Matos, persuadindo a Camara daquella Villa. Em Santarém Fernão Telles de Menezes Conde de Unhão, antes de receber carta Official de Lisboa, (3) com valor igual ao seu sangue reduzio a Villa a huma universal obediencia, em cuja demonstração se fez celebrar logo em Acção de Gra-

(1) Evora.

(2) Olivença.

(3) Santarém.

Graças huma solemne Procissão, em que sahio o Santo Milagre.

Em Leiria seguírão o nome do novo Rei por authoridade de D. Luiz de Noronha, (1) depois Marquez de Villa Real. Em Coimbra o Bispo Conde Joanne Mendes de Vasconcellos, (2) associado de Manoel de Saldanha, Reitor da Universidade, procedêrão a Acção de Graças, levando a Bandeira da Cidade Bartholomeo de Sá Pereira.

A Cidade do Porto recebeo o aviso dos Governadores em seis de Dezembro: vacilárão os Vereadores da Camara sobre a verdade da Acclamação, e sobre a vontade do povo;

---

(1) Leiria.

(2) Coimbra.

yo; (1) porém Martim Ferrás de Almeida acclamou a ElRei primeiro do que todos: uníráo-se áquelle Cavalheiro Sebastiáo de Abreu Ferrão, Juiz de Fóra, e o Desembargador Ignacio Ferreira Rigoso, o Balio Fr. Braz Brandão, o Maltez Fr. Diogo de Mello, Pedro Vas Cirne com outras pessoas, e foráo proseguindo a Acclamação pela Cidade, indo depois render a Fortaleza de S. João da Foz, que os Hespanhoes entregárão sem resistencia.

Na Fortaleza de S. Tiago de Vianna, Foz do Lima, se defendêrão os Hespanhoes por alguns dias, (2) confiados no soccorro de Gal-

---

(1) Porto.
(2) Vianna.

Galliza ; porém faltando-lhe este, tambem nelles faltou a constancia, a que succedeo a entrega. João Gomes da Silva Governador de Setubal, (1) com a noticia da Acclamação em Lisboa pôz a Villa na obediencia do novo Rei, e associado de muitos moradores, fez render as duas Torres de S. Filippe, e a do Outão, depois de resistirem por alguns dias. No Algarve governava Henrique Correia da Silva, por cuja intervenção todo o Reino se sujeitou á obediencia do novo Rei; (2) e até Sagres, commandada por Hespanhoes se reduzio. Finalmente os Lugares todos, que erão demarca-

(1) Setubal.

(2) Algarve.

cações antigas, e separação dos Reinos, acclamárão decididamente o novo Rei.

Em Aia-Monte assistia o Marquez daquella terra, e tendo humas noticias incertas de algum tumulto no Algarve, expedio hum Correio ao Governador, dizendo-lhe que aos seus ouvidos chegavão humas vozes confusas, que agouravão alguma rebellião, e que por tanto se elle queria algum soccorro de trópas, que o avisasse com formalidade. Henrique Correia lhe mandou em resposta, que descansasse, pois em Portugal tudo se achava em socego, obedecendo ao Senhor Rei D. João IV. Consta então que o Marquez de Aia-Monte, como conhecendo o vexame com que nos opprimia o

Go-

Governo de Hespanha, dissera graciosamente: „ Aóra verá la España
„ los errores de su Gobierno. Tie-
„ ne el Duque de Bragança Reino
„ para sy, Hijos, Nietos, e Bis-
„ netos. „

Faltava para render a Fortaleza de S. Julião da Barra de Lisboa, e tanto que derão lugar a muitas difficuldades, que milagrosamente se tinhão vencido, mandou ElRei a D. Francisco de Sousa, sobrinho do Conde do Prado, que juntando ao Terço, de que era Mestre de Campo, todos os soldados da Ordenança que lhe fosse possivel unir, marchasse a atacar a Fortaleza, governada pelo Tenente D. Fernando de la Cueva. Tinha este Official mandado a Cadis huma ligeira embar-

ca-

cação, apenas soube com toda a certeza que se tinha acclamado o Senhor Rei D. João IV., para avisar ao Duque de Maqueda, General da Armada Hespanhola pedindo-lhe soccorro, e com esta esperança resistio fortemente aos nossos ataques, tendo além disto munições, e mantimentos em grande quantidade.

D. Francisco de Sousa, mandando levantar hum grande reducto defronte da Torre começou a bombealla, mas infructuosamente. Achava-se prezo naquella Fortaleza D. Francisco Mascarenhas Conde da Torre, por ordem d'ElRei Catholico; e vendo que com a restauração do Reino conseguia a sua liberdade, propôz a D. Fernando de

la

la Cueva os interesses que lhe poderião resultar querendo entregalla, offerecendo-se-lhe occasião tão favoravel, e segurando-lhe saber que não havia já no Reino outro lugar que não estivesse rendido.

Não desagradou ao Tenente a proposta, e concertárão-se por parte d'ElRei alguns partidos, em que trabalhou tambem officiosamente hum Religioso Arrabido, chamado Fr. Ambrosio da Conceição. (1) Convencionou-se dar ElRei a D. Fernando de la Cueva a Commenda do Pinheiro da Ordem de Christo em tres vidas, e depois de dez dias de resistencia se entregou. Tomou posse da Torre D. Francisco de Sou-

(1) Rende-se a Torre de S. Julião da Barra.

Sousa , ficando Governador della: dois dias antes se tinha rendido a Praça de Cascaes a D. Antonio Luiz de Menezes , e a D. Gastão Coutinho.

Logo que se arranjou o systema do Governo , vencidas as primeiras, e maiores difficuldades, tratou-se de dispôr quanto era necessario para a solemnidade de coroar ElRei. (1) Levantou-se no Terreiro do Paço hum Theatro que igualava com as varandas do mesmo Paço , adornado com toda a magnificencia. Ao som de trombetas , clarins , e timbales, sahio a elle ElRei vestido de risso pardo bordado de ouro, com botões de diamantes, e hum riquissimo colar

---

(1) Coroação d'ElRei.

lar de brilhantes, de que pendia a insignia da Ordem de Christo. Trazia Opa de brocado rossagante, forrada de téla branca, tudo semeado de ramos de ouro. Empunhava o Sceptro que fôra despôjo da batalha de Aljubarrota, em memoria de que assim como naquella batalha hum D. João I. o tirára da mão de Hespanha, assim agora hum D. João IV. lhe revendicava o mesmo Dominio.

Levantava a cauda da Opa o Camareiro-Mór João Rodrigues de Sá, Conde de Penaguião. (1) Fazia o Officio de Condestavel D. Francisco de Mello, Marquez de Ferreira, sustentando aquelle Esto-

que

---

(1) Officiaes da Casa Real.

que desembainhado, que o Papa Gregorio XIII. mandára aos Reis de Portugal. Era Mordomo-Mór D. Manrique da Silva, Marquez de Gouveia. Estribeiro-Mór Luiz de Miranda Henriques. Veador D. Pedro Mascarenhas, filho Primogenito do Marquez de Montalvão. Servia de Meirinho-Mór D. João de Castello-Branco por seu Irmão, que estava em Madrid. De Guarda-Mór Pedro de Mendonça; e adiante de todos os Officiaes da Casa, Fernão Telles de Menezes com a Bandeira de Alferes-Mór do Reino.

Assentou-se ElRei, adornado das Insignias Reaes, debaixo do Docel em Throno levantado, e depois de tomarem os que lhe assistião os seus lugares competentes, recitou huma

eloquente Oração o Desembargador Francisco de Andrade Leitão, na qual provou com brevidade o Direito que Sua Magestade tinha á Coroa de Portugal, usurpada a sua Avó a Duqueza D. Catharina, por Filippe II. Representou a ElRei o interesse que os povos mostravão na sua exaltação, offerecendo-lhe vidas, e fazendas para o defenderem. (1) Acabada a Oração logo ElRei de joelhos jurou sobre hum Missal aos Evangelhos manter os seus vassallos nos seus Privilegios, e guardarlhes a todos justiça. Os tres Prelados maiores do Reino com elle juntamente de joelhos lhe tomavão o juramento: erão estes o Arcebispo

(1) Juramento d'ElRei.

po de Lisboa, o Arcebispo de Braga, e o Bispo Inquisidor Geral. Seguio-se o juramento dos tres Estados do Reino. O Alferes-Mór desenrolando então a Bandeira, tres vezes a bateo, repetindo em alta voz: „ Real, Real, por ElRei D. João „ IV., Rei de Portugal. „

Terminada a função desceo ElRei ao Terreiro do Paço, e montou em hum formoso cavallo castanho, ricamente ajaezado, acompanhando-o a pé toda a Nobreza descoberta. Ao lado direito hia o Estribeiro-Mór Luiz de Miranda Henriques, e ao esquerdo o Menor, Manoel Pereira Borralho; e com a mão na rédea D. Pedro Fernandes de Castro, em ausencia do Conde de Monsanto, Alcaide-Mór de Lisboa.

boa. O Senado o recebeo debaixo do Páleo, e chegando á Praça do Pelourinho, onde estava hum Theatro erguido, ricamente adereçado, parou ElRei diante delle, e ouvio huma breve Oração que recitou o Desembargador Francisco Rebello Homem, que continha o alegre alvoroço do povo, e a sua promptidão para defender a Soberania do seu novo Monarcha. Desceo então do Theatro onde tinha subido o Conde Presidente do Senado, com as chaves da Cidade em huma salva dourada, e as entregou a El-Rei.

Depois disto por entre as alas que fazia a Trópa, continuou El-Rei o caminho para a Cathedral da Sé, onde se apeou para dar Graças

a

a Deos, em quanto os Musicos cantárão o *Te Deum*, entre os alegres vivas de todo aquelle pomposo concurso.

Recolhido Sua Magestade ao Paço, não dilatou, como era necessario, nomear Ministros de Estado. (1) Declarou para o Despacho diario o Marquez de Ferreira, o Visconde D. Lourenço de Lima, o Arcebispo de Lisboa, e passados alguns dias ao Marquez de Gouveia. Além destes, nomeou Conselheiros de Estado, ao Arcebispo de Braga, ao Inquisidor Geral, ao Marquez de Villa Real, ao Conde de Vimioso, ao Bispo de Lamego D. Miguel de

(2) Elege ElRei Ministros, e Conselheiros de Estado.

de Portugal, ao Marquez de Ferreira, a D. Miguel de Almeida, D. Antonio de Ataide, D. Jorge Mascarenhas, e Henrique Correia da Silva. As Presidencias dos Tribunaes, e os mais Empregos da Corte distribuio ElRei pelas pessoas mais benemeritas.

No dia de Natal pela manhã embarcou Sua Magestade para Aldêa Gallega, a esperar a Rainha Sua Augusta Esposa, o Principe D. Theodosio, e as Senhoras Infantas D. Joanna, e D. Catharina. Acompanhavão a Rainha o Marquez de Ferreira, (1) D. Vasco da Gama, Conde da Vidigueira, e D. Francisco Coutinho, Conde de Redondo,

(1) Chega a Rainha D. Luiza a Lisboa.

do, que tinhão partido a conduzil-la. Elegeo a Rainha para sua Camareira-Mór a Marqueza de Ferreira, e ElRei lhe nomeou para seu Mordomo-Mór a D. Sancho de Noronha, Conde de Odemira; Estribeiro-Mór a D. Luiz de Noronha, e seu Veador a Pedro da Cunha. Foi universal o contentamento da Corte com a chegada de Suas Magestades, e Altezas, dando os habitantes de Lisboa novas, e repetidas provas da sua satisfação, e da sua inseparavel fidelidade.

Logo que chegárão á Corte de Madrid humas noticias vagas do bom successo desta Empreza, como erão ainda confusas, perguntou-se ao Conde de Figueiró, que tinha partido de Lisboa nos ultimos dias de

No-

Novembro, se era verdade o que se dizia; attestava elle ingenuamente que nada sabia da Acclamação. O Conde Duque de Olivares dizia para o Secretario: „ Que és esto que „ oîmos? „ mas este ficava incerto na mesma perplexidade que o Conde Duque. Foi grassando a noticia até que chegou a Madrid hum Hespanhol criado do Senhor Rei D. João IV., o qual o tinha servido em Villa Viçosa, e se tinha passado para Hespanha logo que aconteceo a Acclamação, e contou por extenso todo o successo, pelo ter presenceado occularmente.

Toda a Corte de Madrid sabia já todo o successo de Portugal indubitavelmente, excepto Filippe IV. porque ninguem se atrevia a dizer-

lho

lho com medo do Conde Duque de Olivares. Este astuto Ministro temendo que algum dos seus inimigos se adiantasse a dar a noticia, figurando-a em seu desabono, se determinou a disfarçalla com toda a subtileza, para que ElRei Filippe não conhecesse a importancia da perda, e com alegre semblante lhe disse: „ Buenas novas, Señor, buenas „ novas. Tiene Vuestra Magestad „ mas un gran Ducado. „ Ao que ElRei lhe perguntou: Y como? Respondeo o Valído: „ El Duque „ de Bragança se ha intitulado Rey: „ Estamos en estado de lo poder „ privar d'el, sin ser necessario mas „ de un dia. „ Esta lisonja com tudo sobresaltou o Rei de Hespanha, que lhe não parecêrão estas espe-

ran-

ranças tão brilhantes como o seu primeiro Ministro lhas pintára ; e sempre lhe disse prudentemente, que seria necessario atalhar huma rebellião , que podia ter consequencias perigosas , quaes as que tinhão á vista na revolução de Catalunha, que tão violentas inquietações lhe causava.

Forão continuando com prosperidade os progressos do novo, e feliz Reinado do Senhor Rei D. João IV. , que chamou a Cortes para o dia vinte e oito de Janeiro seguinte do anno de 1641. (1) Concorrêrão a Lisboa todos os Procuradores das Cidades, e Villas notaveis, que tem voto , celebrando-se este Acto

na

---

(1) Convocão-se Cortes.

na sala dos Tudescos com a solemnidade do costume. Jurárão os tres Estados a ElRei por legitimo Senhor destes Reinos, e por seu Successor ao Principe D. Theodosio; (1) que estava assentado debaixo do Docel, junto a seu Pai. O Bispo de Elvas D. Manoel da Cunha recitou huma Oração, intimando e persuadindo nella o amor dos povos ao seu legitimo Soberano, a quem voluntariamente se offerecião para lhe conservar, e perpetuar a Coroa desta Monarchia. Continuou o juramento, observando-se todas as antigas formalidades.

Tornárão-se a juntar no dia seguin-

(1) He jurado Successor o Principe D. Theodosio.

guinte, assistindo ElRei sem o Principe seu Filho, no mesmo lugar, e com igual pompa. Rompeo o Acto o Bispo D. Manoel da Cunha, propondo em Cortes por parte de Sua Magestade, que havia por levantados, e abolidos todos os tributos impostos por ElRei de Hespanha. Igualmente propôz, que recommendava Sua Magestade á eleição dos tres Estados do Reino, os meios mais proporcionados para a sua defensa, offerecendo elle mesmo primeiro, para as despezas da guerra, todo o Dominio Real de joias, e peças que nelle houvessem, e na Casa de Bragança, reservando sómente os seus bens patrimoniaes, para entreter com decóro o sustento da Casa Real. Acabada esta falla, respon-

pondeo a ella da parte dos povos o Desembargador Francisco Rebello Homem, Vereador do Senado da Camara, agradecendo a Sua Magestade a mercê de lhes levantar os tributos, e offerecendo-lhe da parte dos mesmos povos, em prova da sua gratidão, as vidas, e fazendas para a segurança, e defensa do Reino.

Acabado que foi o Acto das Cortes, ordenou ElRei, que nas Igrejas de tres Conventos se juntassem divididos os tres Estados; na Igreja de S. Domingos o Ecclesiastico; na de Santo Eloy a Nobreza; e na de S. Francisco da Cidade os Procuradores dos povos. Nas Conferencias que se fizerão, concordou-se uniformemente nos impostos que se devião lançar para as despezas da

guer-

guerra, offerecendo-se todos a huma voz para as contribuições necessarias. Impôz-se o tributo da Décima em todos os Officios, e propriedades de que cada hum fosse Senhor, sem excepção de pessoa alguma: (1) sómente se excluião desta Décima os Ecclesiasticos; mas elles offerecêrão hum tanto por cento á proporção das suas rendas, e o mesmo em cada Bispado, conforme tambem ao seu rendimento. Depois de tudo ajustado em unidade de votos, despedio Sua Magestade as Cortes, fazendo varias mercês aos Procuradores dos povos, que partírão com as Ordens precisas, contentes, e satisfeitos, e foi então que fi-

cou

(1) Tribunal da Décima.

cou instituido o Tribunal da Junta dos tres Estados.

Estabelecido o Senhor Rei D. João IV. no Throno, e na pacifica posse do seu Reino, começou logo a experimentar sensiveis dissabores, sendo hum dos primeiros, (1) ver que certos Fidalgos passárão furtivamente para Hespanha, com desconsolação dos seus parentes, que lamentando a sua fraqueza, não affrouxárão no plano que tinha traçado para a independencia do Reino, constantes no seu projecto, e na fidelidade ao seu Rei legitimo. Atalhou-se vivamente, que este exemplo não corrompesse alguns mais; e

(1) Retirão-se huns Fidalgos Portuguezes para Hespanha.

e sabendo o Senhor Rei D. João IV. que hum Religioso Dominico, chamado Fr. Manoel de Macedo fôra o author da deserção daquelles indiscretos Fidalgos, o mandou prender, e passado algum tempo foi remettido para a India, vindo a acabar os seus tristes dias em Angola.

Os Ministros da maior Confidencia representavão a Sua Magestade, que era muito necessario procurarse meio de abbreviar a partida da Duqueza de Mantua para Hespanha, porque mesmo do Convento de Santos, onde estava reclusa, poderia influir alguma desordem civil, com o partido occulto, que havia ter indubitavelmente ainda. ElRei no meio dos seus grandes cuidados,

no

no principio do Governo, consultava sempre a Rainha D. Luiza sua Esposa, sobre todas as materias de maior importancia, relativas a todos os objectos da Monarchia, por conhecer o seu grande juizo, e o acerto das suas reflexões: igualmente confiava todos os negocios de grande pezo de Antonio Paes Viegas, seu fidelissimo, e antigo Secretario particular, e do Doutor João Pinto Ribeiro, que tantas provas lhe déra na empreza da sua exaltação ao Throno.

Estes mesmos lhe ponderavão o receio que crescia, de que a assistencia da Duqueza de Mantua em Portugal podesse fomentar alguma sedição; porque o Marquez de la Puebla, e o Conde Bayneto a vi-

sitavão muito a miudo, (1) e tinhão communicação com muitas pessoas, de quem se desconfiava seguirem ainda o partido de Hespanha, com inconfidencia ao nosso Governo. Não cessavão as presumpções de que com effeito era perigosa a assistencia da Duqueza de Mantua, e sem dúvida poderia inquietar alguns animos, e occasionar desordem que custasse muito a evitar. Assentou o Governo que era conveniente o dar-se-lhe insinuação, de que mandasse pedir licença a El-Rei para se retirar para Hespanha. Com effeito escreveo a Duqueza a Sua Magestade, pedindo-lhe esta licen-

(1) Suspeita-se que a Duqueza de Mantua faz partido de rebellião.

cença, como tambem à de mandar adiante o seu Mórdomo D. Pedro da Mota Sarmento, com cartas para ElRei de Hespanha, e para o Conde Duque de Olivares.

Concedeo-lhe ElRei huma, e outra licença, partindo immediatamente o seu Mórdomo-Mór; porém antes que viessem as respostas daquellas cartas, se descobrio a famosa, e notavel conspiração, de que adiante se dará noticia. Esta descoberta fez apressar a partida da Duqueza, porque o Ministerio a julgou authora da conspiração, e por este motivo mandou-lhe El-Rei intimar, que sem perda de tempo se dispozesse para partir para Madrid, ao que ella respondeo que não partia, sem lhe chegar a resposta

da carta que havia escrito a ElRei de Hespanha. Esta repugnancia fez mais suspeitosa a Duqueza, e em consequencia foi-lhe ordem positiva, com dia assinalado para partir impreterivelmente. Vio-se a Duqueza finalmente obrigada a obedecer, e partio com a sua familia toda, (1) acompanhada de Luiz Gomes de Basto, Corregedor do Crime da Corte, e de outro Ministro chamado Simão de Oliveira da Costa, para lhe aprompatarem na jornada as aposentadorias necessarias com toda a decencia. Antes de chegar a Elvas, veio esperalla duas leguas fóra da Cidade Martim Affonso de Mel-

(1) Parte a Duqueza de Mantua para Hespanha.

Mello, Governador das Armas, com huma partida de Cavallaria, fazendo-lhe todas as honras Militares. No dia seguinte continuou a sua marcha, e na Ponte do Caya se mudou para outras carruagens, que de Badajós tinhão vindo.

Logo que se retirou de Lisboa a Duqueza de Mantua, entrou o Ministerio a examinar com toda a cautéla as suspeitas que havião de huma conspiração, em que se traçava tirar a vida ao Senhor Rei D. João IV., e tornar-se a entregar o Reino ao Dominio de Hespanha. Foi author desta desgraçada resolução o Arcebispo de Braga D. Sebastião de Matos de Noronha, (1) que

(1) Conspiração contra a vida d'ElRei.

que sendo muito affeiçoado ao Governo de Hespanha, desde o dia da Acclamação começou a nutrir no seu coração hum espirito de vingança contra os Fidalgos que o ameaçárão, e contra a Soberania do novo Monarcha, conservando sempre particular intelligencia com a Duqueza de Mantua. Ingrato ás distincções que por politica se lhe fizerão, e aos favores, e mercês que de Sua Magestade recebia, tentou attrahir para o seu pernicioso designio, as pessoas que julgou mais dispostas a seguirem o seu partido, persuadindo-as de que era moralmente impossivel, conservar-se Portugal em defensa contra as formidaveis forças de Hespanha, e que na incerteza do novo Governo, erão

mui-

muito confusas as Ordens d'ElRei, e dos seus Ministros, para darem tom a huma existencia fysica, e duravel; e que em taes circumstancias, para agradarem ao Governo de Hespanha, consequente de huma inevitavel invasão, se unissem ao seu partido, para depois representarem nos Cargos da primeira ordem.

Cheio das mais abominaveis idéas, e do artificio mais execrando, pôz primeiramente as suas vistas no Marquez de Villa Real, e em seu Filho o Duque de Caminha, que facilmente ganhou com as suas sediciosas persuasões. Seguio-se a estes o Conde de Armamar, sobrinho do Arcebispo, e alguns outros que estes seduzírão. Servio-se o Arcebispo de hum homem chamado

Ma-

Manoel Valente, e de hum Diogo de Brito Nabo para serem agentes desta horrorosa empreza : igualmente convocou Belchior Correia da Franca, homem astucioso, para seduzir a Pedro de Baeça, Thesoureiro da Alfandega, e Negociante rico, segurando-lhe contra a verdade serem mais de mil os que entravão na conjuração. Reduzido Pedro de Baeça, foi fallar com o Marquez de Villa Real, que o enviou logo ao Arcebispo, e depois de ter com este huma larga conferencia, protestou-lhe Pedro de Baeça, que unida a sua riqueza com a de dois Negociantes mais da sua confidencia, aprompraria huma grande somma de dinheiro para as despezas necessarias. Que elle partia a diligenciar

ciar alguns socios, e que de tudo lhe iria dando parte.

Logo que Pedro de Baeça se apartou do Arcebispo, foi communicar todo o intento da conspiração a Luiz Pereira de Barros, Contador da Fazenda, por ter sido creatura do Secretario Miguel de Vasconcellos, e por ter estado prezo á ordem d'ElRei, arguido de inconfidencia, ao mesmo passo que tinha justificado a sua innocencia, e a sua honra. Pensou Pedro de Baeça que por estes motivos o faria parcial da conjuração, e certificou-lhe a resolução de se matar ElRei, e restituir-se outra vez o Reino ao Dominio de Hespanha, com o soccorro que por mar, e por terra se esperava. Accrescentou mais que sabia

se-

serem oitenta os Fidalgos conjurados, e mais de quinhentas pessoas de diversas qualidades, pintando-lhe os grandes interesses que resultarião desta empreza aos que a conseguissem.

Fingio Luiz Pereira que ficava persuadido, mas que julgando alguma difficuldade na empreza, (1) estimaria entrar nella com sciencia certa de quem erão os principaes dos conjurados, e os seus nomes, e que meios tinhão determinado para a pôrem em execução, ao que Pedro de Baeça lhe respondeo, que os principaes da liga erão o Arcebispo de Braga, o Marquez de Villa Real,

(1) Descobre-se a conjuração, e os motores della.

Real , o Duque de Caminha , o Inquisidor Geral, o Conde de Armamar , e D. Agostinho Manoel com outros mais ; e que em quanto ao modo de se executar a acção, se esperava de Madrid a ordem, como tambem lhe dava a certeza de se ter de lá promettido hum grande exercito, com que o Conde de Monte Rei havia entrar pelo Além-Téjo , e huma poderosa Armada que pela Barra de Lisboa havia entrar tambem no dia da execução.

Despedio-se Luiz Pereira de Pedro de Baeça, deixando-o capacitado da sua confiança , e foi logo dar parte a ElRei , que tinha negocio de summa importancia para communicar a Sua Magestade, e foi promptamente introduzido a huma Audien-

diencia particular. Contou-lhe miudamente quanto com Pedro de Baeça tinha passado, e ElRei lhe louvou muito a sua fidelidade, remunerando-lha depois com huma Commenda. Ordenou-lhe que fosse logo immediatamente contar tudo isto mesmo a Antonio Paes Viegas, e a João Pinto Ribeiro.

Dalli a poucos dias aconteceo que hum homem natural do Torrão, chamado Manoel da Silva Mascarenhas, a quem hum amigo seu que pelo Arcebispo de Braga sabia da conjuração, contou o plano que se traçava, propondo-lhe os motivos que para isso concorrião, o que Manoel da Silva atalhou logo, dizendo-lhe que convinha ir descobrir sem perda de tempo a ElRei esta infame

me traição. Assim o fizerão ambos, mas não podendo fallar a Sua Magestade, impacientes com a dilação de tempo, buscárão o Conde de Vimioso, a quem participárão toda a premeditada conspiração. O Conde partio immediatamente para o Paço, e communicou tudo a ElRei, que quiz fallar com aquelles dois homens, os quaes no mesmo dia á noite lhe forão apresentados pelo mesmo Conde de Vimioso. Premiou-os Sua Magestade louvando-lhes a sua fidelidade; e combinadas estas noticias com as de Luiz Pereira, e com os mais exames, e diligencias particulares que se fazião, já se não duvidava da conspiração.

Afflicto o Conde de Vimioso com taes noticias, foi visitar o Ar-

ce-

cebispo de Braga , e apenas se assentárão , logo o delirante Arcebispo tentou corromper o Conde , expondo-lhe largamente o seu designio. Teve o desacordo de lhe repetir os nomes dos conjurados , accrescentando alguns que o não erão , o que deo motivo a prenderem-se depois muitas pessoas sem culpa. Foi-o desviando o Conde de tão abominavel prática , reprimindo a cólera que se lhe hia exaltando , e prudentemente pensou não fazer alli demonstração maior com o Arcebispo , em attenção á sua dignidade , e aos seus annos , e porque poderia resultar alguma consequencia mais arriscada em objecto de tanta ponderação.

Despedio-se do Arcebispo , e foi lo-

logo dalli para o Paço dar conta a ElRei de quanto o Arcebispo lhe tinha representado. Foi então que decididamente Sua Magestade se resolveo a tomar todas as medidas que fossem convenientes a tão gravissimo caso. Vacilárão os Ministros em Conselho, sobre algumas difficuldades que se figuravão, por serem as pessoas que se nomeavão na conjuração da primeira ordem, e aparentadas com os que mais representavão na Corte, e no Governo; mas o crime era de natureza tal, que por todas as Leis devia ser punido sem indulgencia. A vida de hum Soberano he muito sagrada, e os agressores que contra ella conspirão, em todos os Paizes devem sem piedade ser punidos á face do mundo inteiro.

Co-

Começárão as prizões por Pedro de Baeça, Belchior Correia da Franca, e Diogo de Brito Nabo: estes tres delinquentes forão postos a tormento, e depozerão plenamente o seu delicto, e o de todos os mais cumplices. Informado ElRei deste processo, e vendo tão indubitavel certeza da conspiração, resolveo-se a mandar que no dia vinte e oito de Julho se formassem todos os Terços da Ordenança nas principaes Praças de Lisboa, avisando que queria vêllos fazer exercicio. Mandou avisar a Nobreza para o acompanhar, e tambem se passárão avisos aos Conselheiros de Estado para se acharem no Paço em Conselho ás tres horas da tarde naquelle dia.

De-

Depois que se forão ajuntando no Paço, chamou o Porteiro-Mór Luiz de Mello ao Marquez de Villa Real, (1) e conduzio-o a hum quarto onde estava Thomé de Sousa, o qual tanto que o Marquez entrou, lhe disse, que ElRei lhe ordenára que o prendesse. Perturbou-se o Marquez, e sem responder palavra lhe entregou a espada. Em outro quarto pela mesma fórma D. Rodrigo de Menezes prendeo o Arcebispo de Braga; e D. Pedro de Menezes prendeo o Inquisidor Geral. Pedro de Mendonça, e Antonio de Saldanha tinhão ordem para prenderem o Duque de Caminha, e assim que o vírão chegar ao Terreiro do

(1) São prezos os conjurados.

Paço vierão abaixo, e antes de se apear se mettêrão com elle no seu mesmo coche, e o conduzírão á Torre de Belém.

Para a mesma hora tinhão as justiças, e alguns Fidalgos ordem para as outras prizões que se fizerão. Para a Torre de Belém forão tambem prezos Nuno de Mendonça, Conde de Val de Reis, e Lourenço Pires de Carvalho. Para o Castello de S. Filippe em Setubal foi conduzido D. Antonio de Ataide Conde da Castanheira, e para a Torre de Outão Gonçalo Pires de Carvalho. Para a Torre de Cascaes foi prezo Antonio de Mendonça, Commissario Geral da Bulla da Cruzada; e para o Castello de Lisboa Ruy de Matos e Noronha, Conde

de

de Armamar. No Convento de Belém, passando depois para a Torre, esteve prezo Fr. Luiz de Mello, Bispo eleito de Malaca.

Para as Cadeias do Limoeiro forão prezos D. Agostinho Manoel, Christovão Cogominho, Guarda-Mór da Torre do Tombo, Antonio Correia, Official maior da Secretaria de Estado, Paulo de Carvalho, e seu Irmão Sebastião de Carvalho, ambos Desembargadores, Luiz de Abreu de Freitas, Escrivão da Camara d'El-Rei, Jorge Fernandes d'Elvas, Diogo Rodrigo Lisboa, Jorge Gomes A'lemo seu Filho, e Simão de Sousa Serrão, Negociantes ricos, e Manoel Valente Escrivão da Tavola de Setubal. Tambem de Coimbra veio prezo para a Torre de Belém D.

 Fran-

Francisco de Faria, Bispo de Martiria, o qual tinha sido creado do Arcebispo de Braga.

No dia seguinte ao das prizões sahio o Arcebispo de Lisboa com huma Procissão da Sé, em acção de graças, (1) por se ter descuberto a conspiração, que ameaçava ruina tão lamentavel ao Reino, e o cruel attentado contra a vida do novo Soberano. Mandou ElRei publicar hum Decreto, pelo qual satisfazia os seus leaes vassallos, intimando o sentimento com que mandára proceder, contra os que cégamente intentavão perturbar o socego público, antepondo a este o sujeitarem-se outra

vez

---

(1) Procissão da Sé em acção de graças, por se descubrir a conjuração.

vez ao Dominio, e ao cativeiro de Hespanha. Que elle protestava ajustar-se com as obrigações da justiça, perdoando a qualquer pessoa, que perante os Ministros descobrissem a noticia que tivessem tido da conspiração. Muitos dos comprehendidos escapárão com este indulto do castigo, e accrescentárão a prova aos que depois forão condemnados. O povo que amava com excesso ao Senhor Rei D. João IV. já se começava a amotinar contra a Nobreza, principalmente contra os parentes dos Fidalgos, que tinhão sido prezos; mas em virtude daquelle Decreto, que por Editaes se affixou pelas esquinas da Cidade, socegou clamando com tudo que fossem punidos os agressores, que tinhão

nhão perpetrado tão barbaro delicto.

Nomeou ElRei os Juizes mais circunspectos para fazerem perguntas aos réos; e depois de bem examinados os processos por confissão propria, forão nomeados os mais Ministros para sentencearem, depois de se lhes provar o crime de Leza Magestade da primeira Cabeça, e mandárão-nos finalmente dizer de sua justiça no termo de tres dias. ElRei querendo que fosse mais authentica a Sentença do Marquez de Villa Real, a do Duque de Caminha, e a do Conde de Armamar, mandou lavrar hum Decreto, no qual nomeou seis Fidalgos por adjunctos aos Ministros. Forão estes Pedro de Mendonça Furtado, Fernão Telles

de

de Menezes, D. Pedro de Alcáçova, D. Miguel de Almeida, Henrique Correia da Silva, e D. Antonio Telles de Menezes. E porque os tres ultimos se derão por suspeitos, nomeárão-se em seu lugar Pedro da Cunha, Tristão da Cunha, e Pedro da Cunha, Veador da Rainha. Os Ministros nomeados, com os Fidalgos adjunctos, (1) sentenceárão finalmente á morte o Conde de Villa Real, o Duque de Caminha, e o Conde de Armamar. Na tarde do mesmo dia, aquelles mesmos Ministros sem adjunctos, condemnárão a degollar D. Agostinho Manoel, e a enforcar, e esquartejar Pedro de Baeça, Belchior Correia

(1) Sentença dos conjurados.

reía da França, Diogo de Brito Nabo, e Manoel Valente: Christovão Cogominho, e Antonio Correia forão tambem condemnados a enforcar defronte do Limoeiro.

O Arcebispo de Lisboa enternecido ás lagrimas da Duqueza de Caminha, e aos seus rogos, intercedeo á Rainha pela vida do Duque; mas a Rainha conhecendo a justiça da causa, e o quanto era necessario o castigo, não só para a segurança do socego público, mas para a conservação da vida d'El-Rei, e dos Principes seus Filhos, respondeo ao Arcebispo, que a maior mercê que lhe podia fazer, era o guardar segredo, e esquecer-se de que elle lhe fallára em tal.

No dia vinte e nove de Agosto

to se levantou na Praça do Rocio hum Patibulo, (1) onde forão degollados o Marquez de Villa Real, o Duque de Caminha, o Conde de Armamar, e D. Agostinho Manoel, sem merecerem a comiseração do povo, que approvando o supplicio, gritava em chusma : „ Morrão, e viva „ ElRei D. João IV. „ Continuárão-se as execuções dos outros réos acima nomeados, na fórma das suas sentenças. Neste mesmo dia das execuções, concorrendo toda a Corte ao Paço, sahio ElRei vestido de luto á sala do Docel, e com demonstrações de sentimento lastimou a sorte daquelles desgraçados, e verificou á Nobreza a justiça com que

(1) Supplicio dos conjurados.

que pelas Leis tinhão sido punidos.

Mandárão-se logo depois examinar as culpas dos mais que tinhão sido prezos, e não se achando fundamento para serem condemnados, forão soltos immediatamente, o Conde de Val de Reis, o Conde da Castanheira, (1) Gonçalo Pires de Carvalho, e o Commissario Geral da Bulla, que depois foi Arcebispo: igualmente se soltárão todos os mais que se julgárão innocentes, á excepção do Arcebispo de Braga, que morreo prezo na Torre de S. Julião da Barra, e o Bispo de Martiria, que depois de estar mui-

(1) São soltos os que se prendêrão por se lhe não provar culpa.

muitos annos na Torre de Belém, foi mudado para o Convento de S. Vicente de Fóra, onde terminou a sua carreira. O Inquisidor Geral, tambem esteve muito tempo prezo na Torre de Belém, mas com effeito foi solto depois, e restituido aos seus empregos.

Entrárão neste tempo pela Barra de Lisboa os Embaixadores que ElRei tinha mandado a França, na armada que daquella Potencia passava a este Reino, (1) trazendo por General o Marquez de Bersé, sobrinho do Cardeal de Richelieu. Vinha tambem hum Embaixador de França, a quem ElRei deo logo audiencia,

(1) Chega a Lisboa hum Embaixador de França.

cia , e recebeo as cartas que lhe trazia do Rei de França , da Rainha , e do Cardeal de Richelieu. Quando chegou esta armada de França , achou a nossa já preparada , e prompta , tendo ElRei nomeado para Almirante della a Fernão da Silveira , Irmão do Conde de Sarzedas. O destino das duas armadas , com outra que por dias se esperava de Hollanda , era de irem bloquear Cadis , Porto importantissimo de Hespanha para a Andaluzia , de cujo Reino era Capitão General o Duque de Medina Sidonia , Irmão da Rainha D. Luiza.

Dizia-se , e corria de plano que esta empreza era de commum acordo , e concerto com ElRei , e o Duque , por intervenção do Marquez

de

de Aia-monte, muito proximo parente da Rainha; e como as suas terras erão contiguas á embocadura do Guadiana, e perto das Fronteiras de Portugal no Algarve, dizia-se que elle tinha intelligencias particulares com a nossa Corte, no designio de augmentar a sua fortuna com a elevação das duas casas. Que escrevêra muito secretamente ao Duque de Medina Sidonia, felicitando-o primeiro do bom exito de huma conspiração que em Portugal tinha acontecido, e que pela sua descoberta se tinha salvado a Rainha sua Irmã, seu Cunhado, e toda a familia Real.

Que ao mesmo tempo lhe lembrava o quanto elle devia desejar, que o novo Rei de Portugal po-

des-

desse conservar huma Coroa, em que havião succeder seus sobrinhos; e que por consequencia neste Reino podia elle ter huma segurissima alliança, em quaesquer circumstancias criticas, principalmente durante o Ministerio do Conde Duque de Olivares, cuja soberba, e absoluta politica tinha por objecto abater os Grandes; e que provavelmente elle o não conservaria por muito tempo no Governo de huma tão grande Provincia, e tão visinha de Portugal; e que isto que elle lhe ponderava era digno de sérias reflexões, tendentes todas a elevar a fortuna da sua casa, em huma occasião tão opportuna, para fazer-se independente da Coroa de Hespanha, fortificando-se na Andaluzia toda a

fa-

favor das armadas que se dirigião a Cadis.

Tambem se disse que o Marquez de Aia-monte tivera a fraqueza de confiar todos os seus arriscados projectos de hum Religioso Franciscano, chamado Fr. Nicoláo de Velasco, o qual passando a Castro-Marim, alli dissera que vinha a Lisboa para tratar da soltura de hum Hespanhol, que injustamente se achava prezo. O certo he que o Conde de Obidos, então Governador do Algarve, desconfiando que este Religioso fosse hum espia, mandou-o conduzir prezo para Lisboa, onde asseverando que vinha solicitar a liberdade daquelle Hespanhol, que tinha sido criado do Duque de Medina Sidonia, o sol-

tá-

tárão, assim como ao dito Hespanhol, a quem elle depois revelou o segredo da Commissão a que viera.

Passados alguns dias se disse que este mesmo Hespanhol se offereceo para levar ao Duque os avisos que lhe entregassem, e constou que com effeito lhe levára cartas d'ElRei, as quaes indo á mão do primeiro Ministro em Madrid forão examinadas, e se averiguou que estava ajustada entre ElRei, e o Duque a empreza de Cadis, pelas armadas combinadas de França, e Hollanda, sendo o sinal concertado para as armadas poderem entrar na Bahia de Cadis, e desembarcar gente em terra, accender-se hum farol no angulo de hum baluarte dos que defen-

fen-

fendião a Praça, e que o Marquez de Aiamonte, Tio do Duque de Medina Sidonia, era hum dos principaes sequazes desta facção, havendo muitos mais do mesmo partido.

A este tempo já o Duque de Medina Sidonia tinha sido chamado irremissivelmente á Corte de Madrid, onde com o pretexto de assistencia lhe servião de Guarda Pessoas principaes, a quem ElRei de Hespanha tinha recommendado a sua segurança; e tendo toda a certeza de estar calumniada a sua reputação, determinou justificar-se mandando publicar manifestos por escrito em varias partes, (1) declaran-

(*) Desafio do Duque de Medina Sidonia.

do que elle desafiava a ElRei D. João seu Cunhado, que nomeava Duque de Bragança; e conseguindo licença d'ElRei para este desafio, verdadeiramente cómico, e manejado pela mysteriosa politica do Conde Duque de Olivares, passou a Badajós escoltado por D. João de Garay, Mestre de Campo, General das Trópas de Hespanha, para d'alli partirem para Valença de Alcantara, e nos limites dos dois Reinos ser o lugar marcado para a farça deste extravagante desafio.

Chegárão com effeito a Valença d'Alcantara, donde por duas vezes vierão ás Fronteiras, sem que da parte de Portugal apparecesse pessoa alguma. O Duque de Medina Sidonia, depois de fazer authenticar

a

a demonstração que fizera para effeituar o famoso desafio, retirou-se para Madrid, e D. João de Garay para Badajós. Murmurou-se altamente por toda a Europa deste desafio irrisorio, concordando todos que por nenhum modo o Senhor Rei D. João IV. devia figurar nelle, nem comprometter-se desta sorte, como Soberano, com hum vassallo do seu inimigo. Apezar disto continuou o Duque de Medina Sidonia a ser tão suspeito, que foi mandado presidir a huma Junta que se formou na Biscaia para o desviarem de tornar a Andaluzia, sendo depois disto prezo no Castello de Cóca, sete leguas distante de Valhadolid, donde o passárão para outra prizão em Segovia, e depois para Valha-

dolid , d'onde foi solto no fim de treze annos, pela occasião do casamente de Luiz XIV. Rei de França com a Princeza de Hespanha. O Marquez de Aia-monte foi muito mais desgraçado, porque tendo sido prezo no Castello de Pinto, cinco leguas distante de Madrid , foi finalmente degollado.

Em tanto que a Corte de Madrid perturbada se occupava nestas inquietações, pensava tranquillamente o Senhor Rei D. João IV. em fixar o socego , e a estabilidade do seu Reino , extirpada a conspiração , que tão perigosa podia ser senão fosse descoberta , e punida. Os seus leaes , e fidelissimos vassallos forão dando as mais evidentes provas de valor pela defensa do seu

Rei,

Rei, e pela defensa da Pátria, annunciando ao Reino todo as prosperidades que alternadamente se forão seguindo.

Vierão chegando a Lisboa as noticias de se ter acclamado o Senhor Rei D. João IV. em todos os seus vastos Dominios do Ultramar. (1) A Ilha da Madeira deo exemplo a todas as Conquistas. Logo que alli chegárão cartas d'ElRei para o Governador Luiz de Miranda Henriques, Senhor de Ferreiros, e Tendaes, e para o Bispo D. Jeronymo Fernando, estes dois heróicos Portuguezes souberão de tal modo attrahir á obediencia, e á fide-

(1) Chegão noticias de se ter feito a Acclamação nos Dominios Ultramarinos.

delidade os moradores da Ilha toda, que foi acclamado ElRei, a huma voz geral, entregando-se os Hespanhoes, que presidiavão a Fortaleza, sem resistencia alguma. Luiz de Miranda mandou logo hum expresso a Martim Mendes de Vasconcellos, Governador da Ilha de Porto Santo, e á Ilha de S. Miguel, que seguírão o mesmo exemplo com igual prazer dos seus habitantes.

A Cidade de Angra na Ilha terceira, cuja Fortaleza he sem dúvida huma das melhores da Europa, disputou-se muito tempo, porque sendo alli Governador D. Alvaro de Viveiros, tinha hum grande presidio de Infanteria Hespanhola, que os moradores da Cidade temião. Conhecendo ElRei que haverião naquel-

quella Ilha grandes difficuldades a vencer, mandou Francisco de Ornellas da Camara, que se achava em Lisboa, e era natural da mesma Ilha, das principaes familias della, e Capitão-Mór da Villa da Praia, para que com todo o segredo, e cautéla fosse tentar a empreza de noticiar a sua Acclamação, e celebralla naquella Ilha.

Partio Francisco de Ornellas de Lisboa, e chegando á Ilha terceira desembarcou de noite na Villa da Praia, e caminhou logo á Cidade de Angra a buscar seu Cunhado João de Bitancourt, Capitão-Mór d'ella. Contou-lhe quanto se tinha passado em Lisboa, e entregou-lhe huma carta que lhe levava d'ElRei: hum, e outro persuadírão muitas

pes-

pessoas da sua amizade, e confiança, ficando todos de acordo para acclamarem o Senhor Rei D. João IV. Sabendo Francisco de Ornellas que o Governador desconfiára da sua chegada intempestiva, retirou-se para a Villa da Praia, onde logo sem maior demora tratou de dispôr os animos das primeiras pessoas, que com demonstrações de alegria acclamárão immediatamente a ElRei.

Escrevêrão logo aos Vereadores da Camara de Angra, para que seguissem o seu exemplo; porém estes vacilárão na resolução, temendo as forças do Governador D. Alvaro de Viveiros; com tudo sempre se determinárão a mandar-lhe dizer que rendesse a Fortaleza á obediencia do novo Rei de Portugal, o Senhor

Rei

Rei D. João IV., de cuja grandeza receberia muitas mercês; e que para lhas verificar trazia todo o poder da parte de Sua Magestade Francisco de Ornellas. Prendeo o Governador os Emissarios desta proposta, que forão Fr. João da Purificação, Prior do Convento de Santo Agostinho, e Estevão da Silveira; e mandou logo dez soldados com hum Sargento chamar Antonio do Canto e Castro, com ordem de o levarem prezo, se elle não quizesse ir. Achava-se Antonio do Canto áquella hora junto a hum Corpo da Guarda de soldados Portuguezes, e ouvindo a proposta resistio a ella, animando os soldados com a espada na mão, os quaes carregárão sobre os Hespanhoes que se vierão juntando

aos outros, de ſorte que diſparando-se tiros de huma, e outra parte concorreo o povo da Cidade, vindo á testa delle o Capitão-Mór, clamando todos em altas vozes: *Viva ElRei D. João IV. de Portugal.*

Francisco de Ornellas logo que na Villa da Praia soube deste acontecimento, marchou com mil e quinhentos homens armados, que já tinha prevenidos, e veio á Cidade de Angra, onde os Portuguezes continuárão a fazer acções de grande valor, derrotando, e pondo em vergonhosa fuga os Hespanhoes para dentro da Fortaleza, donde se defendêrão contumazes, pela muita munição que tinhão. Soube-se entretanto em Madrid deste acontecimento na Ilha terceira; e assistindo naquel-

quel-

quella Corte Manoel do Canto, Irmão de Antonio do Canto, nomeou-o ElRei de Hespanha para conduzir, e commandar hum grande soccorro de Infanteria, e munições para o Governador D. Alvaro de Viveiros, julgando que como elle era natural da Ilha, e muito aparentado nella, seria o mais capaz de se lhe confiar esta Commissão; mas enganou-se, porque apenas Manoel do Canto ancorou no Porto da Ilha, sahio a terra, e buscando o Capitão-Mór, e a seu Irmão Antonio do Canto, vierão com toda a Infanteria que podérão conduzir em barcos, entrárão no navio, e fizerão prisioneiros os Hespanhoes, que hião apoderando-se das munições, e rendendo mais outros dois que o acompa-

panhavão. (1) Durou muito tempo ainda a resistencia da Fortaleza, a pezar de se tomarem quantos soccorros se remettião de Hespanha, até que finalmente se rendeo, chegando os sitiados á ultima extremidade.

Depois de se ter acclamado na Ilha terceira o Senhor Rei D. João IV., estendeo-se o seu glorioso Nome até ás Conquistas da America, Africa, e Asia. Governava em Mazagão Martim Correia da Silva, (2) que apenas recebeo o Aviso, obrigou logo a Praça a reconhecer o serviço, e a obediencia d'ElRei. Fez o mesmo em Angola Pedro Cezar de Me-

(1) He acclamado ElRei na Ilha terceira.
(2) Em Mazagão.

Menezes, (1) e a seu exemplo todos os Governadores das Ilhas, e Lugares da terra firme, de que Portugal he Senhor na Costa da Africa.

Naquelle tempo residia o Vice-Rei do Estado do Brazil na Bahia. O Marquez de Montalvão D. Jorge Mascarenhas, que occupava este Lugar, logo que áquella Cidade chegou hum navio com carta d'El-Rei para o Marquez, sem se perturbar, (2) tomou as primeiras medidas com o mesmo Capitão que lhe levára a carta muito em segredo, expedindo hum aviso, para que nenhum barco chegasse a bordo daquelle navio até segunda ordem; e por-

(1) Em Angola.
(2) Na Bahia.

porque na Bahia constava a Guarnição Hespanhola de seiscentos homens de Infanteria, mandou formar o Terço de que era Mestre de Campo seu Filho D. Fernando Mascarenhas, na Praça do Collegio dos Padres da Companhia, e o de Joanne Mendes de Vasconcellos na Praça do Paço.

Depois disto feito com muito acerto, mandou chamar as pessoas principaes de todas as classes, e mostrando a cada hum delles em particular a carta d'ElRei, achando a todos conformes, tornou-a a ler então em público. Nesta carta lhe participava Sua Magestade a sua Acclamação, dizendo-lhe que desejaria achar no Brazil a mesma fidelidade Portugueza com que o tinhão reconheci-

do

do cá no Reino , e nas mais partes. Vendo o Vice-Rei a todos unidos , e constantes nos mesmos patrioticos sentimentos, sahírão do Paço, e forão á Sé, onde á face dos Altares acclamárão com a maior alegria o Senhor Rei D. João IV. Cantou-se o *Te Deum* em acção de graças, e forão immediatamente desarmar a Guarnição Hespanhola , procedendo-se a todas as mais solemnidades na Camara , e na Relação. Expedio logo o Marquez Vice-Rei hum expresso a Salvador Correia de-Sá , Governador do Rio de Janeineiro, (1) o qual heroicamente fez celebrar o Acto da Acclamação naquella Cidade sem mais dúvida algu-

(1) No Rio de Janeiro.

guma. Forão avisos do Marquez a todas as Capitanías daquelle Estado, que promptamente obedecêrão, acclamando voluntariamente o novo Rei.

Tinhão sahido pela barra de Lisboa dois navios com cartas de Sua Magestade para o Vice-Rei da India João da Silva Tello, Conde de de Aveiras, e para o Governador de Moçambique Antonio de Brito Pacheco. Forão estes dois navios juntos até á altura de Cabo Verde, onde se apartou hum delles para Moçambique, e assim que deo fundo defronte da Fortaleza, sahio o Capitão a terra, para entregar a carta d'ElRei a Antonio de Brito, em presença da Guarnição toda. Pelo outro navio que se dirigio a Goa, recebeo

o

o Conde de Aveiras a carta d'ElRei, e cheio de alvoroço, e contentamento convocou as pessoas principaes, dando-lhes a noticia do que se passava em Portugal. (1) Não achou o Vice-Rei huma só pessoa que repugnasse a reconhecer, e jurar obediencia ao legitimo Rei de Portugal. Passou as ordens para se celebrar com toda a solemnidade a Acclamação, a qual se fez com toda a pompa, continuando-se por muitos dias grandes festas, até ao dia em que tambem lá foi jurado, com a mesma solemnidade o Principe D. Theodosio.

Logo que o Senhor Rei D. João IV. foi acclamado em Goa, expe-

(1) Na India.

dio o Conde de Aveiras avisos a todos os Capitães das Fortalezas daquelle Estado, e todos sem contradição alguma jurárão logo obediencia a Sua Magestade. Distinguírão-se muito os moradores de Macáo; porque celebrando a Acclamação com demonstrações públicas de prazer, concordárão em mandar a Sua Magestade hum donativo de dinheiro, e munições de guerra, que logo remettêrão a Lisboa, onde chegárão quasi no mesmo tempo, em que vierão duas embarcações, que o Conde de Aveiras expedio com as noticias a ElRei de ter á sua obediencia, e em seu Dominio todo o Estado da India.

Acclamado o Senhor Rei D. João IV. em todas as possessões perten-

tencentes á Coroa de Portugal, não se tendo perdido tempo em todas as disposições do Governo, para a conservação, e segurança dos seus Dominios, tanto por mar, como por terra, lembrou-se Sua Magestade de procurar com efficacia todos os meios de trazer a Portugal os Fidalgos, e soldados nacionaes, que andavão divididos por diversas partes no serviço d'ElRei de Hespanha. Constou-lhe neste tempo que a Carthagena tinhão chegado huns navios, que vinhão da America, nos quaes vinha D. Rodrigo Lobo, e João Rodrigues de Vasconcellos Conde de Castello-Melhor com outros Fidalgos mais; e querendo ElRei avisallos para se recolherem a Portugal, antes que alli chegasse algu-

ma ordem de Hespanha para serem retidos, (1) commetteo esta diligencia a João Paes de Carvalho, homem de grande talento, e valor, e que já tinha assistido algum tempo em Carthagena.

Partio de Lisboa com toda a brevidade João Paes, e a cinco leguas em distancia de Carthagena sahio em hum batel, dirigindo-se áquella Cidade: saltou em terra desfarçado, e buscando a D. Rodrigo Lobo entregou-lhe huma carta, (2) que levava d'ElRei; e porque levava tambem outras, que se trocá-

rão

(1) Diligencias d'ElRei para se recolherem os Fidalgos Portuguezes, que andavão por fóra do Reino.

(2) Trabalhos do Conde de Castello Melhor para vir de Carthagena para Portugal.

rão por inadvertencia, fez-se constante em Carthagena a commissão a que hia. Foi logo prezo, e pondo-o a tormentos vio-se obrigado a confessar de plano a diligencia a que alli fôra. Condemnárão-no á morte, de que se livrou por quinhentas patacas.

As noticias que se espalhárão em Carthagena da Acclamação do Senhor Rei D. João IV. alrerárão o coração de quasi todos os Portuguezes que alli se achavão, dandose os parabens huns aos outros em segredo, de verem que a sua Nação chegára felizmente ao prazo de sacudirem o jugo do Dominio de Hespanha, que por espaço de sessenta annos a tinha atenuado tanto. No meio delles o Conde de Cas-

tel-

tello-Melhor tentou altas emprezas, antes que lhe fosse permittido o passar-se á sua Patria.

Como do Porto de Carthagena tivessem partido dez navios para Porto Bello a conduzirem huma riquissima frota, e sómente alli ficárão surtos quatro galeões sem guarnição, intentou o Conde de Castello-Melhor introduzir nestes galeões o presidio que ficou em Carthagena, o qual se compunha quasi todo de Infanteria Portugueza, e os necessarios mantimentos, e munições que havião no arrabalde daquella Praça, para deste modo surprender a Cidade; e quando esta empreza falhasse, fortificado com os quatro galeões bem guarnecidos aprehender os navios que voltassem

de

de Porto Bello, com a immensa prata que trazião para Hespanha, e conduzilla então para o Porto de Lisboa.

Formando estes arriscadissimos projectos, communicou-os a D. Rodrigo Lobo, que achou disposto com todo o valor, para se procurarem os meios proporcionados para aquella empreza: igualmente propoz estes intentos aos Fidalgos Portuguezes que alli estavão, e aos seus criados; porém como era indispensavelmente necessario que hum Capitão Portuguez chamado Antonio de Azevedo o soubesse, para persuadir a outros dois Capitães mais, que seguissem o seu partido, recommendou o Conde de Castello-Melhor a Pedro Jacques de Magalhães

lhães que propuzesse da sua parte a empreza que se meditava a Antonio de Azevedo, cujo Capitão lhe era obrigado em ter a Patente que tinha, e a quem o Conde generosamente por muitas vezes tinha soccorrido. Assim o praticou Pedro Jacques, mas tão infelizmente que este mesmo homem, ingrato ao seu bemfeitor, e a quem tanto devia, não só faltou ao que promettêra de persuadir os outros dois Capitães, mas foi delatar tudo quanto Pedro Jacques lhe confiára ao Governador de Carthagena, e ao Almirante Hespanhol que alli se achava.

Mandárão estes com todo o artificio pegar em armas a Guarnição Hespanhola, com o pretexto de se recear alguma invasão dos Hollan-

de-

dezes, que costeavão aquelles mares, e ordenárão que nenhum dos soldados Portuguezes sahisse do seu quartel sem segunda ordem. (1) Desta sorte prendêrão improvisamente o Conde de Castello-Melhor, Pedro Jacques de Magalhães, Jorge Furtado de Mendonça, D. Luiz de Abranches, Antonio de Mello, companheiros do Conde, e aos seus criados. Fizerão perguntas a Pedro Jacques, que nada respondeo, e passando a fazerem-lhe rigorosos tratos, teve a constancia de não responder cousa alguma em desabono do Conde; mas huns criados, que não tiverão valor de resistir aos tormentos, depozerão de plano quanto

sa-

---

(1) Prizão do Conde de Castello-Melhor em Carthagena, e d'outros Fidalgos mais.

sabião, de modo que recahio toda a culpa no Conde, a quem processárão, e sentenciárão á morte, depois de o terem maltratado muito na prizão. Forão soltos os mais prezos, mandando logo sahir de Carthagena a Pedro Jacques, o qual com muito trabalho se transportou a Cadis, e dahi para Lisboa. Deo immediatamente conta a ElRei do que succedêra em Carthagena, e Sua Magestade lhe fez mercê de huma Comenda.

Os Hespanhoes pelo empenho que tinhão em se segurarem da pessoa do Conde de Castello-Melhor, forão permittindo que os Portuguezes se fossem ausentando, espalhando vozes de que o Conde na prizão tinha confessado tudo quanto proje-

ctá-

ctára. Chegárão finalmente ao sevéro excesso de o sentenciarem á morte ; (1) mas appellando elle dos Juizes, por não terem jurisdicção para sentenciarem hum Titulo de Portugal , consentírão que Jorge Furtado de Mendonça passasse a Madrid com a appellação do Conde, e com effeito obteve naquella Corte o revogar-se-lhe a sentença, mas não a prizão.

Por dois Alferes hum chamado Antonio de Abreu , outro Domingos da Silva, que tiverão a astucia de passarem na frota para Cadis , e dalli para Lisboa , teve o Conde meios de escrever ao Senhor Rei D.

(1) He sentenciado á morte o Conde de Castello-Melhor , e revoga-se-lhe a sentença.

D. João IV., por intervenção de Fr. Ambrosio do Espirito Santo da Ordem de S. Bento, que era o seu Confessor em Carthagena, ao qual tinhão já concedido licença para lhe poder ir fallar na prizão, tendo-se-lhe antes prohibido. Em breve tempo chegárão com effeito aquelles dois Alferes a Lisboa, e forão logo entregar a ElRei a carta do Conde, contando-lhe miudamente quanto aquelle Fidalgo soffria por seu respeito.

ElRei que anciosamente andava já meditando nos meios de libertar o Conde de Castello-Melhor, mandou sem perda de tempo aprompter hum navio, em que forão os dois Alferes com ordem de procurarem a todo o custo a liberdade do Conde,

de, com vantajosos premios se o conseguissem. Em pouco mais de trinta dias chegárão á vista de Carthagena, e deixando o navio ao largo saltou em terra Antonio de Abreu, e caminhou occulto para a Cidade, onde sem ser visto de pessoa alguma buscou logo a casa de Fr. Ambrosio. Communicou-lhe a ordem que levava, e conferírão no modo de libertarem o Conde, a quem Fr. Ambrosio deo logo esta agradavel noticia.

Para se conseguir tão difficultosa, e arriscada empreza, era necessario ganhar tres soldados da Guarnição do Castello, onde era a prizão do Conde: era hum delles Hespanhol, chamado Antonio Ruiz, natural de Sevilha, e os dois Portu-

tuguezes, hum chamado Antonio Ferreira, natural de Santarém, outro Barnabé Caldeira de Villa-Viçosa. Fallou com elles Fr. Ambrosio, e todos tres lhe promettêrão guardar segredo, e concorrerem para libertar o Conde, porque lhe tinhão sido muito obrigados.

Concertada a empreza para o dia, em que entrassem estes tres soldados de guarda á pessoa do Conde, sahio da Cidade Antonio de Abreu, e passou em huma canôa ás Ilhas de Barú, onde tinha ajustado com o seu companheiro Domingos da Silva, que o esperasse no navio; mas chegando a estas Ilhas, achou o nosso navio tomado por huma fragata Hollandeza, a cujo Capitão Domingos da Silva tinha participado a glo-

gloriosa diligencia, a que o novo Rei de Portugal os mandára; e combinando o Capitão Hollandez isto mesmo com o que lhe expôz Antonio de Abreu, determinou-se generosamente a querer ter parte na gloria de libertarem o Conde, promettendo com palavra de honra de o conduzir a Portugal seguramente na sua fragata.

Concordárão em vir huma lancha de noite para perto da muralha, e sahindo Antonio de Abreu a terra, foi sem ser visto, deixar a Fr. Ambrosio huma carta para o Conde, em que lhe fazia o ultimo aviso do que estava disposto, esperando-se sómente pelo dia em que os tres soldados referidos entrassem de guarda. Logo que este dia chegou,

gou, sahio Fr. Ambrosio de Carthagena com hum criado do Conde, e alguns Portuguezes de noite, e saltárão para a lancha, que por aquelles sitios tinha andado a bordejar. Sahio o Conde da prizão á hora assinalada, com o primeiro sentinella, que era Bernabé Caldeira, e depois com Antonio Ruiz, que rondava, (1) buscárão o posto em que estava Antonio Ferreira, donde fizerão com o fogo de hum murrão o sinal ajustado para os que estavão em baixo na lancha: saltárão estes em terra, e chegando-se ao pé da muralha, atárão os do Castello huma comprida corda ao reparo de

(1) Sahe da prizão de noite o Conde de Castello-Melhor com gloriosa astucia.

de huma peça de artilheria, pela quàl descêrão primeiro dois criados do Conde, para examinarem bem a sua segurança, e achando-a com toda a firmeza desceo por ella o Conde, e em seu seguimento os tres soldados: embarcárão-se prompta, e felizmente na lancha, que com muita brevidade chegou a bordo da fragata Hollandeza, que ao romper da manhã levantou ferro, fazendo-se á véla mesmo á vista dos Hespanhoes, que da Cidade a vírão desesperados, logo que achárão a falta do Conde, e vírão a corda pendente do reparo da peça.

Entrou finalmente este Fidalgo no Porto de Lisboa, (1) depois de

 ter

---

(1) Chega a Lisboa o Conde de Castello-Melhor.

ter passado ainda no mar huma grande tormenta. Foi recebido d'ElRei com todas as demonstrações de affabilidade, que exigião o seu raro merecimento, fazendo-lhe logo mercê do Titulo em duas vidas mais, com todos os bens de Coroa, e Ordens, e de mais huma Comenda. Nomeou-o Conselheiro de Estado, e Governador das Armas da Provincia d'entre Douro e Minho, onde se distinguio, como he constante na Historia. A Fr. Ambrosio deo Sua Magestade huma boa pensão em certo Bispado, aos mais satisfez com habitos, e tenças; e ao Capitão Hollandez, além de hum grande refresco para a sua fragata, premiou com seis mil cruzados, huma cadeia de ouro, e huma medalha com

o

o seu retrato: o Conde de Castello-Melhor tambem generosamente o satisfez.

Continuava neste tempo o Senhor Rei D. João IV. em traçar todas as linhas mais uteis, e necessarias, assim no Governo interior, (1) como no exterior, repartindo Governadores pelas Provincias, e dividindo-as em Comarcas, e as Comarcas em companhias, além da trópa regular do exercito. Cada companhia tinha todos os Officiaes de que se devem compôr, tendo o titulo de Ordenança; e estava alistada por todo o Reino: destas listas então se tiravão para soldados pagos os filhos segundos de todo o ge-

(1) Dispõe ElRei o exercito.

genero de pessoas, exceptuando-se os filhos unicos de viuvas, e lavradores para a cultura das terras: destes, e dos casados de boa idade, e disposição, se formou em cada huma das Comarcas hum Terço, dando-se-lhe o titulo de Auxiliares.

Nomeava ElRei para Mestre de Campo de cada hum dos Terços a pessoa mais nobre daquella Comarca, e da mesma qualidade se buscavão os Capitães para as Companhias. A todos estes Officiaes dava ElRei Patentes, e Privilegios de pagos: buscavão-se para Sargentos-Móres, e Ajudantes destes Terços os Capitães de Infanteria, e Alferes mais práticos do Exercito, a fim de exercitarem os soldados. A obrigação dos Terços Auxiliares,

era

era acudirem ás Fronteiras, para onde se destinavão na occasião da guerra offensiva, ou defensiva; e em quanto nellas estavão, erão assistidos com pão de munição como os soldados pagos, e o mesmo se observava com os da Ordenança, cujas Companhias que se compunhão dos homens de maior idade, acudião quando era maior o aperto, e quando os Exercitos estavão em campanha a guarnecer as Praças que lhe ficavão mais visinhas.

Esteve a guerra suspensa por alguns mezes, pela pouca disposição de ambas as partes, de sorte que a dilação do rompimento da mesma guerra não deixou de ser util a Portugal, porque lhe deo tempo para prevenir por todo o Reino os

meios necessarios para a sua defensa. Começou finalmente a guerra pelo Alem-Téjo , logo com feliz successo da parte dos Portuguezes, (1) que forão sempre ganhando sobre os Hespanhoes grandes vantagens , fazendo-os retirar das Fronteiras. Os mesmos venturosos successos forão progressivamente acontecendo nas Provincias d'entre Douro e Minho , e Traz dos Montes com hum enthusiasmo proprio da Nação , e da justissima causa pela qual pelejavão ; e se o Senhor Rei D. João IV. tivesse as suas Trópas mais bem reguladas, poderia entrar facilmente pela Hespanha dentro , sem resistencia. Falhavão os fundos pa-

(1) Principia a guerra com a Hespanha.

para melhor fornecer o Exercito, porque se tinha abolido a maior parte dos impostos no principio do novo Reinado: com tudo susteve-se a guerra contra os Hespanhoes perto de dezesete annos, não tendo os Hespanhoes mais habeis Generaes, do que tinha com effeito o novo Rei de Portugal. Na Africa, na America, e na Asia fizerão os Portuguezes recordar a memoria dos seus gloriosos Conquistadores, fazendo restituir sólidamente tudo quanto por Direito pertencia á Coroa de Portugal.

Ao mesmo tempo que o Senhor Rei D. João IV. tratava da defensa, do remedio, e da conservação do seu Reino, dispunhão os Ministros de Hespanha a sua ruina,

sem

sem se pouparem a diligencia alguma, para a perpetrarem com infame vituperio. (1) Fugio de Lisboa para Madrid hum homem natural de Lisboa, chamado Domingos Leite, Escrivão da Correição do Civel da Corte, e teve tal astucia para se introduzir com os Ministros de Hespanha, que se offereceo para matar o Senhor Rei D. João IV., obrigando-se a executar esta horrorosa acção sem receio de lhe falhar, recebendo por esta offerta grandes mercês, e dinheiros. Partio de Madrid este monstro, com outro Portuguez para Lisboa, e desfarçado alugou humas casas na rua dos Tornei-

(1) Segunda conspiração contra a vida d'El-Rei, suscitada por Hespanha.

neiros , alugando mais as que lhe ficavão contiguas , e abrio communicação de humas para outras , e frestas nas paredes, onde pôz escopêtas carregadas com bala.

Esperou pelo dia da Procissão do Corpo de Deos , em que El-Rei hia com toda a Nobreza, para quando passasse por aquella rua, que era huma das mais estreitas de Lisboa , descarregar com pontaria certa qualquer das escopêtas , que segurasse o tiro pela frente, ou pelos lados de Sua Magestade ; mas a sábia Providencia Divina, que velava a preciosa vida do Senhor Rei D. João IV. não permittio que ella perigasse naquelle inaudito attentado, porque o abominavel Domingos Leite , passando ElRei bem

per-

perto das pontarias, representou-se-lhe com tal Magestade, e tal Soberania (como depois confessou) que tremeo tentando huma, e outra pontaria, de sorte que passou El-Rei livre de tão eminente perigo.

Vendo Domingos Leite malogrado o seu pernicioso intento, cerrou as portas, e as janellas das casas que tinha alugado, e tornou com o mesmo companheiro para Madrid, onde com a sua astucia soube desculpar-se com os Ministros, de se não poder effeituar ainda aquella atrocissima diligencia; mas que protestava tornando a Portugal, de a concluir. Com effeito dérão-lhe segunda vez novas quantias para voltar. Partio de Madrid para Lisboa com o mesmo companheiro, chamado Manoel

noel Roque, a quem na Povoa de D. Martinho descubrio o intento a que vinha, o que antes lhe não tinha revelado. Manoel Roque cheio de confusão, e de honra, disse-lhe que devia vir a diante para Lisboa, para alugar casas, para o que se demorasse elle ainda hum dia na Povoa: apartou-se immediatamente delle; e apenas entrou em Lisboa, foi logo ao Paço fazer sciente ElRei do que succedia.

Marchou promptamente Luiz da Silva Telles com justiças, e mesmo na estalagem da Povoa, (1) onde Domingos Leite ainda estava, o prendêrão. Fizerão-se-lhe perguntas, exami-

---

(1) Prende-se o réo da conspiração, e he justiçado.

aminárão-se as casas que elle tinha alugado , onde se achárão as escopêtas carregadas , confessou o seu nefando crime , e foi sentenciado a enforcar , cortando-se-lhe primeiro as mãos , e depois os quartos pendentes por alguns dias pela Cidade. Fizerão-se Procissões em acção de Graças ; e a Rainha D. Luiza mandou erigir no lugar em que aquelle monstro tinha intentado executar o seu atroz designio , hum Convento dedicado ao Santissimo Sacramento , occupado pelos Religiosos Carmelitas Descalços , cujo sitio ainda hoje se chama os Torneiros.

No centro de tantos cuidados , e de tão sensiveis desgostos , nenhum tinha alterado tanto a saude do Senhor Rei D. João IV. como o que te-

teve com a sentidissima morte do Principe D. Theodosio seu Filho, na melhor estação dos seus annos, (1) com dezenove de idade, em consequencia de huma teimosa, e longa enfermidade, jurando-se logo em Cortes o Principe D. Affonso por Herdeiro, e Successor destes Reinos.

Foi continuando a guerra, e a defensa do Reino, sempre com prosperidade, até que chegou ao Senhor Rei D. João IV. aquelle impreterivel termo, em que o Supremo Author dos nossos dias constitue os homens. Foi-se augmentando a molestia que Sua Magestade padecia ao ponto de o atacar mortalmente; (2) e

(1) Morte sensivel do Principe D. Theodosio.

(2) Adoece ElRei, e augmenta-se mortalmente a molestia.

e ainda que com passos acelerados caminhou, deo-lhe tempo com tudo para ajustar as suas disposições testamentárias com o Secretario de Estado Pedro Vieira da Silva, e para receber tranquillamente os Sacramentos Minístrados pelo Bispo Capellão-Mór D. Manoel da Cunha, repetindo com elle a Confissão, e Protestação da Fé: depois que se apartou o Bispo, pedio o seu Testamento para lhe fazer a ultima approvação. Feita esta diligencia mandou entrar os Conselheiros de Estado, Presidentes dos Tribunaes, e alguns Ministros, a quem pedio perdão de alguns escandalos que delle tivessem recebido, recommendando-lhes muito a união, e obediencia que devião ter á Rainha, unicos meios

meios para a conservação do Reino.

Ordenou depois com todo o seu acordo ao Secretario de Estado, que escrevesse aos Governadores das armas, (1) recommendando-lhes tambem a obediencia á Rainha, e ao Principe seu Filho, depois da sua morte. Quiz Sua Magestade fallar ao Cabido da Sé, ao qual recommendou o zelo, e a honra da Igreja. Mandou depois que lhe fallasse o Senado da Camara, de que era Presidente D. João de Sousa da Silveira: a este corpo respeitavel pela sua representação, significou ElRei o seu agradecimento, ás demonstra-

ções

(1) Disposições Catholicas, e politicas d'ElRei.

ções do amor que sempre conhecêra no Povo da Capital, cujo Governo lhe recommendava, administrando aquelle zelo da conservação do Reino, que desde a sua elevação ao Throno tinha servido de exemplo a todas as mais Camaras do Reino: que lhe entregava a Rainha, Principe, e Infantes, para que os servissem, e guardassem das intrigas, e astucias dos seus inimigos. Fallou tambem ao Juiz, e Escrivão do Povo, exortando-os igualmente á união. Mandou tambem que lhe chamassem D. Rodrigo de Menezes, Regedor das Justiças, a quem recommendou que da sua parte dissesse aos Desembargadores que esperava delles a observancia das Leis do Reino, e a boa administração da justiça.

Fo-

Forão-se enfraquecendo as forças de Sua Magestade. Tornou a commungar depois de o ungir o Bispo Capellão-Mór, e poucos momentos antes de espirar, disse que lhe chamassem o Conde d'Abrantes, D. Miguel de Almeida: chegou este veneravel velho ao leito d'ElRei, dizendo-lhe: „ He possivel meu „ Rei, e meu Senhor, que Vossa „ Magestade se vai de tão poucos „ annos, e que eu fico de noven- „ ta! „ ao que ElRei lhe respondeo, lançando-lhe hum braço ao pescoço: „ Vou com grande descan- „ ço, porque vos deixo para assis- „ tir á Rainha, e a meus Filhos. „

Desta sorte preparado com todo o desengano, e desapego do mundo, tendo-se já despedido da Rai-

nha, Principe, e Infantes, abraçando a todos com aquella ternura, e amor digna de tão bom Rei, e de tão bom Pai, chamou o seu Confessor, e lhe disse, que como se hia chegando o ultimo momento da sua vida, não queria lembrar-se de negocio algum do mundo, pedindo já com a voz balbuciente a absolvição de suas culpas: separárão a Rainha de chegar a presenciar aquella hora terrivel, e dalli a poucos instantes, pondo os olhos na Imagem do nosso Redemptor, (1) repetindo fervorosamente o seu Santissimo Nome morreo o Senhor Rei D. João IV. na manhã de huma segunda feira seis de Novembro de mil seiscen-

tos

---

(1) Fallecimento d'ElRei.

tos cincoenta e seis annos, nomeando a Rainha no seu Testamento para Regente do Reino, e Tutora de seus Filhos, bem persuadido do seu Augusto merecimento, muito habil para manter a authoridade Régia, durante a menoridade de seu Filho o Principe D. Affonso VI., que foi mostrado á Corte com as formalidades do costume, tomando a Rainha no mesmo dia a Regencia do Reino.

Para conclusão desta Historia não me pareceo inutil escrever a curiosa noticia das ceremonias, que se usárão em todo o funeral do Senhor Rei D. João IV., como as refere o Conde da Ericeira, a quem segui em muita parte.

Logo que Sua Magestade espirou, cerrou o Conde Camareiro-

Mór a porta da Camara onde estava ElRei, (1) e assistido dos moços da Guarda-roupa, compôz o corpo d'ElRei de todas as insignias Reaes, e vestido em hum habito dos Capuchos da Piedade, o qual cubria o Manto Militar da Ordem de Christo. Ficou o corpo sobre o leito, e depois de ornada competentemente a mesma Camara, entrárão os Officiaes da casa, e alguns Religiosos a deitar agua benta a ElRei, beijar-lhe a mão, e ficar-lhe assistindo.

Na mesma tarde se ajuntárão no Paço os Conselheiros de Estado, e alguns Titulos, e em presença de todos abrio o Secretario de Es-

(1) Noticia do funeral do Senhor Rei D. João IV.

Estado o Testamento, verificando-se que ElRei deixava nomeada a Rainha D. Luiza por Tutora, e Curadora de seus Filhos, Regente, e Governadora do Reino; e que depois de huma singular justificação de todas as acções do seu Governo, ordenava que se acabasse a Capella Real, do modo que ficava traçada, e o Mosteiro de Santa Clara de Coimbra; que se dividissem varias tenças, que importavão em huma consideravel somma por pessoas que deixava apontadas; e que logo se repartissem vinte mil cruzados de esmolas por Mosteiros pobres; que sepultassem o seu corpo na Capella-Mór da Igreja de S. Vicente de Fóra, no lugar que a Rainha elegesse, e se instituissem quatro Mis-

sas

sas quotidianas, e que em Lisboa, e todo o Reino se dissessem com a brevidade possivel o número de Missas, que depois de cem mil a Rainha achasse que era conveniente.

Lido o Testamento e cerrada a noite, passárão os Officiaes da casa o corpo d'ElRei para a sala dos Tudescos magnificamente ornada; e no meio della hum Throno levantado em que se pôz o corpo d'ElRei em hum caixão de brocado; e depois de o accommodar nelle o Camareiro-Mór, o cubrio o Reposteiro-Mór com hum panno do mesmo brocado. No dia seguinte celebrou Missa de Pontifical o Capellão-Mór em hum Altar que estava no tôpo da sala debaixo de hum docel, e em outros que se armárão

em

em roda da sala se disserão muitas Missas rezando em voz entoada os Capellães da Capella Real o officio de defuntos, sentados no degráo inferior, de tres de que se formava a tarima. Na mesma sala dos Tudescos assistião os Titulos, Officiaes da Casa, e mais Nobreza nos lugares que lhe tocavão.

Pelas oito horas da noite descêrão á sala dos Tudescos o Principe D. Affonso, e o Infante D. Pedro acompanhados de alguns Titulos, e Officiaes da Casa, nomeados para esta função, trazendo a fralda do Capuz que o Principe levava vestido, Garcia de Mello Monteiro-Mór do Reino, porque o Conde Camareiro-Mór, assistia ao corpo d'ElRei, e a do Capuz do Infante,

te,

te, Rui de Moura Telles Conselheiro d'Estado, e Estribeiro-Mór da Rainha.

Chegárão ao Tumulo, fizerão oração, e lançárão agua benta a ElRei seu Pai. Subio logo o Reposteiro-Mór ao alto da tarima, descubrio o caixão, e chegárão a pegar nelle os Duques de Aveiro, e Cadaval, o Marquez de Niza, os Condes de Odemira, Catanhede, Villa-Pouca de Aguiar, e Villar maior, D. João de Sousa Presidente do Senado, e Vedor da Casa da Rainha, e Jorge de Mello do Conselho de Guerra; levárão o caixão até á liteira, que estava no pateo da Capella, custosamente adereçada, e da mesma fórma o coche de respeito que a seguia. Ro-

dea-

deavão-na os Moços da Estribeira, que erão em grande número, com tochas de cêra que largárão aos Moços da Camara, tanto que entrou na liteira o corpo d'ElRei; accommodárão nella o caixão os Officiaes da Casa a quem tocava, e o Principe, e Infante que o acompanhárão até áquelle lugar, não se apartárão delle, em quanto a liteira se não perdeo de vista.

Hião diante os Porteiros da Cana, seguidos dos Corregedores do Crime da Corte, e em duas alas toda a Nobreza, e Officiaes da Casa, entre elles os Capellães d'El-Rei rezando em voz entoada. Todos os referidos hião a cavallo diante da liteira, que rodeavão sessenta Moços da Camara com tochas,

e

e seguião este pomposo funeral os Capitães da Guarda Portugueza, e Alemã com todos os seus respectivos soldados, assistindo com luzes de huma, e outra parte, desde o Paço até S. Vicente todas as Religiões, e Clerigos da Cidade. No terreiro de S. Vicente estava a Irmandade da Misericordia, e logo que a liteira chegou, tirando della o caixão, os mesmos que o havião introduzido, se entregou, e o levárão com toda a Irmandade até o Coro da Igreja, que fica por detraz da Capella-Mór. Aberto o caixão pelo Secretario de Estado, na assistencia dos Officiaes da Casa, fez hum acto em que todos os presentes forão testemunhas, e jurárão que era aquelle o mesmo corpo d'El-

Rei,

Rei, e que na fórma que sahíra do Paço o entregava ao Prior daquelle Convento, que estava presente, e que fez hum termo de o haver recebido; e cerrado o caixão, foi mettido no Túmulo, e depositado no lugar que a Rainha tinha elegido.

Principiou a Rainha D. Luiza egregiamente a Regencia do Reino, (1) instituindo logo huma Junta que se chamou nocturna, pelas horas a que se convocava; fazião-se as Conferencias na Secretaria de Estado, dando-se conta á Rainha dos negocios de maior importancia pelo Secretario de Estado, para Sua Magestade os resolver. Forão os Minis-

(1) Principia a Rainha a Regencia do Reino.

nistros nomeados para este Tribunal, o Conde de Catanhede, depois Marquez de Marialva, o Conde de Odemira, o Marquez de Niza, e depois o Conde de S. Lourenço, o Duque de Cadaval, o Conde de Soure, e ultimamente João Nunes da Cunha: durando este expediente de Despacho, em quanto a Rainha teve o Governo. Depois deste Tribunal estabelecido, mandou a Rainha escrever aos Governadores das Armas das Provincias, recommendando-lhes o socego, e a segurança dellas, e deo ordem que todos os Officiaes de Guerra, que estivessem ausentes dos seus Postos se recolhessem a exercitallos: fez avisos ás Conquistas, e aos Ministros que assistião nas Cortes da

Eu-

Europa, prevenindo atalhar perigosas consequencias, que poderião facilmente acontecer com a morte do Senhor Rei D. João IV.

Sobre estas acauteladas medidas, começou felizmente a Rainha Regente a dar principio ao seu Governo, fazendo Promoções dos primeiros Postos do Exercito, naquelles Fidalgos da Ordem principal, de cuja confidencia, e fidelidade tinha exuberantes provas. Fortificárão-se as Praças das Fronteiras. Regulou-se o Exercito, e pôz-se em campo armado, concorrendo as maiores forças para o Alem-Téjo, porque ElRei de Hespanha logo que soube da morte do Senhor Rei D. João IV., apresentou nas Fronteiras daquella Provincia hum formida-

vel

vel Exercito, havendo choques violentissimos, com grossas perdas de huma, e outra parte.

Via-se com tudo a Rainha sem huma alliança, que auxiliasse as suas Trópas, mas sem se desanimar a grandeza do seu espirito, crescia o seu valor com o pezo dos agitados negocios da sua Regencia, resplandecendo no seu Augusto coração as mais brilhantes qualidades, proprias de huma Soberana, e sabendo reunir em si toda a Authoridade Régia.

Nada escapou á sua perspicacia, estendendo as vistas áquellas Cortes Estrangeiras, donde podesse tirar partido para huma prompta, e segura alliança. Com estas sublimes idéas, chegou a pôr o Reino de

Por-

Portugal em estado de resistir a todas as forças de Hespanha. O Conde de Soure Embaixador de Portugal em França, felizmente por Ordem da Rainha, fez a importante Commissão de negociar que viesse o Conde de Schomberg, famoso General naquelle tempo, de conhecida reputação em toda a Europa, com oitenta Officiaes escolhidos, e mais de quatrocentos soldados voluntarios de abalizado valor, para regular a disciplina do nosso Exercito.

O Conde de Schomberg, antes de vir para Portugal, passou a Inglaterra para affretar navios de transporte, e na Corte de Londres com Francisco de Mello, nosso Embaixador, que já com ElRei Carlos II.,

novamente restabelecido nos seus Estados, tinha estreitissima amizade, começárão a utilissima negociação do casamento d'ElRei, com a Infanta D. Catharina, por quanto desta alliança, e dos Tratados que com ella se firmárão, a pezar dos infinitos meios, que ElRei de Hespanha intentou para a embaraçar, resultou manejar o Rei de Inglaterra hum Tratado de Commercio entre Portugal, e a Hollanda, e mandar á Rainha Regente hum corpo consideravel de Trópas, que todas depois obedecêrão ás Ordens, e Commando do Conde de Schomberg, firmando-se de huma vez a segurança da Coroa de Portugal, cujas armas decidírão prosperamente o destino da Nação.

Des-

Desta sorte a incomparavel Rainha D. Luiza soube gloriosamente defender-se, e conservar o esplendor da Serenissima Casa de Bragança, durante o tempo da sua trabalhosa, quão memoravel Regencia, até que cessando a menoridade de seu Filho, o Senhor Rei D. Affonso VI., subio este Monarca ao Throno da sua herança, perpetuada por seu irmão o Senhor Rei D. Pedro II., até ao Principe Regente nosso Senhor, que feliz, e sábiamente nos governa, e á sua Augusta, e Real Descendencia, que para consolação nossa, o Ceo conserve na preciosa linha dos legitimos Soberanos desta Monarchia.

FIM.

Este respeitavel Monumento da nossa Historia, que vai recordar hum dos mais gloriosos acontecimentos della, e que decidio a sorte da Nação, restituindo-se a usurpada Coroa de Portugal aos nossos legitimos Soberanos, foi muito sisudamente meditado, e posto em execução, pela heróica intrepidez de muitos Fidalgos, fidelissimos ao seu Rei natural, os quaes arrostando mil obstaculos (apparentemente invenciveis) souberão sem pavor, conduzir felizmente a sua acção, aos admiraveis fins de se firmar novamente o Throno da Monarchia Portugueza.

A memoria destes Heróes, Libertadores da Pátria, que a mesma

Pá-

Pátria , e a Posteridade eterniza, deve encher de muita satisfação aos seus venturosos Descendentes, gloriando-se com justissima razão dos Illustres Avós que tiverão.

Para mais authenticar esta Historia , eu vou mostrar ao público hum Documento pouco vulgar , e assaz curioso , que a muito custo me veio á mão , e que transcrevi exactamente na mesma linguagem, palavra por palavra , qual he a seguinte Relação , impressa naquelle tempo , com privilegio do Senhor Rei D. João IV., como igualmente a Lista , que vai no fim da mesma Relação , a qual eu illustrei com as notas , e filiações , que pude achar, pela mais fiel tradição.

RELAÇÃO
DE
TUDO O QUE PASSOU
NA
FELICE ACLAMAÇÃO
DO
MUI ALTO,
E
MUI PODEROSO REI
D. JOÃO O QUARTO
NOSSO SENHOR,
CUJA MONARQUIA PROSPERE DEOS
POR LARGOS ANNOS.
DEDICADA
AOS FIDALGOS DE PORTUGAL.

Com todas as Licenças necessarias.
Em Lisboa á custa de Lourenço de Anveres,
e na sua Officina.

LICENÇAS.

VI esta Relação do succedido na felice Acclamação d'ElRei D. João IV., nosso Senhor, que Deos guarde: não tem cousa contra a nossa Santa Fé, ou bons costumes: antes me parece acertado, que ao mundo se divulgue a resurreição do valor, e brio Portuguez tantos annos com o Reino sepultado; e que para sempre viva a memoria dos que emprendêrão, e effeituárão tão gloriosa acção, conservando-lhe em seus descendentes a emulação de adquirirem (conservando) igual gloria, á que seus maiores (ganhando) lhes deixárão, e em todo o Reino a lembrança do que deve ás casas dos valerosos libertadores da Pátria. S. Domingos de Lisboa 23 de Setembro 1641.

Fr. Fernando de Menezes.

Vistas as informações, póde-se imprimir a Relação inclusa, e depois de impressa tornará ao Conselho, para se conferir com o original, e se dar licença

ça para correr, e sem ella não correrá. Lisboa 24 de Setembro de 1641.

Fr. João de Vasconcellos. Pero da Silva. Francisco Cardoso de Torneio. Sebastião Cezar de Menezes.

Póde-se imprimir. Lisboa 25 de Setembro de 1641.

O Bispo de Targa.

Que se possa imprimir, vistas as Licenças do Santo Officio, e do Ordinario, e não correrá sem tornar a esta Meza, para se taxar. Lisboa 27 de Setembro de 1641.

Cezar. Ribeiro.

Está conforme com o seu original, em S. Domingos de Lisboa 8 de Outubro de 1641.

Fr. Fernando de Menezes.

Visto estar conforme com o original, póde correr esta Relação. Lisboa 8 de Outubro de 1641.

Fr. João de Vasconcellos. Pero da Silva. Francisco Cardoso de Torneio. Sebastião Cezar de Menezes.

Ta-

Taxão esta Relação em trinta réis. Em Lisboa a 8 de Outubro de 1641.

Menezes. Ribeiro.

PRIVILEGIO.

D. JOÃO por graça de Deos, Rei de Portugal, e dos Algarves, da quem, e dalém mar em Africa, Senhor de Guiné, &c. Faço saber que havendo respeito, ao que na Petição atraz escrita, diz o Licenciado Nicoláo da Maia, e visto as causas que alega. Ei por bem, e me praz, que nenhuma pessoa, com pena de duzentos cruzados, possa imprimir a Relação de tudo o que se passou na felice Acclamação minha, de que na dita Petição faz menção, senão Lourenço de Anveres nella nomeado, como pede: E mando ás justiças, Officiaes, e pessoas a que esta Provisão for mostrada, e o conhecimento della pertencer, que a cumprão, e guardem inteiramente como nella se contém. ElRei nosso Senhor o mandou pelos Doutores Sebastião Cezar de Menezes, e Antonio Coelho de Carvalho, ambos do seu Conselho, e Desembargadores do Paço: e

Fran-

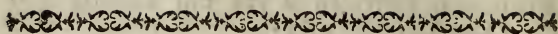
Francisco Ferreira a fez em Lisboa a 7 de Outubro de 1641.

Sebastião Cezar de Menezes.
Antonio Coelho de Carvalho.

AOS FIDALGOS DE PORTUGAL.

DEspois de andarem tantos papeis, por varias partes deste Reino, divulgando os acontecimentos maravilhosos, que houve desde o primeiro de Dezembro de 1640, até o presente: não era justo que faltasse a verdadeira noticia de tudo o que houve na felice Acclamação d'ElRei nosso Senhor; e assim fiz muitas diligencias por achar quem me escrevesse esta Relação, a qual dedico a Vossas Mercês; porque como vão nella tão interessados, conhecerá o Leitor que deve de estar ajustada com a verdade; pois me atrevo a dedicalla aos mesmos que obrárão tudo o que nella se contém. Sirvão-se pois Vossas Mercês de a apadrinharem, que eu saberei convocar os engenhos, e empregar-me sempre no serviço de Vossas Mercês.

Lourenço de Anveres.

RE-

RELAÇÃO
DE
TUDO O QUE PASSOU
NA
FELICE ACLAMAÇÃO
DO
MUI ALTO,
E
MUI PODEROSO REI
D. JOÃO O QUARTO
NOSSO SENHOR,
CUJA MONARQUIA PROSPERE DEOS POR LARGOS ANNOS.

EM Novembro do anno de 1638 veio o Senhor D. Duarte de Alemanha a esta Cidade de Lisboa , e em quanto se chegava a hora de tornar-se outra vez a continuar as guerras, em que havia tantos annos , que ajudava ao Imperador, foi aposentado por D. Francisco de Faro , na quinta de seu sogro Francisco Soa-

Soares. E como se occultou ás visitas, nenhum Fidalgo houve que lhe podesse fallar. Porém D. Antonio Mascarenhas, tanto que soube da sua chegada (levado do grande amor, com que venerava a Serenissima Casa de Bragança; e do zelo da Pátria, em que desde seus primeiros annos, procurou sempre imitar a seu Pai D. Nuno Mascarenhas) fez muitas diligencias pelo ver, e alcançada a licença, lhe deo conta das insoffriveis calamidades, que este Reino padecia: procurou persuadillo a que não se fosse para Alemanha, em tempo que o seu valor devia empregar-se em conseguir a liberdade da Pátria; e restituir ao Duque seu Irmão o Cetro, que por tantos titulos lhe era devido. Assegurou-lhe que a Nobreza de Portugal estava descontente, e nomeou-lhe alguns Fidalgos, que de todo coração (como verdadeiros Portuguezes) se havião deliberado a sacudir o jugo de Castella, fundando a esperança de tão heróica empreza no amparo da excelsa Casa de Bragança. Lembrou-lhe que este amor, e este zelo herdára de seus maiores, pois já seu Pai D. Nuno Mascarenhas fôra a Villa Viçosa no anno

no

no de 1617, em que ao Porto de Lisboa veio a frota de Indias, só com animo de persuadir ao Duque D. Theodosio, Pai de Sua Magestade, a que se lembrasse do mortal aggravo, que El-Rei de Castella lhe fazia, em lhe usurpar o Reino, de que elle era legitimo successor, e que a isto respondêra que não era ainda chegada a hora da restauração de Portugal. Lembrou-lhe tambem que o amor, e o zelo da Pátria o inquietavão de tal maneira, que no anno de 1637, quando foi a alteração do Alem-Téjo, fôra a Evora a amoestar aos cabeças daquella parcialidade, que não desistissem do começado, e que para que a empreza tivesse bom successo, pedissem amparo á Casa de Bragança. Em fim discorreo sobre a materia com tal afeito, que fez grandissimo abalo no coração deste Principe; e D. Francisco de Faro encontrando a Jorge de Mello, lhe rogou que fosse visitar o Senhor D. Duarte, o que elle fez logo, e tanto que chegou a ver-se em sua presença, lhe dixe: Senhor, donde se vai Vossa Fxcellencia, quando o Reino está lutando com as ondas de hum pégo de con-

contínuas vexações? e quando ElRei de Castella (em vingança do desgosto que lhe deo a alteração de Evora) nos quer aniquilar, e reduzir á mesma infelicidade de Galliza? O Duque he o legitimo Rei de Portugal: se elle não quizer aceitar o Cetro, aceite-o Vossa Excellencia, que nós saberemos sacrificar a vida em sua defensa. A isto respondeo o Senhor D. Duarte, que Deos ordenaria as cousas, como melhor nos estivesse a todos; e que offerecendo-se occasião viria de donde quer que se achasse; e não nos faltaria com seu amparo. Com isto se foi para Alemanha.

Succedeo que no seguinte anno de 1639 veio de Villa Viçosa a Almada ElRei nosso Senhor, sendo Duque, e como o zelo Portuguez alterava os espiritos de muitos Fidalgos, fôrão alguns a Almada a visitallo, e rostro a rostro lhe manifestárão seu desejo, e os que mais instancias fazião erão: D. Antonio Mascarenhas, D. Antão de Almada, D. Miguel de Almeida, Francisco de Mello, Monteiro-Mór do Reino, e Pero de Mendonça, Alcaide-Mór de Mourão. Toda esta Cidade concorreo a Almada.

Os

Os Fidalgos hião a dar mostras do seu bom animo ; e a mais gente a consolar-se em ver o ramo , que Deos nosso Senhor nos tinha deixado da Soberana Arvore dos Reis de Portugal. A todos o Duque favorecia com generosa benignidade , criando nos corações hum efficaz amor , produzido do natural agrado de seus olhos. E como estava para vir a Lisboa a visitar a Duqueza de Mantua : D. Antonio Mascarenhas lhe dixe : Senhor , tenho convocado todos os Fidalgos , para o dia que Vossa Excellencia houver de passar a Lisboa : esse dia ha de ser nosso : faça-no-lo Vossa Excellencia alegre. E porque esta sua proposta não foi admittida , ficou mui triste , e quando foi da entrada não quiz tornar a Almada com os mais Fidalgos , que hião no acompanhamento , os quaes á vista dos regalos , e das honras que elRey Nosso Senhor lhes fez , derão tão grandes mostras de agradecimento , que diz o Padre Nicoláo da Maia , que em Almada lhe dixera elRey Nosso Senhor , que havia por bem empregada a jornada , que fizera , só pela boa vontade que experimentára nos Fidalgos , e na mais

gen-

gente que lhe assistíra : pelos quaes havia de empenhar a pessoa, e o Estado : quazi profetizando o que agora mostrou por experiencia.

Em quanto elRey Nosso Senhor assistio nesta Villa, não descansavão os Fidalgos, porque de contino o estavão persuadindo, e lhe intimavão as rezõens que havia para que elle com sua grandeza desse calor á temeraria, e nunca vista empreza, a que todos estavão deliberados. Até que huma tarde dixe ao Monteiro-mor que ainda não havia ocazião, e sò esta palavra soltou de quantas vezes lhe falàrão na materia ; com a qual todos ficárão com esperança, de que algum dia poderîão ver logrado o seu dezejo. Tudo ouvia elRey Nosso Senhor e calava : observando o segredo de tal maneira, que os Fidalgos que nisto lhe falavão, dizião : Vamos a Almada que o Duque he grande Confeçor : ouve, e calla. Alguns havia, que tambem dezejavão ver o Reino fóra da sugeição de Castella, porém querião que fosse vindo elRey D. Sebastião, com huma poderoza armada, com que o Reino ficasse forte e seguro de modo que a empreza não fosse

se de perigo, e quando se lhes dava conta do negocio, perturbavão-se, e não cessavão de encarecer as grandes dificuldades, que na empreza havia: não porque lhes pezasse de ser o Duque nosso Rey; mas parecia-lhes que não teriamos forças bastantes para rezestir ao impeto de Castella. E como estes Senhores erão ricos, não querião que na empreza houvesse perigo; e por essa razão se lhes não deo conta da deliberação ultima, nem do dia, em que se havia de pôr por obra, senão na derradeira semana, quando já não havia lugar de dúvidas.

Foi-se elRey Nosso Senhor para Villa Viçoza, e os Fidalgos ficárão desconsolados, e quazi com a esperança perdida, vendo que se hia sem rezolver nada; porém o Monteiro-mor não dezistia, dando por cartas noticia do negocio ao Marquez de Ferreira, e rogando-lhe que apadrinhasse este honrado pensamento. O Marquez fazia saber tudo a elRey Nosso Senhor, e procurava todos os meios eficazes para o persuadir, e o mesmo fazia o Conde de Vimiozo, e quem apertou com mais fervor, e mais espirito foi Jorge de Mello, despois que

veio

veio para Lisboa, de Coimbra, donde havia estado, por Mestre de Campo, do terço que alli levantou, em quanto el-Rey Nosso Senhor assestio na Villa de Almada, e como elle e seu Irmão corrêrão sempre com muita amizade com o Marquez e com seu Irmão D. Rodrigo de Mello, por rezão do grande parentesco que tem com esta Caza; elles erão os que davão avizo de tudo o que os Confederados deliberavão, e do estado das cousas do Reino de Castella, com todas as mais circunstancias concernentes ao intento. Não perdião ponto estes Senhores, assim em mandar avizos, como em dispôr as cousas, e em preparar com bom modo a ultima rezolução, fazendo juntas em Emxobregas, em caza de Jorge de Mello, nas quaes D. Miguel de Almeida, D. Antonio Mascarenhas, Pero de Mendonça, D. Antão de Almada, e o mesmo Senhor da Caza, erão os que alhanavão as dificuldades. O Monteiro-mór, como rezidia em Santarém não assestia nas juntas, porém por cartas apertava, e fazia grandissimas diligencias.

Pero de Mendonça, hia muitas vezes

a Villa Viçoza a vizitar elRey Nosso Senhor, só para ver se podia conquistallo : e era tão grande o fervor e afeito com que lhe falava, que nas cortezias o tratava como Rey, e se elle o queria acompanhar, athé á porta lhe dizia: não se mova Vossa Excellencia, que lhe quero beijar os pés como legitimo e verdadeiro Rey de Portugal e Senhor nosso. Porém nenhum meio havia que fosse bastante para lhe dobrar a vontade, e para fazer que se rezolvesse de todo : E virão-se os Fidalgos em tal dezesperação que determinavão fazer vir de Alemanha o Senhor D. Duarte, e elegêrão para esta jornada ao Padre Nicoláo da Maia, de quem fiavão os maiores segredos, que na materia havia ; porém esta determinação não teve efeito, porque não estavão de todo dezesperados, de que elRey Nosso Senhor aceitasse.

Nesta Cidade assestia por agente da Caza de Bragança o Doutor João Pinto Ribeiro, Homem merecedor de grandes Cargos, por sua qualidade, e por seu talento. Elle comunicava o negocio com D. Antão de Almada, D. Miguel de Almeida, e Jorge de Mello, e buscava

os

os meios convenientes para que o intento se proseguisse e se executasse com felecidade.

Estavão já os Confederados tão rezolutos, que querião no mez de Agosto de 1640 e no seguinte de Setembro, reduzir a acto o que tanto se dezejava, asim por restituir á Caza de Bragança o Reino que Castella lhe uzurpára, como por estorvar á Patria as novas perseguiçõens, que segundo vulgarmente se dizia, ēstavão prevenidas, e se hoje Deos Nosso Senhor nos não acudira, havião de estar executadas; as quais erão unir as Crôas, introduzir Ministros Castelhanos no Governo, acrescentar os prezidios, quebrar os privilegios, consumir os homens aptos para as armas, nas guerras pertencentes á Crôa de Castella, meter o papel selado, os quartos, as alcavalas, e todos os mais tributos que atenuárão e destruirão de todo o ponto a Monarquia de Espanha. E este honrado zello do bem comum moveu os coraçõens destes Fidalgos com tanto assombro, que porque o tirano que fulminava a ruina da terra, a quem devia o ser não visse logrado seu infame pensamento, querião

cerrar os olhos a todas as dificuldades, e aclamar ao Duque por Rey, ainda que elle não viesse n'isso, porque em tal cazo ou recorrerião ao Senhor Dom Duarte, ou quando de todo ponto faltasse cabeça, se governaria o Reino como Republica, e Senhoria livre. Esta ultima calamidade estava tão proxima, que naquelle mesmo tempo se soube que na Secretaria, por Decreto do Conselho Real, se escrevião cartas para Fidalgos, em que elRei Phelipe lhes fazia a saber, que cumpria a seu serviço que o acompanhassem na jornada, que fazia para o Reino de Catalunha, com animo de tirar a nobreza de Portugal, porque não ouvesse quem impedisse as tiranias, que lhe estavão preparadas. Como esta novidade cauzou geral perturbação (em particular nos nobres) pareceu acertado suspender a aclamação, até que apertados os Fidalgos considerassem, que o seu unico remedio era elegerem Rey natural. Em quanto a nobreza afligida e instimulada com os rigores de Miguel de Vasconcellos, se queixava da força que se lhe fazia, os Confederados hião com novo alento continuando, e fizerão grandissimas di-

li-

ligencias , por ver se podião com o segredo devido atrahir a si o povo , pela qual rezão o Padre Nicolao da Maia, deu parte de tudo o que estava ordenado, aos Juizes do Povo, aos Escrivães, aos vintequatros , e aos Misteres , e a muitos Officiaes capazes de se fazer delles a confiança que o cazo pedia. Porém como o exemplo do máo successo de Evovora lhes fazia recear o castigo , todos se recolhião temerosos ; mas pode tanto o zello e o afeito do Padre Nicolao da Maia , que (ainda que com muito trabalho) os reduzio e os levou a caza de D. Antão de Almada , donde asentárão que o Povo estaria prevenido , para seguir a nobreza , quando fosse necessario , com condição , que os Fidalgos traçarião o negocio de tal modo , e farião que o empenho fosse tão grande , que huma vez metidos nelle não pudessem tornar atraz. Desta maneira ficárão conformes ; e foi isto de muita importancia , porque semelhantes emprezas não se podem levar ao cabo , sem o sequito do povo.

Quazi todos os Nobres puzerão duvidas á ida de Catalunha , e somente o Conde de Villa nova se deliberou a ir , mas

mas Jorge de Mello lhe dixe, que deixasse ir primeiro os Fidalgos mais velhos, e diante de alguns amigos lhe dixe tãobem Pero de Mendonça, que na jornada que queria fazer, era bem que se aconselhasse com homem que falasse a sua lingoa, e não com o Conde Bainete, que era Estrangeiro, e servia á Duqueza de Mantua, porem elle sem embargo de tudo, se pôz a caminho, donde passou grandes molestias, e depois de chegar a Madrid, era sua pratica ordinaria, que mais sentira o trabalho que tivera em se livrar dos Fidalgos, que lhe aconselhavão que não fosse, que o que passára no caminho: e este dito foi a rezão porque os animos se afervorarão, e se apressou a execução.

Hia crescendo grandemente o numero dos zelozos, e já havia chegado á noticia do Illustrissimo Senhor D. Rodrigo da Cunha Arcebispo de Lisboa, o qual o comunicou a alguns parentes e amigos. Tão bem D. João Pereira o declarou a muitos sugeitos bons da freguezia de S. Nicolao, de que he Prior. E quem com os Capatazes da Mizericordia, e os mais authorizados do Povo tratava o nego-

go-

gocio com grande prudencia, e segredo, era o Doutor Estevão da Cunha, Deputado do Santo Officio. E não era inferior o zelo com que fazia as mesmas diligencias João Cardozo, que foi admitido na Confederação, por ser homem de qualidade, e digno por suas partes de se fiarem delle couzas de muito porte. E o Padre Frei Luiz de Abreu, trabalhou tãobem muito em facilitar com razõens os perigos que alguns consideravão na empreza, e verdadeiramente que he digno de admiração asim o talento, como o zelo que este Religiozo mostrou em todas as ocaziõens, que no particular se offerecêrão. Veio D. Antonio Tello da Beira, a donde havia ido, por Mestre de Campo de hum terço que ElRey de Castella lhe mandou ali levantar, e D. Miguel de Almeida, e D. Antão de Almada o informarão de tudo o que se passava, e elle se mostrou em todas suas acçõens tão fino Portuguez, e tão amante da Patria, que todos fazião grandissima estimação de seu valor.

Pidia já o negocio a ultima rezolução, e para se tomar assento nas couzas, se forão continuando as juntas que em Emxo-

xobregas se fazião, em caza de Jorge de Mello, donde estava por hospede seu Irmão o Monteiro mór que havia dois mezes, que viera de Santarem. Ordenou-se em Conselho, que Pero de Mendonça fosse a Villa viçoza, e o Monteiro mor a Evora: hum a intimar a elRey Nosso Senhor, de como os apaixonados não esperavão mais que o seu beneplacito, e outro a amoestar ao Marquez de Ferreira, e a seu Irmão D. Rodrigo de Mello, que era tempo de meter todo o cabedal e fazer que elRey Nosso Senhor se acabasse de rezolver; Estando pois esta jornada prevenida, veio do Brazil nova ao Monteiro mor de que seu Filho Manoel de Mello era morto, e por esta rezão a sua ida não teve efeito; porem Pero de Mendonça se pôz logo a caminho, e chegando a Villa viçoza deu conta mui por extenso a elRei Nosso Senhor, de como os animos estavão dispostos, as armas prevenidas, o enimigo descuidado, Castella no maior aperto, a fortuna favoravel, e a ocazião chamando-nos, e abrindo-nos o caminho mais facil, que podia haver para a nossa liberdade. A cabo de alguns dias, escreveu este Fidal-

dalgo, que no Alemtejo andava a caça levantada, e que deu a entender, que ainda elRey Nosso Senhor, não estava tão docil, como nós haviamos mister. Porem despois veio, e trouxe tão boas novas, que acordarão os Senhores da Junta, que o Doutor João Pinto Ribeiro fosse a Villa Viçoza; o que elle poz logo por obra, publicando que îa a tratar de huma doação, que o Conde de Odemira fazia á Caza de Bragança, e tanto que este ultimo Embaxador se vio em Villa viçoza, considerou que facilitaria o negocio, e a felicidade seria certa, se acrescentasse ao seu grande talento, o do Secretario Antonio Paes Viegas, criado a quem a Caza de Bragança se deve com todo o encarecimento agradecida, assim pelo grande cuidado, com que há muitos annos, que se desvela em seu serviço, como porque dezejou sempre com tanto afecto ver a seu Senhor, colocado no trono, que elRey de Castella por força de armas lhe uzurpara; que quando lhe aconselhou que viesse a Almada, foi, porque sabendo o que os Fidalgos de Portugal determinavão, entendeu que para aquella determinação, seria de muita im-

importancia que o Duque viesse a parte donde os Fidalgos pudessem manifestar-lhe facilmente seu dezejo. Em fim estes dois sugeitos forão os que acabárão de persuadir a elRey Nosso Senhor. E tanto que alcansarão delle a resposta na conformidade que esperavão, se veio o Doutor João Pinto Ribeiro para Lisboa, com huma carta, em que elRey Nosso Senhor dizia aos Fidalgos, que da sua parte lhe propuzera o Doutor João Pinto Ribeiro, o que elles para liberdade da Patria, e exaltação da Caza de Bragança tinhão determinado, e que consideradas as muitas razoens, que havia para se levar ao cabo a tal acção, oferecia seu favor, e aceitava a proposta que lhe fazião, e dava poder ao mensageiro, para em seu nome ordenar e dispor tudo, como melhor, e mais seguro parecesse. Foi lida esta Carta sabado vespora de Santa Caterina 24 de Novembro de 1640, no Paço do Duque, em casa do mesmo Doutor João Pinto Ribeiro, logo se determinou o dia, em que se havia de fazer a milagroza aclamação, e foi o primeiro de Dezembro, que era o sabado seguinte, e ordenou-se, que se começasse pela

mor-

morte do Secretario Miguel de Vasconcellos. Fez-se este Conselho com tão grande alegria de todos os circunstantes, que Jorge de Mello dixe, toquemos a campainha, e ponhamos as capas por sima das cabeças, como se faz na relação quando se sentencea a morte algum delinquente. Levantou-se logo D. Antonio Telo, e tomando a mão a todos protestou que elle havia de tirar a vida ao Secretario Miguel de Vasconcellos, e todos os mais de quem se pudesse prezumir que siguirião a voz delRey de Castella: ultimamente se rezolveu que o avizo que se havia de mandar a elRey nosso Senhor, de que o sabado seguinte se havia de dar principio á restauração de Portugal saisse de Lisboa, em tempo que por nenhum modo pudesse vir de lá nova ordem, porque estando as couzas nestas alturas, qualquer novidade, e a menor dilação cauzaria irreparavel dano, que as deliberações tão arriscadas hão se de prevenir e dispor com muito vagar e dilatada consideração, mas hão-se de executar a olhos cerrados com grandissima preça; porque de outra maneira não se logrão. Chegou o avizo: e nesse mesmo

mo-

momento sairão de Villa viçoza nove proprios, huns tras outros por diversas vias, com cartas, em que elRey nosso Senhor dava conta ao Senhor D. Duarte, e lhe mandava que se saisse logo das terras do Emperador, e se viesse para Portugal, e se até este ponto se não havia feito esta diligencia, não foi porque não conhecessem todos a grande necessidade que para a ocazião havia da pessoa do Senhor D. Duarte, senão porque chamallo, antes delRey nosso Senhor se rezolver, seria não somente fazer hum muito grande dispendio, a risco de não aproveitar; mas tambem dar motivo para que os que no conselho de Castella andavão já desconfiados, e com receios, persumissem alguã couza, e em tal cazo a menor sospeita bastaria para perdição geral de tudo, e a razão de estado pedia que não se abalasse de Alemanha este Principe, se não despois de estar a empreza em acto proximo, de modo que não se pudesse dar cazo que viesse, sem ella ter efeito: alem de que, no instante em que se soube da rezolução delRey nosso Senhor, lansarão logo mão da ocazião, e não quizerão esperar

to-

todo o tempo que era necessario para ir a Alemanha e vir.

Desde o Domingo até a sexta feira daquella venturosa semana, se fizerão com grande fervor, e diligencia infinitas preparações, ajuntárão-se as armas que para o efeito erão mais acomodadas, deu-se ponto aos amigos e parentes, e muitos convidavão para hum empenho grande, que sabado ás nove horas da menhã, havião de ter no terreiro do paço, sem declararem o que era. Não se passou noite nenhuma em que não houvesse junta em caza de João Pinto Ribeiro. Hião os Fidalgos a ella com grande recato, porque importava já muito a dissimulação, e donde quer que a cada hum delles lhe anoitecia se apeava, e embuçados entravão no paço do Duque, em cujas salas tudo era sombras, e horror, e somente na caza mais oculta (que era aonde se fazia o Conselho) estava huma candeia tão desviada, e com tão pouca luz, que escassamente alumiava.

Quarta feira á noite entrou na junta hum Fidalgo a quem naquelle mesmo dia hum parente seu revelara muitas couzas que Dom Antão de Almada, lhe havia

via dito acerca do negocio , e não obstante , que o tal Fidalgo se queria unir aos Confederados , com animo de arriscar a vida pela Patria , como depois fez , achava na empreza alguns inconvenientes , e propôllos todos , para que se considerassem devagar , e se visse o meio que poderia haver , para que não succedesse alguã desgraça ; e porque todos estes inconvenientes e outros muitos mais estavão já alhanados , presumião os circunstantes que este Fidalgo vinha com pouco gosto de entrar na parsialidade , e como elle era sugeito superior por calidade e por partes , fez tanto abalo que os mares estiverão quazi revoltos , e houve quem avizou a elRey Nosso Senhor , que se não fizesse lá couza nenhuma , por quanto cá se suspendia o que estava determinado. E a menhan seguinte que foi a Quinta feira , se ajuntarão alguns no Jardim de Dom Antão de Almada , donde se dixe que o dia de antes se havia embarcado certo Fidalgo parente do que propoz as duvidas (que era tão bem sugeito mui capaz , e estava do mesmo parecer) e se presumia que passava á banda dalem , donde então assestia Miguel de

de Vasconcellos , a revelar-lhe o segredo , este receio perturbara , e confundira os coraçõens , porem estavão todos , tão firmes , tão constantes , tão intrepidos , e deliberados , que houve muitos que erão de parecer , que logo dali se fossem ao paço , e déssem de punhaladas a Miguel de Vasconcellos , e aclamassem a elRey Nosso Senhor. Outros dizião que milhor era entrar á noite , na caza donde elle costumava dar conversação a seus amigos , e tirar-lhes a vida a todos , o que Dom Miguel de Almeida reprovou , advertindo que o proverbio nos ensinava , que o que se faz á noite pela menhan se via , e com boas palavras foi aplacando , aquella demaziada paixão , nacida de valor estimulado , e acabou com todos que se não adiantassem , e que se pervenissem , não só das armas corporaes , mas ainda das espirituaes , para sabado pôrem por obra o seu pensamento , na conformidade , que se ordenara , o que todos ja reduzidos aprovarão.

Sexta feira depois de estar prevenido tudo quanto era necessario para a defensa da vida , seguindo o parecer de Dom Miguel de Almeida ; se confeçarão todos ,

dos, e se prepararão pedindo a muitos Religiozos oraçõens, e missas, e dispondo-se como quem havia de entrar em hum conflicto, em hum trance, e em hum perigo tão atroz, tão horrivel, tão estupendo, e tão alheio do que até agora virão quantas republicas houve no Universo. A tarde deste mesmo dia, fôrão alguns dos mais autorizados do povo a manifestar aos Fidalgos, que estavão com grande zelo, e vigilancia, pervenidos para o sabado seguinte; alegrarão-se os Fidalgos, vendo que na ocazião era certo que o povo os havia de seguir. Amanheceu o dezejado dia, e alem de outras muitas circunstancias, que nelle houve, para se presumir com solido fundamento, que foi este impulso disposto, e governado pela vontade divina, se considerou grande misterio em repetir então a Igreja, aquellas palavras da Epistola *ad Romanos* Cap. 13., quando o gloriozo Apostolo S. Paulo diz, que he ja ora de despertarmos, porque está a nossa salvação mais perto do que presumimos.

Fra-

Fratres hora est jam nos de somno Surgere , nunc enim proprior est nostra Salus ; quam cum credidimus.

que parecia , que o mesmo Deos nos estava dizendo , que era ja chegada aquella felice ora , que elle prometera a elRey Dom Affonso Enriques. Deu-se em fim o ponto para as nove horas da menhã , e deu-se ordem a todos , para que poucos a poucos , por varios caminhos se ajuntassem no terreiro do paço : o que se fez com recato e boa dispozição : que huns em coches , outros a cavallo , outros a pé , se dividirão em troços , por todo aquele espaço , que ha desde o arco dos pregos , até o arco do ouro. Andava ja o segredo tão publico , que o dia de antes huma criada de Dom Antão de Almada , mandou hum negro a caza de certa Senhora , cujo marido estava perseguido e prezo por Miguel de Vasconcellos , e despois de estar o negro no patio , veio ella a huma veranda , e com muito dezenfado lhe advertio em alta e inteligivel voz , que dixesse a aquella Senhora , que se não agastasse que amenhã ha-

via de ir o Senhor Dom Antão de Almada, com outros Fidalgos a matar ao Secretario, e a soltar ao Senhor seu marido. E Dom Antonio Mascarenhas encontrando no claustro de São Francisco de Emxobregas, a Miguel de Vasconcellos, passou por elle sem lhe tirar o chapeo, e perguntando-lhe alguns Fidalgos, e alguns Religiozos do mesmo Convento, porque não falava ao Secretario, respondeu que entendia que era especie de traição fazer cortezia a hum homem, a quem elle sabia de certo que havia de tirar a vida. Tão bem o Doutor João Pinto Ribeiro quando esta prodigioza menhã, veio de sua caza, á porta da Capella, a esperar que se juntassem os Fidalgos, encontrou no caminho hum dos amigos, a quem elle havia convidado, sem lhe dizer o para que, o qual como andava dezejozo de saber este segredo, lhe rogou que lhe dixesse aonde hião, e elle lhe respondeu: não he nada, himos aqui abaxo à sala dos Tudescos a tirar hum Rey e pôr outro, e logo nos tornamos para caza. Mas nenhuma couza houve de tanto asombro (em razão de andar o segredo ja na praça) como ha-

ver

ver naquella mesma hora, em que o conflicto estava proximo, quem sem saber nada, do que se preparava, entrou na Secretaria, e avizou a Miguel de Vasconcellos, amoestando-o, que se saisse lá por aquella porta do forte, que olha para o mar, e que sem demora se metesse na sua gondola, e se passase a outra banda: porem já neste tempo de estarem unidos, e rezolutos, pouco importava que o segredo se não observasse com todo o rigor, porque huma vez chegado o intento áquelles termos, não podia deixar de ter efeito, quanto mais, que se era decreto de Deos que Portugal restaurasse a perdida liberdade, que descuido, que estorvo, ou que embaraço podia haver que lhe fizesse impedimento?

Neste comenos deu o relogio nove horas, e como quando o fogo de huma mina atêa na polvora, e saem num mesmo instante por varias aberturas da terra (em copia larga com medonho impeto) mil raios, e mil despedaçados e abrazadores marmores, assi feros, assi terriveis, e assi furiozos, sairão num mesmo instante alguns Fidalgos dos coches: e logo fôrão em seu seguimento, com a

mesma deliberação , os mais que ou a cavalo ou a pé vinhão para aquelle efeito. Subirão todos intrepidos por huma e outra escada do paço , ja com as armas prontas , e dispostos para ver a cara ao maes estupendo trance , em que desde que houve guerras no mundo , se vio o coração humano.

Ficou junto ao Forte hum côche , em que estava Jorge de Mello , e seu Primo Estevão da Cunha e Antonio de Mello de Castro de cujo valor os Senhores da junta fiárão atalhar o passo ao Capitão Castelhano , que naquelle dia estava de guarda , em cazo que elle quizesse fazer alguma demonstração. Tinhão estes Fidalgos ja ao redor de si , alguns homens , que se lhe chegárão , e outros que o Padre Nicolau da Maia convocou , e não esperavão mais que ouvir o estrondo da primeira pistola , na Salla do paço , donde ja os soldados da guarda real , vendo entrar por huma e outra porta tanta quantidade de Fidalgos , se levantavão todos sobresaltados , confuzos , afligidos , e suspensos , com animo somente de cerrarem as portas , que vão para as sallas do forte , e para os quartos altos , mas

de

de se valerem tambem das alabardas, quando de improvizo, ao som de muitas armas de fogo que juntas se disparárão, meteu Dom Miguel de Almeida mão á espada, e gritando..... Liberdade, liberdade: Viva ElRey Dom João o IV. discorreu por huma e outra parte da sala, e logo veio á Veranda que cae sobre o terreiro do paço donde mostrando-se ao povo, dixe desta maneira. Valerozos Luzitanos, he chegada a hora de acudirmos: pela reputação de Portugal, e de comprar com nosso sangue a liberdade da patria. O Duque de Bragança he nosso legitimo Rey e Senhor natural. Deve-se-lhe a Coroa de direito. O Ceo por nosso meio lha restitue hoje, para que o Reino com as tiranias de Castella se não acabe de todo, antes resucite e torne a verse tão prospero como o lográrão os antigos Portuguezes: no que podemos estar certos, porque he força que se cumpra a palavra que Deos nosso Senhor nos Campos de Ourique deu ao primeiro Monarca da Luzitania. Aqui este zelozo e illustre velho (oferecendo por testemunho de sua lealdade as lagrimas, que caindo-lhe de quatro em

qua-

quatro pelo rostro o faziáo mais veneravel, e levantando a hum mesmo tempo a espada e a voz) repetio muitas vezes: liberdade, liberdade, viva ElRey Dom João o IV. ao que todo aquelle povo, que estava prezente, e prevenido ja na conformidade que os Misteres, e os mais havião prometido aos Fidalgos, correspondeu, com hum diluvio de vivas, cujos eccos pareceu que movião, e arrancavão de seu eixo as esferas. E isto servio de sinal a Jorge de Mello e aos Fidalgos, que com elle estavão no côche esperando pella ocazião: e com o brio que em tão illustres Senhores, sempre reconheceu o mundo, sairão á praça, e todos vibrando espadas, e disparando pistolas, puzerão em fugida a quantos Castelhanos, em vão guardavão aquelle posto, os quais com grande preça hião ja enviandose ás armas, e ainda hum delles andou tão diligente, e tão atrevido, que pôde alcansar hum mosquete, e deu com elle na cabeça ao Alferes Marcos Leitão de Lima, de que provavelmente morreria, se a anta que lhe adornava a parte interior do chapéo, não rezistira ao temerario golpe. O Padre Bernardo

da

da Costa comovido da insolencia deste soldado, deitou a capa no chão, e meteu a mão a huma espada e broquel, que para este fim occultamente trazia, e furiozo se meteu na praça de armas, despejando a estocadas o caminho, e foi tras delle o Capitão Jordão de Bairros de Soiza, com alguns outros da sua companhia; e todos se portarão com tanto valor, que dezesperados os inimigos de remedio, dezocuparão o Campo, e os nossos ficárão Senhores delle. Jorge de Mello tanto que vio vencida esta dificuldade, subio a Sala dos Tudescos, e se meteu com os mais. Já Marcos Antonio de Azevedo, e Paulo de Sá, arremeçando-se ás alabardas, as havião botado no chão, com ajuda do Licenciado Gabriel da Costa, quartenario da Sé de Lisboa. Verdade seja, que alentarão a este heroico atrevimento, D. Affonso de Menezes, e Gaspar de Brito Freire: os quais com bizarra deliberação, tomando cada hum sua alabarda, havião dezembaraçado todo aquelle destricto, e posto em fugida a maior parte dos Tudescos, ficando hum morto, e outro ferido, e não havendo entre os nossos, mais que huma

ma ferida, que por dezastre Antonio Telles da Silva recebeu em hum braço, de que esteve muito mal.

D. Antonio Tello (como havia dado sua palavra de despedaçar o coração do Tirano) em cujo peito se havia de abrir a porta á liberdade de Portugal, estava na galaria que vai para o forte, esperando que se começasse a batalha para dar sobre o inimigo, e tanto que vio que já na sala gemia o ar ferido das espadas e dos peloiros, temendo que hum Confidente de Miguel de Vasconcellos, que havia passado para dentro lhe desse avizo, serrou os olhos, e soltando as redeas á generoza furia entrou na Secretaria, e tras delle Pedro de Mendonça, Ayres de Saldanha, João de Saldanha de Souza, Sancho Dias de Saldanha, João de Saldanha da Gama, e seus dois Irmaõns Antonio de Saldanha, e Bertolomeu de Saldanha: Dom Gastão Coutinho, Dom João de Sá de Menezes, Camareiro mor, o Conde de Atouguia, Dom Francisco Coutinho seu Irmão, Tristão da Cunha de Ataide, Luiz da Cunha, Nuno da Cunha seus Filhos, Dom Manoel Child de Rolim seu genro, Dom Antonio da

Cu-

Cunha sobrinho do Senhor Arcebispo de Lisboa , e outros muitos , os quaes encontrárão ao Corregedor Francisco Soares de Albergaria , e porque (gritando elles : viva ElRey Dom João o IV.) lhes dixe : viva elRey Felipe , se irritarão de modo que com duas balas lhes tirárão a vida , e não obstante que matar a hum homem que não pode fazer rezistencia , parece acção indigna , com tudo , quando em huma Republica tão grande como esta , os zelozos comovidos do amor da patria , a querião resgatar ; aclamando hum novo Rey , devião serrar com as espadas , as bôcas de todos os que não seguissem a sua voz : porque matar a quem , se o deixarem vivo , poderá ser cauza de huma geral infelecidade , he razão de estado , e não vitoria : e as Leis da guerra , não se entendem , em quem mata só por conveniencia , senão em quem mata para fazer prova de seu brio , e para alcansar a honra do trofeo.

Passárão adiante estes deliberados Senhores , e á porta da Secretaria encontrárão ao Official maior Antonio Correia e alì Dom Antonio Tello , com huma faca de conchas , que levava na mão esquer-

querda, lhe deu muitas feridas, com as quaes cahio logo no chão quazi morto, porem ainda que desmaiado, e com pouco alento, se levantou, e fugio pella escadinha que vai para o quarto baixo do forte, e se pôz em salvo.

Mais adiante se atravessou em huma porta o Capitão Diogo Garcez Palha, e pelejou valerosamente, até que Dom Antonio Tello o ferio, e todos o apertárão de maneira, que se retirou apreçado, e lançandose por huma janella abaixo, foi cair na praça de armas dos Castelhanos, e dalî com huma perna quebrada se foi para a Caza da India, donde, porque nimguem o seguio, lhe foi facil escapar com vida.

Hião ja para entrar na Caza, donde estava Miguel de Vasconcellos, quando elle mesmo (que andava lutando com o temor) vendo que a morte lhe batia ja á porta, a serrou com grande preça, e entretanto que os de fora procuravão despedaçalla com machados, que para isso trazião, se arremeçou a varias armas de fogo, que estavão arrimadas a huma parede, e entre todas não achou mais que huma cravina carregada, com a qual se

es-

escondeo dentro de hum armario, que servia de papeis, ao mesmo tempo que os Fidalgos rompêrão a porta, e entrarão dentro, e fervorozos huns por huma parte, e outros por outra, buscárão todos quantos apozentos havia naquelle quarto, sem perdoar á mais occulta Camara, e vendo que não aparecia pertenderão fazer com ameaças que a gente de sua caza o descubrisse, mas como elle estava costumado a ocupar Lugares grandes não coube neste, e dentro se rezolveu huma e outra vez, com tanto rumor, que foi sentido, e nesse mesmo ponto experimentou o rigor de varias armas, até que dois pilouros, penetrandolhe a garganta, o fizérão sair descomposto, palido, e tão dezamparado ja do espirito vital, que disparando com a raiva da morte, a cravina que trazia nas maõns, bastou o estrondo della para o fazer cair com grande impeto: e escassamente o virão estendido no chão, quando todos o arrebatárão nos braços, e o precipitárão pela janella da Secretaria, só a fim de que o povo que estava no terreiro do paço, tivesse fundamento para esperar a restauração da patria, vendo morto quem o ti-

tiranizava. Era o infelice homem por sua maldade tão aborrecido de todos, que este mizeravel espectaculo, e lastimozo milagre da fortuna, em vez de enternecer, provocou a ira, e excitou a colera dos circunstantes, de tal modo, que como se ouvera ali ainda que matar, concorrerão todos ao precipitado cadaver, e competindo sobre quem seria o primeiro no rigor, e sobre quem lhe faria a maior afronta, executárão nelle varios e estupendos modos de inclemencia: hum lhe tirava os olhos, outro lhe arrancava a barba: este a couces despedaçando-lhe o rostro, o fazia mais enorme: aquelle despojando-o do vestido; mostrava aos caẽns, e ás aves o mantimento que a fortuna alî lhe oferecia: dentre a vingativa plebe, saîo furiozo hũ Mouro, que havia sido seu cativo, e sentado no seu peito, dizendolhe temerarias injurias, cauzou rizo geral, e deu entretenimento grande ao auditorio.

Ficou desta maneira o triste corpo largado ao cego impeto da plebe, e não havia ja parte alguma em todo aquelle Orizonte, donde o belicozo estrepito não soasse. Descomposta, colerica, assombra-

brada, e meia fora de huma das janelas do paço, que cáe sobre as portas da Capella, gritava a infelecissima Infanta de Saboia, pedindo soccorro, e procurando em vão com lagrimas mover os animos, e pôr obstaculo á Luzitana ira; que discorrendo impaciente de alma em alma, já não acharia impedimento mais que na poderoza mão do Criador do mundo. Subirão logo Dom Antão de Almada, Dom Luiz de Almada seu Filho, Antonio de Saldanha Governador da Torre de Belem com outros muitos, áquella mesma sala, de donde a afligida Senhora sair queria, com animo de ver se a Magestade de seu aspeito, era bastante a suspender o horrisono tumulto, e como com a preça, que pedia hum tão rigorozo aperto, se arremeçava já a porta para decer abaxo, e ver logrado seu dezejo, impedirão-lhe o passo todos estes Senhores, não colericos, mas acautelados, e com o respeito que a huma Infanta decendente delRey Dom Manoel era bem que se guardasse. Porem ella fez muitas instancias por ver se podia encaminhar o Reino para a sua antiga sugeição. O que está feito, Senhores, atéqui (dixe

sem

sem poder tomar alento) senão foi acertado , com tudo se disculpa com as insolencias desse injusto ministro, que oje pagou seus erros com a vida. Não passe o furor adiante : elRey de Espanha tem grande coração : Eu me ofereço a acabar com elle , não somente que perdôe esta dezordem , mas que a repute por merecimento , senão se levar ao cabo. Hia discorrendo com estas, e outras razõens semilhantes , e buscando com os olhos a decida , parecendolhe que ainda poderia ser de algum efeito ; mas estes Fidalgos primeiro cortezes , despois severos , fizerão que se recolhesse. Dom Antão de Almada não quis deixar aquella estancia , porque esta Senhora não saisse , e fosse cauza de alguã perturbação. Dom Luiz de Almada , Dom João da Costa , Dom Rodrigo de Menezes , Dom Antonio de Menezes com os mais que ali se acharão , vierão meter-se na galharda tropa, que ja triunfante pelo terreiro do paço hia repetindo o gloriozo nome del-Rey nosso Senhor. Logo entrando violentamente pelos ouvidos de todos, se derramarão pella Cidade os rumores das armas, e os ecos desta felice aclamação ;

e

e como em semelhantes alteraçõens, sempre o medo reprezenta perigos, dezordens, estragos, ruinas, muitos parecendolhe que o mundo se acabava, se recolherão nas cazas, e nas Igrejas, fechando portas, e procurando meios de escapar: e não foi este receio fora de rezão, porque nem o governo, nem a fortuna estava para se presumir outra couza: Huns porque tinhão noticia do que se havia preparado; outros porque o dezejo de saber o que aquilo era os comovia; e outros porque o valor natural os assegurava do perigo, saîrão, e concorrendo todos ao terreiro do paço se metêrão com os mais. Aqui não somente unidos os coraçõens, mas reduzidos os anelitos de todos a hum sonoro accento, voou pellos ares huma voz articulada por infinitas bocas, a qual publicou a toda a Cidade, a todo o Reino, e a todo o mundo, a maravilhoza restauração de Portugal; sem que fosse necessario, que se tocasse o sino da Igreja maior, como o dia de antes ficava prevenido.

Desta maneira se fôrão dividindo em tropas, huns aos Lugares mais frequentados da Cidade para convocar o povo,

ou-

outros ao Tribunal da Caza da Supplicação, para manifestar o admiravel successo aos ministros supremos da justiça: outros ao Limoeiro, e a todas as mais cadeas publicas, donde abrindo as portas, que para muitos estavão fechadas sem razão, libertárão a todos os prezos; porque em hum dia tão venturozo, em que o Reino de Portugal sahia do cativeiro, não era justo, que houvesse algum Portuguez a quem faltasse a liberdade. Outros fôrão a Caza do Illustrissimo Senhor D. Rodrigo da Cunha Arcebispo de Lisboa, a exortallo a que saisse a autorizar este acto, e ainda que elle movido da sua natural modestia, não ouzava aparecer, o fizerão sair a pé, com a Cruz alçada, acompanhado da maior parte do Clero: vierão com elle para o Senado da Camara, ao mesmo tempo que o povo assestia ao pé das escadas da Igreja da Sé, ouvindo ao Padre Nicoláo da Maia, o qual subido no ultimo degráo, com hum crucifixo na mão esquerda, e huma espada na direita, lhe dizia estas palavras: Unirão-se os nobres deste Reino, e deliberárão-se a desatar o jugo, debaxo do qual, ha sessenta an-

nos

nos que todos padecemos : tem já tirado a vida ao Secretario Miguel de Vasconcellos, e aclamado por Rey, ao Duque de Bragança; agora falta que com a solenidade costumada, arvoremos todos a bandeira da Cidade, e vamos pelas praças, e pelas ruas aclamando o novo Rey, em quem nosso Senhor quer reformar a atenuada linha dos Monarcas de Portugal. Hia proseguindo a pratica, porem veio de improvizo hum grande numero de gente, e creceu o aperto de maneira, que foi forçozo que a maior parte despejasse aquele sitio, e logo se fôrão os mais dos que alî estavão por detrás da Igreja de S. Antonio, e achando a porta do Senado da Camara fechada, baterão, e fizerão grandes diligencias, porque lhe abrissem, quando chegárão os Fidalgos, que vinhão com o Senhor Arcebispo de Lisboa, e dixerão em voz alta ao Conde de Cantanhede, que era o Prezidente, e aos mais ministros, que abrissem a porta, e deixassem entrar a nobreza, e o povo, para tirarem a bandeira, e irem com ella pella Cidade aclamando por Rey ao Duque de Bragança. Houve nisto alguma demora, até que Luiz de Gou-

vea Mialheiro abrio a porta, e entregárão a bandeira a Dom Alvaro de Abranches, o qual se pôz logo a cavallo, e veio com todo aquelle acompanhamento decendo para a Sé, e tanto que chegou á porta de S. Antonio, começou o povo todo inquieto e descomposto a gritar, dizendo que huma imagem de nosso Senhor Jesu Christo, que estava cravada na Cruz, que hia diante do Senhor Arcebispo, não somente havia despregado a mão direita, mas que tambem a havia dobrado, como que queria botar a benção a tudo o que estava feito, foi visto e admirado este peregrino acontecimento, e reconhecido por milagre, se resolverão todos em que a obra era de Deos, e vierão por varias ruas, até que chegárão ao terreiro do paço, ao mesmo tempo que por varias partes vinhão seguidos de muito povo, Martim Afonso de Mello, Tristão de Mendonça, seu Filho Henrique de Mendonça, Luiz de Mello, Porteiro mor, e seu Filho Manoel de Mello, Dom Antonio da Costa, Dom Thomas de Noronha, e seu Irmão Dom Francisco de Noronha, Francisco Brandão, Luis Alvares da Cunha, e

seu

seu Filho Duarte da Cunha, Dom Paulo da Gama, Dom Francisco de Souza, Dom Antonio de Alcaçova, Tomé de Souza, e seu Irmão o Inquizidor Diogo de Souza, Gonçalo de Tavares e Tavora, o Inquizidor Pantalião Rodrigues Pacheco, Manoel Velho, Ruy de Figueiredo, e seu Irmão Luis Gomes de Figueiredo, Luis de Mendonça, Francisco de Mello Magalhaẽns, e Luis de Brito Freire. Os quais despois de se acharem em todas as ocazioẽns, que nesta menhã houve, andarão divididos por toda a Cidade, aclamando a elRey Nosso Senhor, e com a gente que tinhão convocado, vierão acrescentar o luzido acompanhamento, com que o Senhor Arcebispo hia andando para o Paço. Chegou neste tempo, com hum montante nas mãons, acompanhado de quatro Filhos, e de alguns amigos, e criados, Miguel Maldonado, o qual não veio mais cedo, porque o Doutor João Pinto Ribeiro, dando-lhe conta da carta delRey nosso Senhor, em seu nome lhe emcomendou, que esperasse aquella menhã em caza, e que tanto que ouvisse a nova, começasse a aclamação desde o destrito

dos Anjos (que he o seu bairro) até o terreiro do paço, o que elle havia já feito, na forma que lhe estava encomendado.

Entrarão no Paço todos com grandissima alegria, e logo elligidos pello Clero, pella nobreza, e pello povo, em nome delRey Nosso Senhor como seus governadores, tomárão posse da Cadeira Real, o Senhor Arcebispo de Lisboa, o Presidente da Camara, e o Presidente do Paço.

Mandárão logo Pero de Mendonça, e Jorge de Mello, levar a nova a elRey nosso Senhor, e com grande preça despachárão Correios a todas as terras do Alemtejo, do Algarve, dentre Douro e Minho, e da Beira com avizo de tudo o que passava, e ordem para que siguissem o exemplo da Cidade de Lisboa. Depois de huma terrivel tempestade, descança o mar, asentão-se as areas, emmudecem-se os ventos, ábre-se o Ceo, aparece o Sol, desfaz-se a nevoa, converte-se o que antes era horror, em serenidade, e tornão alegres a romper as agoas, todas as embarcaçõens, que fugindo das ondas, se havião recolhido em

va-

varias enseadas : desta maneira se suspendeu de improvizo aquella espantoza e nunca vista inquietação : embainharão-se as espadas, dezaparecêrão quantas armas de fogo, em esta ocazião se disparárão, aplacou-se a ira, cessárão os gritos, acabou-se o estrondo, e sahirão a praça alegres, seguros, e agradecidos á fortuna, todos aquelles que por escaparem do tumulto, se recolherão nas Igrejas e nas cazas; tornando cada hum delles a tomar posse de tudo o que deixára exposto á furia popular, sem haver furto nem danno, nem a menor rezão de queixa: ficou a Cidade quieta, o tirano castigado, o jugo sacudido, acabadas as vexaçõens, a Patria livre, os governadores em seu Trono: e o muito esclarecido Duque de Bragança, com felecissimo auspicio aclamado, restituido, e venerado, por Monarca do Reino, que a fortuna lhe devia ha tantos annos, em que o Ceo lhe dê tantas prosperidades, que no poder, no governo, na grandeza, no decoro, na fama, nas virtudes, e na duração exceda a quantos Imperios a memoria soleniza.

LIS-

LISTA

Dos Fidalgos, que se achárão na felice Acclamação do Senhor Rei D. João IV., e restituição que se lhe fez deste Reino de Portugal.

D. Miguel de Almeida. (1)
D. Antão de Almada. (2)
Jorge de Mello. (3)
Pero de Mendonça. (4)
D. Antonio Mascarenhas. (5)

O

(1) Filho de D. Diogo de Almeida, Governador de Dio. Foi Conde de Abrantes, Conselheiro de Estado, e Vedor da Fazenda.

(2) Filho de D. Lourenço Soares de Almada. Foi Governador da Cidade, e primeiro Embaixador á Corte de Inglaterra.

(3) Filho de Manoel de Mello, Monteiro-Mór do Reino. Foi General das Galés, e Conselheiro de Guerra.

(4) Alcaide-Mór de Mourão, era filho de Francisco de Mendonça, Capitão de Marzagão. Foi Guarda-Mór d'ElRei em ausencia do Conde de Villa-Nova, Proprietario deste emprego, o qual se achava retido em Hespanha.

(5) Filho de D. Nuno Mascarenhas, Conde da Azinhaga, Alcaide-Mór de Castello de Vide, Niza, Castello novo, e Senhor de Palma. Foi Commendador dos Maninhos na Ordem de Christo.

O Doutor João Pinto Ribeiro. (1)
D. Antonio Tello. (2)
D. Gastão Coutinho. (3)
D. Luiz de Almada. (4)
D. Alvaro de Abranches. (5)
D. Affonso de Menezes. (6)
D. Antonio Luiz de Menezes. (7)

D.

---

(1) Foi depois Desembargador do Paço, Contador-Mór do Reino, Guarda-Mór da Torre do Tombo, e ultimamente Enviado á Corte de Roma ao Papa Innocencio XI.

(2) Chamárão-lhe o Queirós: era filho de D. Francisco Tello de Menezes, Governador de São Thomé. Foi Capitão-Mór das Náos da India.

(3) Filho de D. Henrique Coutinho, Commendador de Caldelas. Foi Governador da Provincia do Minho, e Conselheiro de Guerra.

(4) Filho de D. Antão de Almada: servio na guerra.

(5) Filho de Francisco Coutinho da Camara. Foi General da Provincia do Minho, e Conselheiro de Guerra.

(6) Filho de D. Fradique de Menezes, Senhor da Ponte da Barca. Foi Mestre sala do Senhor Rei D. João IV.

(7) Filho de D. Pedro de Menezes, segundo Conde de Cantanhede. Foi III. Conde do mesmo Titulo: Primeiro Marquez de Marialva, Conselheiro de Estado e Guerra, Vedor da Fazenda, Governador das Armas do Alem-Téjo, Capitão General do exercito da Extremadura, e ultimamente foi hum dos Plenipotenciarios da paz.

D. Rodrigo de Menezes. (1)
D. João da Costa. (2)
D. Antonio da Costa. (3)
D. Antonio de Alcáçova. (4)
D. João de Sá e Menezes, Camareiro-Mór. (5)
João Rodrigues de Sá. (6)
Antonio de Saldanha. (7)

Ay-

---

(1) Filho tambem de D. Pedro de Menezes, Conde Cantanhede. Foi Desembargador do Paço, Regedor das Justiças, Presidente do Desembargo do Paço, Estribeiro-Mór do Principe D. Theodozio, e seu Camarista.

(2) Filho de D. Gil Eanes da Costa. Alcaide-Mór de Castro Marim. Foi o primeiro Conde de Soure, Governador das Armas do Alem-Téjo, General da Cavallaria, e Embaixador extraordinario a Luiz IV. de França.

(3) Filho de D. Alvaro da Costa, servio na guerra da Acclamação em differentes postos.

(4) Filho de D. Pedro de Alcáçova, Alcaide-Mór de Campo maior. Passou a servir na India, e foi Capitão do Norte.

(5) Filho de Francisco de Sá e Menezes, segundo Conde de Penaguião. Foi terceiro Conde do mesmo Titulo, Camareiro-Mór dos Senhores Reis D. João IV., e D. Affonso VI. do Conselho d'Estado e Guerra; e Embaixador extraordinario a Inglaterra.

(6) Filho de Francisco de Sá e Menezes, Commendador, e Alcaide-Mór de Sines.

(7) Filho de João de Saldanha, o Abbade,

Ayres de Saldanha. (1)
João de Saldanha de Sousa. (2)
João de Saldanha da Gama. (3)
Antonio de Saldanha, seu Irmão. (4)
Bartholomeu de Saldanha, seu Irmão. (5)
Sancho dias de Saldanha. (6)

O

Commendador de S. Martinho de Santarém. Foi Alcaide-Mór de Villa Real, Capitão-Mór das Náos da India, General da Armada, que foi restaurar a Ilha terceira, Governador da Torre de Belém, Conselheiro de Guerra, e Commendador de Serrazes.

(1) Filho de Antonio de Saldanha, o Cativo, Commendador da Sabacheira. Foi Commendador, e Alcaide-Mór de Soure; servio no Alem-Téjo, em Mestre de Campo de hum Terço de Infanteria, e morreo na batalha de Montijo.

(2) Filho de Fernão de Saldanha, Senhor do Morgado de Barquerena. Foi Mestre de Campo na batalha do Montijo, Tenente General da Cavallaria na Beira, Governador das Armas de Setubal, e Deputado da Junta dos tres Estados.

(3) Filho de Luiz de Saldanha da Gama. Foi Capitão de Cavallos no exercito do Alem-Téjo, e foi morto na batalha do Montijo.

(4) Sendo Conego renunciou a vida Ecclesiastica pela militar, e achou-se na batalha do Montijo.

(5) Servio na guerra da Acclamação, e morreo na batalha de Montijo.

(6) Filho de Diogo de Saldanha. Servio na guerra, em Capitão de Cavallos, e foi morto em hum choque com os Hespanhoes em 1652.

O Conde da Touguia. (1)
D. Francisco Coutinho, seu Irmão. (2)
D. Vasco Coutinho. (3)
Martim Affonso de Mello. (4)
Luiz de Mello, Porteiro-Mór. (5)
Manoel de Mello, seu Filho. (6)
Francisco de Mello e Torres. (7)

An-

(1) Este foi o Conde D. Jeronymo de Ataide, Filho de D. Luiz de Ataide, quinto Conde de Atouguia. Foi Conselheiro d'Estado e Guerra, Governador de Tras-os-montes, e Alem-Téjo, Capitão General da Armada Real, e Presidente da Junta do Commercio.

(2) Servio na guerra, e faleceo em Elvas.

(3) Filho de D. Francisco Coutinho, o Cavaco. Servio na guerra.

(4) Filho de Antonio de Mello, Alcaide-Mór de Elvas. Foi depois Conde de S. Lourenço, Vedor da Fazenda, Governador das Armas do Alem-Téjo, Conselheiro de Estado, e Camarista do Principe D. Theodozio.

(5) Filho de Christovão de Mello, Porteiro-Mór.

(6) Succedeo a seu Pai no Emprego. Foi Regedor das Justiças, e Grão-Prior do Crato.

(7) Filho de Garcia de Mello e Torres, Capitão de Cochim. Foi o primeiro Conde da Ponte, e Marquez de Sande, General da Artilharia, Conselheiro de Estado, e Embaixador extraordinario a Inglaterra, aonde foi por Conductor da Rainha D. Catharina Infanta de Portugal, quando foi casar com ElRei Carlos II.

Antonio de Mello de Castro. (1)
D. João Pereira, Prior de S. Nicoláo. (2)
Fernão Telles da Silva. (3)
Antonio Telles da Silva. (4)
D. Fernando Telles, de Faro. (5)
D. Antonio da Cunha. (6)

Tris-

---

(1) Filho de Jeronymo de Mello e Castro, e Irmão de Diniz de Mello e Castro, Conde das Galvêas. Foi Capitão de Sofalla, e hum dos mais insignes Capitães que servírão no Estado da India, de que foi Governador.

(2) Filho de D. Francisco Pereira da Casa dos Commendadores do Pinheiro.

(3) Filho de Luiz da Silva, do Conselho de Estado, Alcaide-Mór de Cêa. Foi o primeiro Conde de Villar maior, Governador da Relação do Porto, Regedor das Justiças, Governador das Armas da Provincia da Beira, Conselheiro de Estado, e guerra, e Mordomo-Mór da Rainha D. Luiza.

(4) Irmão de Fernão Telles da Silva Conde de Vilar maior. Foi Capitão-Mór das Náos da India, Governador de todo o Estado do Brazil, e Conde de Villa pouca.

(5) Filho de Braz Telles de Menezes, Senhor e Conde de Lamaroza. Foi General da Provincia da Beira.

(6) Filho de D. Lourenço da Cunha. Foi Senhor da Taboa, Trinxante da Casa Real, Guarda-Mór da Torre do Tombo, e Deputado da Junta dos tres Estados.

Tristão da Cunha de Ataide. (1)
Luiz da Cunha de Ataide e Mello, seu Filho.
Nuno da Cunha, seu Filho. (2)
Estevão da Cunha, Deputado do Santo Officio. (3)
Luiz da Cunha, Neto de D. Antão de Almada. (4)
Luiz Alvares da Cunha. (5)
Duarte da Cunha, seu Filho.
Tristão de Mendonça. (6)
Henrique de Mendonça, seu Filho. (7)

Luiz

---

(1) Filho de Simão da Cunha de Ataide. Foi Senhor de Povolide.

(2) Foi Conde de Pontevel, Presidente do Senado, e acompanhou a Rainha D. Catharina a Inglaterra.

(3) Foi Prior de S. Jorge de Lisboa, Conego da Sé do Algarve, e Bispo Eleito de Miranda. Filho de Tristão da Cunha, Alcaide-Mór de Terena, Senhor de Gestaçó, e Panoyas.

(4) Filho de Tristão da Cunha Ribeiro, Morgado de Payo Pires. Servio na guerra, e morreo na batalha do Montijo.

(5) Filho de Duarte da Cunha de Azevedo, Morgado dos Olivaes.

(6) Filho de Pedro de Mendonça, Capitão de Chaul. Foi o primeiro Embaixador d'ElRei aos Estados de Hollanda, e General das Armas Portuguezas.

(7) Foi Commendador de Avanca.

Luiz de Mendonça, Filho de Pero de Mendonça. (1)
D. Manoel Childe Rolim. (2)
D. Francisco de Sousa. (3)
Thomé de Sousa. (4)
D. Paulo da Gama. (5)
D. Thomás de Noronha, (6)
D. Francisco de Noronha, seu Irmão.
D. Carlos de Noronha. (7)
Miguel Maldonado. (8)

Gas-

(1) Servio na guerra no Alem-Tejo. Passou quatro vezes á India, duas por Capitão-Mór das Armadas, e depois por General dos Galeões d'alto bordo. Foi Conde do Lavradio, e Vice-Rei da India.

(2) Filho de D. Francisco Rollim de Moura, XIV. Senhor da Azambuja.

(3) Foi Conde do Prado, primeiro Marquez das Minas, Embaixador extraordinario á Corte de Roma, e Presidente do Conselho de Ultramar.

(4) Filho de Fernão de Sousa, Senhor de Gouvêa. Foi Vedor da Casa Real, e Governador de Angola.

(5) Filho de D. Vasco da Gama.

(6) Filho de D. Marcos de Noronha. Foi Conde dos Arcos, Presidente do Conselho de Ultramar, e Camarista do Principe D. Theodozio.

(7) Filho de D. Antonio de Menezes, o Constancio, Alcaide-Mór de Vizeu. Foi Presidente da Meza da Consciencia, e Ordens.

(8) Escrivão da Chancellaria-Mór do Reino, e

Gaspar Maldonado.
Vicente Soares Maldonado.
Francisco Maldonado.
Sebastião Maldonado, seus Filhos.
Gonçalo de Tavares e Tavora. (1)
O Alcaide-Mór de Cintra, Gil Vaz Lobo. (2)
Ruy de Figueiredo. (3)
Luiz de Figueiredo, seu Irmão.
Gaspar de Brito Freire. (4)
Luiz de Brito Freire, seu Filho.
Manoel Velho. (5)
Francisco Brandão. (6)
Francisco Freire Brandão.
Francisco de Sampayo. (7)

LIS-

Filho de Gaspar Maldonado, que teve o mesmo Officio.

(1) Filho de Francisco Tavares, Senhor de Mira.

(2) Filho de Gomes Freire de Andrade.

(3) Filho de Jorge de Figueiredo, Senhor de Otta.

(4) Filho de Estevão de Brito Freire.

(5) Filho de Duarte Velho, e Irmão de Luiz Velho, Almirante da Armada.

(6) Filho de Carlos Brandão.

(7) Filho de Manoel de Sampayo. Foi Fronteiro-Mór, residindo em Villa-Flor, huma das suas terras na Provincia de Traz-os-montes.

LISTA DOS NOBRES.

O Padre Nicoláo da Maia.
O Capitão Marcos Antonio de Azevedo. (1)
O Capitão Vasco Coutinho de Azevedo, seu Irmão.
Francisco de Vasconcellos.
Luiz de Loureiro, Informador de Mazagão.
O Capitão Jordão de Barros de Sousa.
Antonio do Rego Beliago.
João do Rego Beliago, seu Filho.
Antonio Figueira da Maia.
O Padre Bernardo da Costa.
O Alferes Marcos Leitão de Lima.
O Licenciado Gabriel da Costa, quartanario da Sé.
Manoel da Costa, seu Irmão.
Paulo de Sá,
O Capitão Diogo Penteado.
Manoel de Novaes Carvalho.
Manoel de Azevedo.
João da Silva do Valle.
Miguel da Silva.

Gre-

---

(1) Filho de Jorge de Azevedo Coutinho, Commendador de Mata de Lobos.

Gregorio da Costa.
O Alferes Francisco de Tavora.
Gonçalo de Sampayo.
O Alferes Manoel de Sampayo.
Gaspar de Tovar.
Pedro de Abreu.
Simão Corrêa da Cunha.
Luiz Alves Banha.
Bento da Motta Gusmão.
Affonso Mendes.
Luiz Godinho, Escrivão do Pescado.
O Capitão Antonio Franco de Lima.
Alberto Raposo.
Paulo de Moura.
João Ribeiro.
O Licenciado Gaspar Clemente.

E R R A T A.

Pag. 47 Nasceo em Alcobaça, deve emendar-se Nasceo em Alcochete.